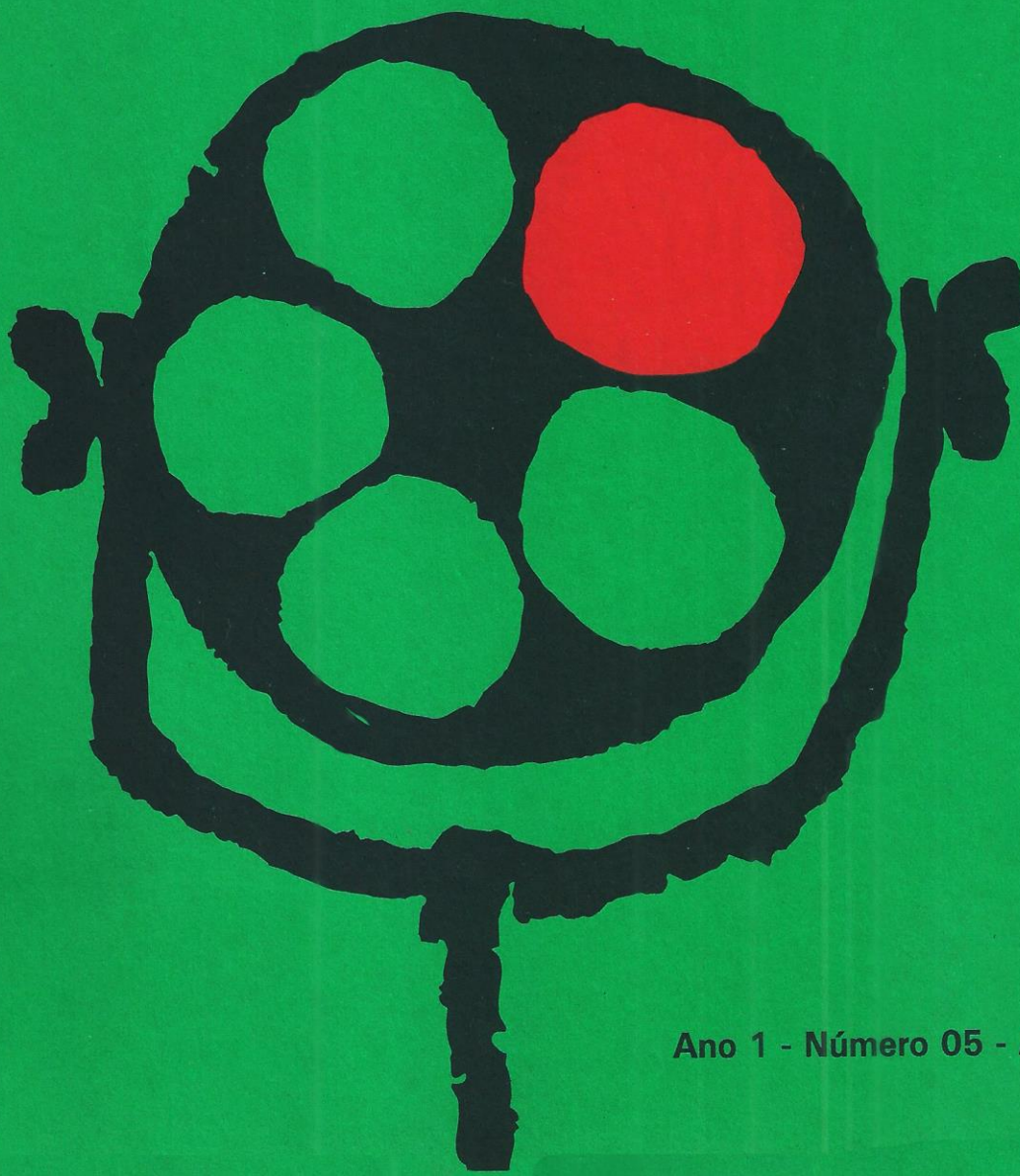


teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 1 - Número 05 - Abril de 1996

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura

Secretaria de Estado da Cultura



Governo do Estado de São Paulo
Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça
Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Mecen** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil
Analy Alvarez
Efrén Colombani
Luiz Amorim
Vera Nunes
Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 1 - número 05 - Abril de 1996

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Cely Arena

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoreção eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua da Consolação, 2333, 9º andar, São Paulo - SP
CEP 01301-980; Tel.: (011) 258-7445 Fax.: 259-9495

EDITORIAL

Teatro é ação, **ação presente em cena**, como explica o mestre de dramaturgia Chico de Assis. Essa ação, no entanto, não precisa ser, necessariamente física podendo ser interna ou dialogada. No Teatro Musical, quando a ação do texto se complementa e se funde harmoniosamente com a música, o resultado é memorável. Aliás, o teatro nasceu musicado; quem conta bem essa história e ensina, na seção *Como Fazer*, as técnicas dramatúrgicas do Teatro Musical é Neyde Veneziano, autora do livro *O Teatro de Revista no Brasil*, que aparece na seção *Livros*.

A fim de ilustrar a teoria, a **Teatro da Juventude** traz duas peças musicadas: *A Capital Federal*, de Arthur Azevedo, e *Feitiço da Vila*, de Zeca Capellini e Cláudia Della Verde. A primeira, escrita no final do século passado, é considerada por Décio de Almeida Prado “a comédia nacional de maior êxito de seu tempo e talvez de todos os tempos”. Com essa peça, iniciamos também a publicação de obras consideradas clássicas da dramaturgia nacional, um resgate necessário e solicitado por nossos leitores. A temática ingênua de uma família de roceiros do interior que chegam à Capital Federal à procura do noivo da filha, é desenvolvida numa trama bem urdida e, de uma forma saborosa e caricata, acaba traçando o perfil de uma época. Já a contemporânea *Feitiço da Vila*, um musical infanto-juvenil, combina situações realistas com ficcionistas para falar do primeiro amor.

A revista traz ainda o texto premiado de Jurandyr Pereira, *Castelo Mulumi*, dirigido a crianças a partir dos seis anos. Divertida, essa obra sugere uma reflexão sobre comportamentos e as vantagens e desvantagens de quem detém o poder – no caso, o Rei. Nesta edição, devido ao número de páginas ocupadas pelo texto *Capital Federal*, não foi possível publicarmos a seção *Glossário*, assinada por Milton Andrade, que retornará na edição 6. Boa leitura para você.

Erné Vaz Fregni

TEATRO DA JUVENTUDE IMPRESCINDÍVEL



Sou professora de português das redes estadual e municipal. Soube da reedição da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Há muitos anos tive a oportunidade de trabalhar o teatro na escola utilizando essa revista, que traz textos interessantíssimos, adequados à idade dos alunos. Atualmente trabalho como orientadora de sala de leitura e esse tipo de material me é imprescindível. Gostaria de ter em minhas mãos, novamente essa revista. Peço-lhes o favor de me enviarem os números já publicados.

Prof. Ivone Nalde
São Paulo - SP

Resp. - Os números publicados estão sendo encaminhados via correio. As próximas você poderá retirar na Secretaria da Cultura, Depto. de Artes Cênicas, Revista Teatro da Juventude, com Glorinha.

CURSO DE TEATRO



Tenho 13 anos e quero fazer um curso de teatro. Sempre vejo anúncios em jornais e revistas mas gostaria que vocês me dessem uma indicação.

Tatiana Freire de Carvalho
São Paulo - SP

Resp.: EAD - Escola de Artes Dramáticas da USP - Universidade São Paulo. Profissionalizante, tem 4 anos de duração; para ser admitido, é preciso ter 18 anos, primeiro grau, e prestar um exame de vestibular, já que são oferecidas apenas 20 vagas por ano. O curso é gratuito. Av. Prof. Luciano Gualberto, trav. J- 215, Prédio de Artes Cênicas,

*Cidade Universitária, São Paulo - SP.
CEP 055-08900. Tels. (011) 818-4132 /
818-4134.*

Teatro Escola Célia Helena

Profissionalizante, tem 3 anos de duração. Para ingressar, o interessado deve ter 14 anos, primeiro grau, e ser aprovado no teste de seleção, que é realizado em junho e novembro. Rua Barão de Iguape, 113, São Paulo - SP. CEP 01507-000. Tel. (011) 279-0470.

TRAJES DE ÉPOCA



Nosso grupo está montando uma peça de época e gostaríamos de saber se é possível encontrarmos os trajes prontos, para alugar ou comprar.

Jussara Bastos
Bauru - São Paulo

Resp.: Trajes de época ou característicos podem ser alugados na Casa do Ator, em São Paulo. Rua Casa do Ator, 248 - tel. (011) 821-9513.

ESCREVA PARA CARTAS

A seção Cartas é um canal direto entre você e a Teatro da Juventude. Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

Escreva para:

Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 9º and.
São Paulo - SP
CEP 01301-980.
Fax.: (011) 259-9495

SUMÁRIO

Como fazer

Teatro Musical	8
Neyde Veneziano	

Livros

O Teatro de Revista no Brasil	11
Neyde Veneziano	

Textos

6 a 9 anos (aproximadamente)

O Castelo de Mulumi	13
Jurandyr Pereira	

10 a 14 anos (aproximadamente)

Feitiço da Vila	29
Zeca Capelini e Claudia Dalla Verde	

15 a 18 anos (e para amadores adultos)

Capital Federal	43
Arthur de Azevedo	

TEATRO MUSICAL

Opção brasileira, o teatro musical floresceu no Brasil mais do que em qualquer lugar do mundo

Neyde Veneziano*

O teatro já nasceu musicado. O canto e a dança exerceram presença marcante nas manifestações artísticas da Antigüidade. Havia música não só nas tragédias, como também nos dramas, nas sátiras e nas comédias.

Na história mais recente, a relação do teatro com música atingiu o seu mais alto grau a partir do surgimento da ópera, na Itália do século XVI. Porém os cantos e as melodias acompanharam os atores do teatro popular, durante todo o seu percurso, desde as ruas e vielas da Grécia, passando por toda a Europa, até aportar, triunfante, em terras do além-mar.

Todo brasileiro é um *ser musical*. Talvez por isso é que o Brasil tenha uma tradição tão forte em teatro musical. A fusão de texto teatral com música e com imagens resulta num espetáculo que contagia as nossas platéias e costuma se apresentar perfeitamente sintonizado com o gosto do público. Em todas as épocas, surgem montagens de teatro-musical memoráveis. Nossos avós falam com orgulho dos espetáculos de revista aos quais puderam assistir, e nosso público atual se delicia com a mágica química que mistura texto e melodia, canto e interpretação, personagens e coreografias. Como é bom ver uma grande atriz que, além de interpretar, canta! E se souber dançar, o prazer ainda é maior...

A história está do nosso lado. Mais do que em qualquer outro lugar do mundo, o teatro musical aqui floresceu de uma forma ímpar. A opereta e o teatro de revista se instalaram no Brasil na segunda metade do século passado e, de lá para cá, o casamento do teatro com a música sempre deu certo. Um público fervilhante aplaudia seus ídolos e suas vedetes durante as primeiras décadas do século XX. Aliás, antes da era do rádio, inaugurado em 1922, o teatro de revista foi o grande responsável pela divulgação dos êxitos da música popular brasileira. E, durante muito tempo, a idéia do teatro musicado brasileiro esteve associada a balangandãs, plumas e lantejoulas, mais particularmente à imagem que se tinha do teatro de revista. Esquecemos que esse teatro teve um significado histórico e político, e o reduzimos a fantasias brilhantes e coloridas.

A partir dos anos 60, registrou-se uma crise do teatro de revista. Incompatível com a complexa realidade nacional, aquele teatro parecia se remeter a um passado politicamente ingênuo e distante das platéias ávidas em debater e combater as injustiças sociais.

Ainda assim, o gênero teatro musical não abandonou nossos palcos. Apenas mudou de cara. Espetáculos como *Arena conta Zumbi*, *Arena conta Tiradentes*, *Roda Viva* e tantos outros, além do mais recente *Gota d'Água*, passaram para a história do musical brasileiro.

Hoje, a bem sucedida carreira de musicais bem cuidados comprova a vocação brasileira para o gênero. Alegre e descontraído, o gênero musical continua atraindo platéias entusiasmadas.

O processo de criação de um espetáculo de teatro musical, no entanto, é difícil de ser adaptado ao sistema funcional da produção: ele exige um tempo longo de ensaios. Para as companhias profissionais, isso pode se tornar um problema a mais.

Todavia, há possibilidades inúmeras de se investir nesse gênero, ainda que de forma experimental, amadora ou como parte de atividades pedagógicas. Pois nada pode ser mais compensador do que o resultado concreto de disciplinas integradas. Uma vez definidos os objetivos, ou melhor, manifestado o desejo de se optar por uma realização teatral que englobe, também, a música, algumas diretrizes podem nortear o trabalho a fim de que tudo se processe com organicidade e que uma etapa não se separe da outra.

A primeira questão é a que se refere à **escolha do texto**. Não se trata de escolher, simplesmente, um texto escrito, mas de se ter contato com uma dramaturgia musical, a qual tem suas regras, leis e padrões de realização.

Um conhecimento dos diversos subgêneros que ancoraram nas águas dos musicais pode ajudar. Todos já ouvimos falar em Revista, *Vaudeville*, Opereta, *Music-hall*, em Café-concerto ou Burleta. Cada uma dessas formas dramáticas encerra em si uma técnica específica para se comunicar com o público.

Se optarmos por uma história linear, com começo, meio e fim, a qual tenha como fio condutor um casal de namorados, a

melhor solução é procurá-la nos subgêneros Opereta, Burleta, *Vaudeville* ou Comédia Musical. Mas se a opção cair sobre um tipo de espetáculo próximo das *Variedades*, no qual pensamos em introduzir *atrações* sob um enredo mais tênue ou (aparentemente) quase desconexo, podemos nos arriscar no Teatro de Revista, no Café-concerto, no Cabaré ou no Teatro de Variedades (também conhecido por *Music-Hall*). Há inúmeros textos especialmente escritos dentro dessas correntes. Alguns exemplos são as Operetas ou as Revistas de Arthur Azevedo, as Burletas de Carlos Bettencourt e Luiz Peixoto, além das Comédias Musicais contemporâneas, várias delas publicadas e de fácil acesso.

Contudo, se esse material não estiver disponível, pode-se criar uma *colagem*. A montagem-colagem escolhe trechos de textos, cenas, esquetes, imagens e sons e permite até misturá-los a cinema e vídeo. Trabalha com unidades autônomas, isto é, cada cena funciona por si e não em função das outras. A vantagem desse tipo de espetáculo é a de permitir o máximo de aproveitamento das potencialidades artísticas de jovens atores envolvidos no processo.

Quanto à **música** no teatro, cabe a ela acentuar a musicalidade dos tempos dramáticos ou acentuar a teatralidade do jogo musical. As músicas utilizadas em cena podem ter sido especialmente compostas para o espetáculo ou já existirem como consagradas.

As principais funções da música no teatro são:

- a) marcar o começo e o final da peça, como uma espécie de cortina sonora;
- b) fazer a pontuação, como valor

expressivo, colocando os espectadores em um estado musical (sonorizando passagens, apresentando personagens, sublinhando entradas e saídas, dando clima às cenas, dando arremate às cenas etc.);

c) incorporar-se ao texto quando o teatro confia a ela a tarefa de sustentar o jogo e carregar a ação dramática, através de monólogos ou solilóquios cantados, duetos, tercetos e coros, sendo possíveis diálogos intensos e plenos de ação dramática;

d) servir de acompanhamento, como música de fundo, colocando o espectador em condição inconsciente de recepção;

f) organizar a fusão com o texto (texto falado sobre a música);

g) ser o próprio motivo da cena;

h) ou sustentar coreografias.

Sob qualquer uma dessas formas, é sempre melhor a música ser *ao vivo*. Até músicos com pequena formação musical costumam ir experimentando novos sons durante os ensaios, o que resulta, sempre, numa experiência muito rica para os atores e para a platéia. Lembramos que nada pode ser mais constrangedor do que *play-backs* ou atores se levando a sério ao dublarem um cantor conhecido. Esse procedimento só se justifica quando assume um tom paródico, nas comédias.

Sobre os **ensaios**, ter-se-á em mente que esses espetáculos exigem técnica e disciplina. Pois, além de interpretar, os atores devem se acostumar a cantar juntos e a executar alguns passos simples de coreografias. E a interpretação para os estilos musicais costuma exigir um

pacto direto com a platéia, o que desenvolve a capacidade de comunicação dos atores.

Apostar no teatro é uma oportunidade de se tomar contato com novos problemas e situações que devem ser resolvidos através das personagens que encarnam.

Entrar num ensaio é desenvolver a consciência da disciplina do trabalho em equipe.

E debruçar-se sobre um texto teatral, descobrir o *som do espetáculo*, cantar e dançar juntos será, para os jovens, mais do que uma simples atividade artística. Será uma atividade em sintonia com o mundo em que eles vivem. Um caminho suave e bem ritmado para a educação integral.

Pode-se dizer, sem muito exagero, que o teatro musical é a cena dos nossos divertimentos mais populares, integrando-os com os gostos e costumes de toda uma sociedade. Ao colocá-lo em prática e tentar compreendê-lo, estar-se-á, também, buscando um encontro com as nossas raízes e com as nossas tradições culturais. Afinal, reunir música e teatro, além de ser, ao mesmo tempo, altamente instrutivo e lúdico, constitui-se numa das formas artísticas que melhor define a identidade do brasileiro. Pois foi esse teatro que contribuiu e continua a contribuir com a nossa base cultural, fixou nossos tipos, nossos costumes e, até, nosso modo genuíno de *falar à brasileira*.

* Neyde Veneziano é diretora de teatro e professora doutora pela ECA - USP. É autora do livro *O Teatro de Revista no Brasil: Dramaturgia e Convenções*.

TEATRO DE REVISTA

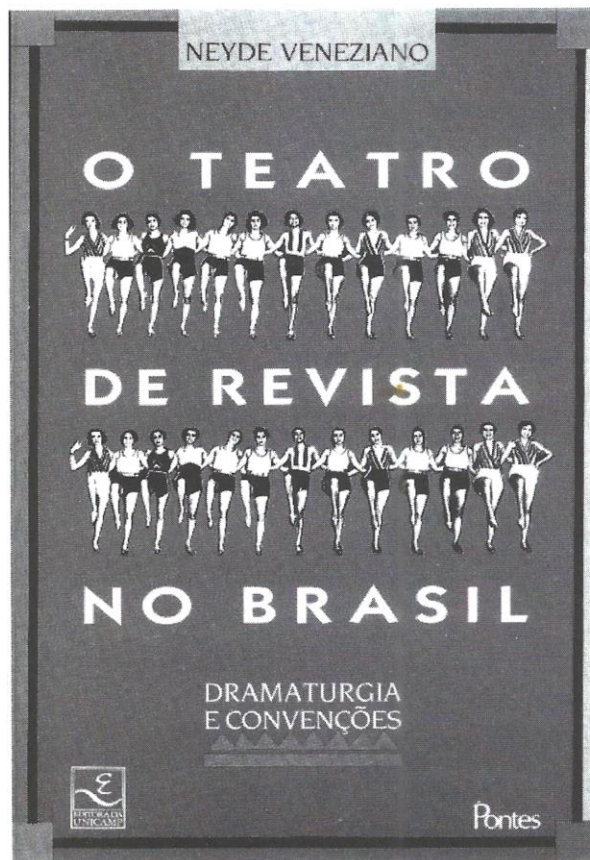
Estrutura, convenções, aspectos dramaturgicos e evolução do mais expressivo e fervilhante gênero dramaturgico que caracterizou uma época

O Teatro de Revista no Brasil, de Neyde Veneziano, Ed. da Unicamp. O Teatro de Revista brasileiro, herdeiro direto da *Commedia dell'Arte*, funcionava como uma "revista", uma revisão burlesca da sociedade, acrescida da crítica de acontecimentos e de figuras bem identificadas pelo público, com pretensões únicas de divertir. Em termos de produção teatral, foi o mais expressivo e fervilhante gênero das primeiras décadas do século XX.

Importante divulgador da autêntica música popular brasileira e introdutor do linguajar nacional, num momento em que no teatro imperava a linguagem lusitana, o Teatro de Revista, dirigido à platéia pequeno-burguesa das sociedades pré-industriais, caracterizou uma época. Definido como "revisão de fatos

e fantasias", ainda há trinta anos, o Teatro de Revista era programa obrigatório dos freqüentadores de teatro. No entanto, premido, de um lado, pelas dificuldades financeiras instaladas no país, que já não permitiam grandes produções e, de outro pela concorrência dos demais meios de comunicação, principalmente a televisão, o gênero caiu em decadência. Defensora do Teatro de Revista como manifestação cultural, Neyde

Veneziano traça na sua obra um hábil e saboroso roteiro pelo histórico do gênero, analisando as modificações que suas estruturas e convenções sofreram com o passar do tempo e destacando os aspectos dramaturgico-revisteiros. Desse modo, segundo ela, pretende "contribuir para um encontro com nossas raízes, pois é entre o novo e o velho que reside e se desenvolve a cultura de um povo".



6 a 9 anos
(aproximadamente)

O Castelo de Mulumi
Jurandyr Pereira

O CASTELO DE MULUMI

(Prêmio "Narizinho" da comissão Estadual de teatro de São Paulo)

de **Jurandyr Pereira**

Peça teatral infanto-juvenil em dois quadros

PERSONAGENS

PIRETSIM
ASSOMBRAÇÃO
REIZINHO
BOBO DE REI

CENÁRIO:

Salão do trono de um velhíssimo castelo. Escadaria para o fundo que vira à direita e à esquerda. Porta grande, estilosa, à direita. Saída também à esquerda. Um alto e velho trono à esquerda. Próximo ao trono, um antigo relógio marcando uma hora. Nele há uma porta e em seu interior cabe uma pessoa escondida. Uma arca velha próxima à escada, dentro da qual caiba alguém escondido. À direita, ao fundo, uma caminha tipo berço. Maiores caracterizações a gosto.

PRIMEIRO QUADRO

(Piretsim dorme tranquilamente em sua caminha. Entra Assombração, muito estabaneada, com sua cartilha nas mãos.)

ASSOMBRAÇÃO (lendo a cartilha): A Babá bebeu no bico do bule. Babá-ba, bebeu-beu, bico-co, bule-le. (Fecha a cartilha e experimenta falar de cor.) A Babeu bicou o bilo do babo... Ah, eu não consigo decorar isto! (Lendo.) A Babá bebeu no bico do bule. Babá-ba...

REIZINHO (entra batendo numa caçarola com uma concha por seis vezes): Seis horas! Seis horas! (Nota que Piretsim não se mexeu no berço onde dorme.)

Piretsim! Seis horas! (Recita com voz estridente e irritante.) "A noite agora mesmo sumiu/ O dia já amanheceu/ O Sol agora mesmo surgiu/ E a caçarola seis horas bateu." (Irrita-se ao perceber que Piretsim não acorda.)
Piretsim!

PIRETSIM (sonolento): Já sei, Majestade! A noite agora mesmo amanheceu e o Sol chato já acordou. (Dorme de novo.)

REIZINHO: Não é. Está errado. Você não acordou direito. Levante logo e trate de ir trabalhar.

PIRETSIM (sonado): Só um minutinho. (Dorme.)

ASSOMBRAÇÃO (tirando-lhe a coberta): Nem um segundo. Levante agora.

PIRETSIM: Ai, que frio, Majestade!

REIZINHO: Sente-se e diga os versos certinho.

ASSOMBRAÇÃO: Quer que eu diga, Matajesde?

REIZINHO: Não se meta. Você não sabe nem as suas lições.

ASSOMBRAÇÃO: Quer ver, Matajesde?

REIZINHO: Não é Matajesde. É Ma-jes-ta-de. Majestade.

ASSOMBRAÇÃO: "O Sol já bateu seis horas/ A caçarola já amanheceu/ O dia sumiu agora mesmo e... ninguém achou!

REIZINHO: Cale a boca, Assombração.

PIRETSIM: Já vou.

REIZINHO: Não é com você. Você diga os versos certinho e levante-se, preguiçoso. (Grita.) Agora!

PIRETSIM (sentando-se e dizendo bem rápido): "A noite agora mesmo sumiu/ O dia já amanheceu/ O Sol agora mesmo surgiu/ E a caçacola seis horas bateu". (Cobre-se e deita-se novamente.)

ASSOMBRAÇÃO: "O Sol já bateu seis horas/ A caçarola já sumiu..."

REIZINHO: Cale-se!

ASSOMBRAÇÃO: Matajesde...

REIZINHO: Matajesde não, Assombração burra! É Majestade. Majestade.

ASSOMBRAÇÃO: Olhe, Matajesde: ontem eu cacei este vaga-lume mas ele amanheceu morto!

REIZINHO: Pois agora coma-o. (Grita.) Piretsim!

ASSOMBRAÇÃO (aproxima-se da cabeça de Piretsim e diz por ele): "A noite sumiu na caçarola..." (Piretsim repentinamente se levanta com a coberta nas costas e caminha pelo salão, sendo seguido pelo Reizinho, que vai falando.)

REIZINHO: Por que você me dá tanto trabalho, Piretsim. Eu grito, eu chamo, eu quase morro de tanto falar e você... (Piretsim deita-se e cobre-se.)...dormindo! (Grita.) Piretsim!

PIRETSIM (senta-se na cama bem acordado): Bom dia, Majestade!

ASSOMBRAÇÃO: Bom dia, Matajesde!

REIZINHO: Ai, não! Eu fico maluco neste castelo. Ainda bem que hoje é o último dia. (Sai de cena.)

ASSOMBRAÇÃO (sai de cena tentando dizer o texto de sua cartilha de cor): O bico da Babá babou no bule. Baco-bi...

PIRETSIM: Todos os dias a mesma coisa! Não agüento mais. Qualquer hora eu vou embora daqui. É só eu quem trabalha neste castelo. O Rei não sabe fazer nada; a Assombração é burra!(Termina de dobrar a coberta e pega a vassoura.) Não se tem nem pra quem reclamar. (Toca alegre melodia e Piretsim, varrendo, vai cantando.)

"É varrer tudo bem varridinho
Tudo tem de ficar bem limpinho
A Majestade acorda zangada
E me acorda de madrugada
E me obriga a trabalhar
Sem parar pra descansar
E depois vem conferir
Se o lixo eu fiz sumir

O fogão eu tenho que acender
Ponho água pra aquecer
Cozinho para o Rei comer
Lavo, passo, depois vou cozer
Assombração é atrapalhada
Não decora nem tabuada
O Rei morre de ensinar
Só não ensina a me ajudar
Espaço tudo por aqui
Espaço tudo por ali
O trono ele quer brilhando
Eu limpo, ele vem sujando
É um serviço tão grosseiro
Este de ser faxineiro
Uma hora eu largo tudo
Pego as coisas e me mudo
Agüentar eu já não posso mais
Trabalho demais
Trabalho desde cedo
Pro Rei que vem azedo
Dizer: "Não quero assim
Venha cá, Piretsim

Pegue isto aqui
E ponha ali
E aquilo lá
Traga tudo para cá”

Se eu fosse rei de Mulumi
Pintava tudo isto aqui
Trocava o trono que é feinho
Por outro mais bonitinho
Mas se a gente é ninguém
Se contenta com o que tem
Mas eu já estou enjoado
De ser desconsiderado”

(Suspira fundo e diz:) Ai, se eu pudesse ser rei! (Senta-se no trono.)

REIZINHO (entrando): Piretsim! Tudo pronto?

PIRETSIM (pulando do trono): Sim, Majestade.

REIZINHO: Então vamos à aula para a Assombração e depois à sua lição de esgrima.

PIRETSIM: Ah, Majestade! Não podemos deixar a aula da Assombração pra depois?

REIZINHO: Não, não, não. Agora mesmo.

ASSOMBRAÇÃO (atravessa o palco lendo): A Babá bebeu no bico do bule. Babá-ba, bebeu-beu, bico-co, bule-le... (Sai.)

PIRETSIM: Essa Assombração é tão burra, Majestade! Não aprende nunca.

REIZINHO: Pelo menos aprendeu a ler. Já é alguma coisa.

PIRETSIM: Mas demorou quase mil anos!

REIZINHO (reflete, preocupado): Mil anos! (Senta-se no trono.) Hoje eu completo mil anos!

PIRETSIM: Hoje? Parabéns, Majestade!

REIZINHO: Obrigado, menino.

PIRETSIM: V. Majestade é novecentos e noventa anos mais velho do que eu.

REIZINHO (refletindo): É verdade! Você é mais novo do que... Bem mais novo!

PIRETSIM: V. Majestade deve ser feliz por durar tanto!

REIZINHO: Feliz até hoje. (Divagando distraidamente.)

PIRETSIM: Só até hoje? Por que, Majestade?

REIZINHO: Por nada. Não lhe interessa. Vamos às lições. Você e a

Assombração são os únicos súditos que eu tenho e eu preciso de vocês bem treinados para me ajudar a defender o castelo contra o inimigo.

PIRETSIM: Inimigo? Que inimigo?

REIZINHO: O inimigo, ora essa! O inimigo!

PIRETSIM: Mas, Majestade! Se durante mil anos nunca apareceu um inimigo, por que acha que vai aparecer um agora?

REIZINHO: Porque vai. Hoje vai aparecer o inimigo que eu esperei durante mil anos.

PIRETSIM: E quem é ele?

REIZINHO: Não sei quem será. A inscrição da torre do castelo... (Arrepende-se.)

PIRETSIM: Inscrição da torre do castelo?

REIZINHO: Você se interessa pelo que não deve, Piretsim. Esqueça isso e vamos à aula com a Assombração. Chame-a. (Sai.)

PIRETSIM (refletindo): Inscrição da torre do castelo! Por isso que ele nunca me deixou entrar lá. Fechou a porta com um enorme cadeado e escondeu a chave!

ASSOMBRAÇÃO (entra experimentando falar de cor): O bule bebeu no bico da Babá. (Exultante.) Decorei! Matajesde! Matajesde! Eu decorei!

PIRETSIM: Decorou nada. Está errado.

ASSOMBRAÇÃO: Decorei sim, veja: o bico bebeu na babá do bule.

PIRETSIM: Você trocou tudo!

ASSOMBRAÇÃO: Troquei? Mas eu tinha falado de corzinho agora mesmo! Espere: o bico bebeu no bebê do bule.

PIRETSIM: Não! Está errado! É assim: o bico bicou o bumbum do bebê.

ASSOMBRAÇÃO: O bumbum...

PIRETSIM: Não, não, não. Não é assim. Você até me atrapalha. É... É... A Babá bebeu no bico do bule.

ASSOMBRAÇÃO: Mas como é difícil! Precisa mesmo decorar, Piretsim?

PIRETSIM: Precisa sim. O Rei quer. (Lembrando.)

ASSOMBRAÇÃO: Preciso que você me ajude.

ASSOMBRAÇÃO: Ah, não.

PIRETSIM: Não seja preguiçosa. Ouça: se você fizer o que eu quero, eu lhe dou um pacote deste tamanho de carvões fresquinhos, deliciosos.

ASSOMBRAÇÃO: Carvões?!

PIRETSIM: É. Mas você terá que me ajudar primeiro.

ASSOMBRAÇÃO: Ajudo. (Pega a vassoura e começa a varrer.)

PIRETSIM (tirando-lhe a vassoura): Não é para varrer.

ASSOMBRAÇÃO: Ah, sei. (Pega o espanador e começa a espanar.)

PIRETSIM (tomando o espanador também): Não é limpeza, Assombração. Eu quero que você suba até a torre do castelo, leia uma frase que está escrita na parede e depois venha me contar o que leu. Pra você é fácil porque você atravessa portas sem precisar abrir, não é?

ASSOMBRAÇÃO: Frase? Ah, aquele negócio que está escrito na torre?

PIRETSIM: Isso mesmo. Você já viu lá?

ASSOMBRAÇÃO: Eu vejo todos os dias. Lá é a minha sala de estudos!

PIRETSIM: E você se lembra do que está escrito lá?

ASSOMBRAÇÃO: Se eu me lembro? Deixa ver... Mm! Não me lembro.

PIRETSIM: Você é uma coisa horrível, Assombração!

ASSOMBRAÇÃO: Ah, me lembrei! É assim: "Quando."

PIRETSIM: Só isso?

ASSOMBRAÇÃO: Não. Tem mais. (Procurando lembrar.)

PIRETSIM (tentando ajudá-la): Quando... Quando...

ASSOMBRAÇÃO: Quando... Quando... Não consigo mesmo.

PIRETSIM: Burra! (Com mais calma.) Ouça: vá até lá, leia a palavra seguinte e venha me contar. Daí você vai de novo, lê a outra palavra e vem me contar. Assim vai ser mais fácil. Vá.

ASSOMBRAÇÃO: Ah! Mas quando eu chegar aqui já me esqueci de novo.

PIRETSIM: Pixoteza!

ASSOMBRAÇÃO: Espere. Me lembrei de

mais duas palavras!

PIRETSIM: Boa, Assombração! Você é ótima! Diga lá!

ASSOMBRAÇÃO: Ah, Piretsim! Você pulou aí e eu me esqueci de novo!

PIRETSIM: Não é possível!

ASSOMBRAÇÃO: Espere. Espere. Estou me lembrando de novo. É assim:...o... rei. É isso....o rei...

PIRETSIM:...o rei... Quando o rei...

ASSOMBRAÇÃO: É isso! Quando o rei. O que quer dizer isso?

PIRETSIM (Irritado): Isso? Isso quer dizer "Quando o rei..."

ASSOMBRAÇÃO: É!? Puxa! Espere. Mais um pedaço....mil anos... Mil anos.

PIRETSIM: Mil anos...! Quando o rei... mil anos... Quando o rei... completar mil anos...

ASSOMBRAÇÃO: Completar! É isso!

PIRETSIM: Quando o rei completar mil anos... Ainda falta a parte mais importante, Assombração. Puxa! O Rei tinha falado alguma coisa sobre um inimigo... Será que é isso? Quando o rei completar mil anos, chegará o inimigo?!

ASSOMBRAÇÃO: Inimigo? Não. Não é isso. (Pensando.) Chegará... Chegará... o no... o no... Espere. Está quase saindo. (Lembrando.) O novo. É isso. Chegará o novo.

PIRETSIM: Chegará o novo? Mas novo o quê? Novo rei não pode ser.

ASSOMBRAÇÃO: É isso. Novo rei. Certo, Piretsim.

PIRETSIM (repete, atento e assustado): Quando o Rei completar mil anos... chegará o novo rei...?! Será possível isso?

ASSOMBRAÇÃO: O que quer dizer isso, Piretsim?

PIRETSIM: Raciocine, menina! Preste atenção! Quando o Rei completar mil anos, chegará o novo rei! Um novo rei! Entende?

ASSOMBRAÇÃO: Um novo rei? Que rei novo?

PIRETSIM: Isso é que não sabemos. (O Rei está entrando.) Só pode ser o novo rei

do Castelo de Mulumi!

REIZINHO: Piretsim!

PIRETSIM (assustando-se): Pronto, Majestade!

REIZINHO: O que é que você estava falando aí?

PIRETSIM: Eu, é... Sinto muito, Majestade, mas eu descobri qual é a inscrição da torre do Castelo.

REIZINHO: E como foi que conseguiu?

PIRETSIM: Usando a minha inteligência.

ASSOMBRAÇÃO: A sua, não. A minha.

REIZINHO (para a Assombração): Você é burra.

PIRETSIM: Sinto muito, Majestade. E agora eu gostaria de saber do que se trata.

REIZINHO: De uma coisa horrível. Que horas são?

ASSOMBRAÇÃO: Uma hora.

REIZINHO: Ah, esse relógio! Há mil anos que ele marca sempre uma hora. Eu sou um rei muito pobre e infeliz. Estou completando mil anos de reinado, sem nunca ter feito nada de importante! Nunca fui herói de nada! Nunca participei de nenhuma batalha! Nunca matei nada!

ASSOMBRAÇÃO: Matou sim, Matajesde. Matou um ratinho que estava roubando o seu queijo.

REIZINHO (irritado): Cale a boca! Matar rato, qualquer um mata. Rei tem que matar dragões com a espada!

ASSOMBRAÇÃO: Puxa! Se aqui tivesse um dragão, V. Matajesde podia matar ele com a espada!

REIZINHO: Agora é tarde. À meia-noite de hoje vai chegar o novo rei e eu serei substituído por ele. Vou deixar de ser rei. Vou ser um simples súdito de um rei qualquer. (Caminha decidido.) Não. Não pode. Nunca! Piretsin, feche todas as portas e janelas do castelo. Não permitiremos que o novo rei entre. Se eu conseguir evitar que ele chegue até a meia-noite, estarei salvo. Reinarei por mais mil anos. Feche tudo, Piretsim.

PIRETSIM: Sim, Majestade. (Sai depressa.)

ASSOMBRAÇÃO (vendo que o Rei está triste, no sentido de alegrá-lo, abre a

cartilha e lê): "Para pegar pombos precisa pôr pão. Para-ra, pegar-ar..."

REIZINHO: Não, não, não. Já estou enjoado de ouvir você ler essas coisas. Fique quieta.

ASSOMBRAÇÃO: Esta aqui é bonitinha. "O rato roeu a rica roupa do rei de Roma. Rato-to, roeu-eu, rica-ca..."

REIZINHO (irritado): Não quero. Não me interessa o rei de Roma. O rato fez muito bem em roer a roupa dele.

ASSOMBRAÇÃO (lendo): "A cadela comeu a comida do coioote. Cadela-ela..."

REIZINHO: Não gosto, não gosto. Pare de ler Conte-me uma estória alegre.

ASSOMBRAÇÃO (fecha o livro e fala de cor): A Babá beliscou o bumbum do bule.

REIZINHO: Não.

ASSOMBRAÇÃO: A pomba roeu o pão do rato.

REIZINHO: Não.

ASSOMBRAÇÃO: O rico ratou a roma do rau.

REIZINHO: Não.

ASSOMBRAÇÃO: O coioote cadelou a Babá.

REIZINHO (estourando): Silêncio!

ASSOMBRAÇÃO (após alguma pausa): Ah! Me lembrei de uma bem bonitinha.

REIZINHO (com medo de saber): Qual?

ASSOMBRAÇÃO: A do boné do bobo.

REIZINHO: Não quero. Não gosto. Não gosto. Não gosto. Não quero saber de bobo, de babá, de coioote, de rato, de reis... De reis, talvez. História de reis valentes, guerreiros, que comandam soldados nas grandes batalhas e que lutam destemidos contra o inimigo! De reis que desembainham sua espada e lutam sozinho contra milhões e depois são carregados como heróis pelo seu povo! Viva o rei! Viva o rei! Viva o rei!

ASSOMBRAÇÃO: Viva! Viva! Viva!

REIZINHO (quase vibra mas cai em si ao observar a Assombração): Só você!

ASSOMBRAÇÃO: Tem o Piretsim também! Quer que chame ele?

REIZINHO (refletindo): Dois súditos apenas, mil anos de idade, nenhuma aventura heróica e hoje serei substituído por um

novo rei.

ASSOMBRAÇÃO: Mas talvez ele seja um bom rei, Matajesde!

REIZINHO: Mas eu não quero ser súdito de outro rei. Um rei deve morrer sendo rei.

ASSOMBRAÇÃO: Ah, não. Mil anos, Matajesde! Não enjoa? Eu não gostaria, não. E depois, é tão bom ser súdito!

REIZINHO: Bom?! Você quer dizer que ser súdito é melhor do que ser rei?!

ASSOMBRAÇÃO: Claro que sim! (Senta-se distraidamente no trono, folheando a cartilha.)

REIZINHO: Ser rei, menina, é a coisa mais importante do mundo. Todo mundo sonha ser rei um dia.

ASSOMBRAÇÃO: Eu não sonho. Eu acho uma delícia ter um rei que é obrigado a cuidar de mim e fazer com que esta humilde assombração seja feliz. (Beijando a mão do Rei.) Muito obrigada, Matajesde.

REIZINHO (perplexo): Então é isso? Quer dizer que eu não passo de um simples pajem de vocês dois?!

ASSOMBRAÇÃO: Certo. Mas o senhor é um ÓTIMO pajem.

REIZINHO: Precisei completar mil anos para saber disso! Como são bobos os reis! Não quero mais ser reeleito.

PIRETSIM (entrando): Pronto, Majestade. Todas as portas e janelas estão fechadas.

REIZINHO: Pois abra todas elas novamente. Resolvi permitir que o novo rei entre. Quero ser feliz.

PIRETSIM: Sério, Majestade?!

REIZINHO: Claro que é sério! (Abre bem a porta de entrada do Castelo.) Que entre o novo rei! Vamos, vamos, vamos, Piretsim. Vá depressa abrir tudo de novo. Ande.

PIRETSIM (atônito): Está bem, Majestade. (Sai pensativo.)

ASSOMBRAÇÃO: Puxa, Matajesde! E depois se V. Matajesde não se acostumar em não ser rei?

REIZINHO: Acostumo sim. Quer ver? (Põe a coroa na cabeça da Assombração.)

Seja meu rei.

ASSOMBRAÇÃO (rindo nervosa e sempre sem saber conter o ridículo):

Matajesde! Que brincadeira é essa?

REIZINHO: Tome o cetro também. (Ela pega.) Agora o meu manto de arminho. (Veste-o nela.)

ASSOMBRAÇÃO: Pare com isso nenino!

REIZINHO: Fique quieta. Comporte-se como um rei! Respeite a coroa, o cetro e a coroa reais!

ASSOMBRAÇÃO: Sim, senhor!

REIZINHO (esperando): Vamos! Seja rei!

ASSOMBRAÇÃO: Rei? Bom... Como é que se faz?

REIZINHO: Como você quiser. Seja rei como você achar que deve ser. Não precis me imitar. Agora eu sou o seu súdito.

ASSOMBRAÇÃO: V. Matajeste meu súdito?! Oh, não, Matajesde. Onde já se viu uma coisa dessa!

REIZINHO: Eu quero. Seja rei, sim.

ASSOMBRAÇÃO: Está bem. Então eu sou.

REIZINHO: Dê as ordens. Dê as ordens!

ASSOMBRAÇÃO: Ah, tá bom!...Matajesde...

REIZINHO: Não me chame de Matajesde. Agora o rei é você.

ASSOMBRAÇÃO: Pois não. É... Bom... Sabe? Como é mesmo o seu nome?

REIZINHO: Não interessa. Os reis não sabem o nome de seus súditos. Me chame de súdito, pronto.

ASSOMBRAÇÃO: Pois não. O... seu súdito...

REIZINHO: Só súdito. Não precisa me chamar de seu súdito.

ASSOMBRAÇÃO: Pois não. Súdito: se não for incômodo, o senhor poderia me fazer o grande favor de...

REIZINHO: Não peça por favor e nem nada. Mande. Ordene.

ASSOMBRAÇÃO: Súdito: leia a cartilha pra mim.

REIZINHO: A cartilha? Justo isso?

ASSOMBRAÇÃO: Desculpe. Então eu peço outra coisa.

REIZINHO: Não peça desculpa. Mandou está mandado. Eu leio a cartilha. (Lê.) "O cavalo caiu na cova da curva do corvo. Cavalo-alo, cavou-ou, cova-ova, curva-urva. Pedro pegou a pena

preta e pincelou pimenta na planta do pé. (Aspira cansado.)

ASSOMBRAÇÃO: Chega. Agora traga uma bandeja cheia de carvões bem gostosos para mim.

REIZINHO (odiando a idéia): Carvões, né? Pois não, Majestade. (Sai.)

ASSOMBRAÇÃO (gozando o momento): Hi, hi, hi, hi... Macacos me lambam! Eu sou rei! Hi, hi, hi... (Sob bonita melodia, ela canta, interpretando as frases.)

“Eu sou rei
Nunca pensei
Qualquer pessoa
Com coroa
E um cetro
De quase um metro
Um casaco de arminho
Pode ser rei
Nunca pensei

Eu me sinto inteligente
Eu me sinto até valente
Se uma espada eu tivesse
O inimigo que viesse
Lutaria com milhões
Mataria dez dragões

(Repete a primeira estrofe)

Eu serei rei invencível
Eu serei um rei terrível
Que o povo orgulhoso
Me achará tão poderoso
E todos me saudarão
Todas as vozes gritarão
Viva o rei, viva o rei, viva o rei!”

REIZINHO (entrando com uma bandeja de carvões): Aqui estão os carvões, Majestade.

ASSOMBRAÇÃO (embevecida pelo orgulho real): Coma-os.

REIZINHO: Não estou com fome, Majestade.

ASSOMBRAÇÃO: Pois coma assim mesmo.

REIZINHO: Quem come carvão são somente as assombrações, Majestade. Eu não gosto! Eu sou gente!

ASSOMBRAÇÃO: Pois de agora em diante seja assombração também. Eu sou

assombração e portanto meus súditos devem se comportar como assombração também. E de agora em diante você vai ajudar Piretsim nos serviços do castelo. Quero os dois em pé às seis horas, senão eu taco a panela na cabeça de vocês. (Vendo que o rei ainda não comeu, grita, ordenando.) E agora coma os carvões.

REIZINHO (reagindo com violência, atira para o alto a bandeja com carvões): Não como. E você não serve para ser rei. Ninguém serve para ser rei. Eu sou o rei. Ninguém mais pode ser rei. (Enquanto foi falando, foi também tirando o cetro, a coroa e o manto da Assombração.) Feche essa porta. (Assustada, Assombração corre e fecha.)

PIRETSIM (entrando cansado): Pronto, Majestade. Todas as portas e janelas do castelo estão abertas novamente.

REIZINHO: Pois feche-as todas de novo.

PIRETSIM: Fechar?

REIZINHO: Fechar, sim. Feche todas. Não quero que ninguém entre no castelo hoje.

PIRETSIM: Mas Majestade! Eu acabei de abrir tudo, como o senhor mesmo mandou!

REIZINHO: Pois agora feche de novo. Não permitirei que se cumpra a profecia da torre do castelo. Não permitirei. (Passa a tranca na porta. Piretsim refestela-se no trono, cansado.) Ainda está aí? Vá fechar tudo depressa!

PIRETSIM: Sinto muito, Majestade, mas eu estou cansado.

REIZINHO: Cansado? Então você pensa que teremos tempo de descansar? Como descansar se ainda teremos a sua aula de esgrima? Vamos treinar luta de espadas até a meia-noite se for necessário. Preciso que você fique tão bom quanto eu para me ajudar a defender o castelo contra o inimigo. Vá fechar tudo depressa.

PIRETSIM: Sinto muito, Majestade. (Cruza os braços.)

REIZINHO: Ah, uma greve? Você está conspirando com o inimigo! Isso é uma traição! Isso é um crime hediondo! Sem perdão! O que é que tem a dizer em sua defesa? Ham?

PIRETSIM: Tenho direito de me cansar; e eu estou cansado.

REIZINHO: Direito? Bom. Preciso verificar se isso é legal. Aceito provisoriamente. Então... Então vamos à nossa esgrima primeiro. Pegue a sua espada.

PIRETSIM: Já disse que estou cansado, Majestade.

REIZINHO: Amanhã você descansa. Amanhã eu deixo você dormir até mais tarde. Agora precisamos trabalhar. (Coloca uma espada no colo de Piretsim.) Pegue a sua espada. Vamos lá. (Pega uma espada para si também.) Faça de conta que eu sou seu inimigo e vou atacar você. Você então se defende. Vamos lá. Isso mesmo. Fique sentado aí distraído. Eu ataco de surpresa e você se defende, tá? Mas fique atento que eu vou entrar de surpresa. (Sai de cena. Piretsim continua impassível. O Rei entra num salto e berrando.) Uáááá!

ASSOMBRAÇÃO (cai sentada de susto): Socorro! Que susto!

REIZINHO: É agora que eu vou me apoderar deste castelo!

ASSOMBRAÇÃO: Por favor! Não faça isso, seu bandido!

REIZINHO (ameaça Piretsim com sua espada, mas ele não reage): Piretsim! Você tem que se defender! Assim o inimigo mata você! Vou entrar de novo. Cuidado que agora eu vou atacar para valer, hem? (Sai e logo entra num salto.) Uáááá!

ASSOMBRAÇÃO (cai novamente): Socorro! Um inimigo!

REIZINHO: Uáááá! Uááááá! (Aproxima-se e vê que Piretsim dorme.) Dormindo?! (Sacode-o.) Piretsim, acorde! (À Assombração.) Vá buscar a caçarola. (Ela vai depressa.) Menino irresponsável! Ingrato! Me abandonar numa hora desta! Tomara que o novo rei seja um tirano e ponha você preso

numa masmorra cheia de sapo, lagartixa, barata, ratos...

ASSOMBRAÇÃO (chega batendo a caçarola): Seis horas! Seis horas! O Sol já sumiu..."

REIZINHO: "A noite agora mesmo sumiu/ O dia já amanheceu..."

PIRETSIM (acorda num sobressalto e, nervoso, ataca o Rei com sua espada): Chega! Chega! (O Rei se defende como pode.) V. Majestade é horrível, com essa mania horrível de me acordar todos os dias de madrugada com essa panela horrível, fazendo: bem, bem, bem, bem, bem... (Cada "bem" é uma espadada na espada do Rei e, na última, desarma o Rei, que cai sentado.) Estou cheio, sabia? Não agüento mais!

REIZINHO (atordoado): Piretsim! O que foi que você fez?!

PIRETSIM: Sinto muito, Majestade, mas eu o venci.

REIZINHO: E como conseguiu isso?! (Levantando-se.)

PIRETSIM: Vencendo. Eu sempre fui capaz de vencer, mas eu fingia que não. Por respeito.

REIZINHO: Pois que ninguém saiba disso, Piretsim. Que ninguém saiba.

ASSOMBRAÇÃO: Nem eu?

REIZINHO: Ninguém. Realmente foi um grande desrespeito. Como castigo, vá fechar todas as portas e janelas do castelo agora mesmo.

PIRETSIM: Eu fecho, Majestade. Vou fazer mais isso, mas é meu último serviço aqui. Vou embora depois.

ASSOMBRAÇÃO: Embora, Piretsim? Pra onde?

PIRETSIM: Por aí. Vou andando por aí até encontrar outro lugar melhor pra viver. (Saindo de cena.)

ASSOMBRAÇÃO: Quer que eu vá com você?

PIRETSIM: Não. Fique aí com o Rei.

REIZINHO (sem sinceridade): Vá. Pode ir. Eu arrumo outro mais forte e muito melhor do que você. Alguém que não

vive reclamando e me obedece direitinho. (Senta-se no trono, triste.) Vá até a torre do castelo e me traga um cofre pequeno que está lá.

ASSOMBRAÇÃO: Mas a porta está trancada!

REIZINHO: E daí? Você não é assombração? E assombração não atravessa porta mesmo sem abrir?

ASSOMBRAÇÃO: Mas o cofre não é assombração, Matajesde!

REIZINHO: É mesmo! É o primeiro raciocínio correto que você já teve! Então pegue a chave número oito do armário sete na sala seis no fundo do corredor cinco.

ASSOMBRAÇÃO: Tá. Chave sete do corredor oito...

REIZINHO: Não. É chave oito do armário sete na sala seis no fundo do corredor cinco.

ASSOMBRAÇÃO (saindo): Tá bom.

REIZINHO (triste): Hoje é o dia do meu aniversário e, ao invés de receber um presente, vou receber um inimigo e... perder meu melhor amigo! Piretsim vai embora! (Chora.) Vai embora...

SEGUNDO QUADRO

(O rei entra de um lado e a Assombração do outro, ambos desconsolados.)

ASSOMBRAÇÃO: Encontrou, Matajesde?

REIZINHO: Não.

ASSOMBRAÇÃO: Nem eu. Acho que ele foi embora mesmo. E sem se despedir!

REIZINHO: Coitadinho! Eu fui tão malcriado com ele. Eu até ia lhe pedir desculpas. Ia pedir pra ele ficar. Ia mesmo implorar pra ele ficar. (Senta-se na cama dele.) A caminha dele!

ASSOMBRAÇÃO: O cobertorzinho dele!

REIZINHO: O travesseirinho dele!

ASSOMBRAÇÃO: O piniquinho dele! (Ambos choram alto.)

REIZINHO: Tão competente! Tão inteligente! Tão educado!

ASSOMBRAÇÃO: Tão... Tão...

REIZINHO: Tudo por culpa da porcaria desse novo rei. Mas nós não permitiremos que esse sujeito entre aqui, Assombração. Não permitiremos.

ASSOMBRAÇÃO: Não permitiremos.

REIZINHO: Fique de guarda aqui, Assombração. Não deixe ninguém entrar por essa porta. Qualquer ruído, me avise. Mas atenda, Assombração. Se alguém entrar, eu... eu pico você em retalhinhos, está ouvindo? Retalhinhos. (Sai.)

ASSOMBRAÇÃO: Retalhinho. Ai! Ninguém entra. Ninguém entra. (Nisso batem à porta. Assombração dá um pulo de susto.) Ai! Estão batendo! É o novo rei! (Batem de novo.) Não abro. (Repetem as batidas.) Não abro, não abro e não abro.

BOBO DE REI (de fora): Abra, por favor!

ASSOMBRAÇÃO: Não. Não posso. Não abro.

BOBO DE REI: Quem está aí?

ASSOMBRAÇÃO: Aqui é o retalhinho. É... Eu... Eu não abro não.

BOBO DE REI: Abra. Está chovendo muito!

ASSOMBRAÇÃO: Quem é que está aí?

BOBO DE REI: Um pobre molhado.

ASSOMBRAÇÃO: É o novo rei?

BOBO DE REI: Que rei que nada! Sou um pobre coitado. Abra logo!

ASSOMBRAÇÃO: É o novo rei, sim. Eu sei que é. Não abro não.

BOBO DE REI: Não sou, não. Eu sou um simples bobo de corte.

ASSOMBRAÇÃO: Bobo? De corte? O que é isso?

BOBO DE REI: Uma espécie de palhaço real. Bobo de rei, sabe? Eu faço graça para divertir os reis.

ASSOMBRAÇÃO (abre uma frestinha e espia): Que tipo esquisito!

BOBO DE REI: Você vai me deixar entrar?

ASSOMBRAÇÃO: Bobo pode ser rei?

BOBO DE REI: Claro que não.

ASSOMBRAÇÃO: Tem certeza?

BOBO DE REI: Absoluta.

ASSOMBRAÇÃO: Olha lá, hem? Eu vou deixar você entrar só um pouquinho. Só até passar a chuva, viu?

BOBO DE REI: Tá bom. (Ela abre e ele entra. Um tipo colorido, simpático e alegre. Parece-se com Polichinelo.)

ASSOMBRAÇÃO: Ai, que engraçadinho! Depois você vai embora, está bem?

BOBO DE REI: Está. Será que o rei não gostaria de me contratar? Eu estou desempregado.

ASSOMBRAÇÃO: Não sei, não. Pode ser que tenha uma vaga. Tinha um menino aqui que foi embora. Você sabe fazer faxina, cozinhar, lavar, passar, dar aulas, lutar com espadas, fechar e abrir portas e janelas...?

BOBO DE REI: Não. Só sei fazer palhaçada.

ASSOMBRAÇÃO: Então não serve. O Rei daqui não acha nada engraçado. (Observando-o bem.) Mm! Eu acho que você é o rei novo, sim.

BOBO DE REI: Mas por que você acha?

ASSOMBRAÇÃO: Hoje deve chegar o rei novo de Mulumi. Está escrito na torre. Eu li lá.

BOBO DE REI: Que bobagem! Eu não quero ser rei de nada.

ASSOMBRAÇÃO: É? Assim é melhor, porque o rei não quer saber de outro rei por aqui.

REIZINHO (chamando de fora de cena):
Assombração!

ASSOMBRAÇÃO: Ih, o Rei! Esconda-se depressa!

BOBO DE REI: Esconder? Ah, mas eu queria falar com ele! Preciso de um emprego!

ASSOMBRAÇÃO: Deixe de ser bobo, Bobo. Esconda-se logo, senão ele te mata!

BOBO DE REI: Mata?! Ai, não. Onde?

ASSOMBRAÇÃO: Dentro do relógio. (Abre a porta do relógio e ele entra. Ela fecha em seguida.)

REIZINHO (entrando): Não me ouviu chamar?

ASSOMBRAÇÃO: Chamar? Não! Chame de novo.

REIZINHO (chamando): Assombração!

ASSOMBRAÇÃO: Ahn!

REIZINHO: Não seja burra, Assombração. Eu preciso saber que horas são de qualquer jeito.

ASSOMBRAÇÃO: Uma hora.

REIZINHO: Que uma hora! Esse relógio está parado. Preciso saber as horas certas. Dê um jeito. Conserte esse relógio depressa.

ASSOMBRAÇÃO: Mas eu não sei consertar! Quer que eu vá procurar um relojoeiro?

REIZINHO: Não, não. Não quero que ninguém entre neste castelo hoje. Conserte você mesma. (Sai resmungando, meio confuso.)

ASSOMBRAÇÃO (abre a porta do relógio e pergunta ao Bobo): Você sabe consertar relógio?

BOBO DE REI: Não sei fazer nada. Só palhaçada.

ASSOMBRAÇÃO: Mas nós temos de dar um jeito, porque o Rei quer. (Pega o espanador e começa a espaná-lo. O Bobo limpa-o com a vassoura.)

REIZINHO (chamando de fora):
Assombração!

ASSOMBRAÇÃO: Ih, vem ele de novo. Esconda-se. (O Bobo entra no relógio.)

REIZINHO (entrando): Assombração!

ASSOMBRAÇÃO: Me chamou, Matajesde?

REIZINHO: Chamei. Já está consertado?

ASSOMBRAÇÃO: Estou consertando. Ainda não terminei.

REIZINHO: Descobriu ao menos qual é o defeito?

ASSOMBRAÇÃO: Não, mas estou procurando com muito interesse.

REIZINHO: Veja se não falta corda. Dê uma olhada geral. Eu preciso saber quanto tempo falta para a meia-noite. (Sai.)

ASSOMBRAÇÃO: Sim, Matajesde. (Abrindo a porta do relógio.) Você viu se tem uma corda aí dentro?

BOBO DE REI: Não vi, não. (Procuram dentro do relógio.)

ASSOMBRAÇÃO: É. Não tem corda! Por isso é que não funciona. Precisamos encontrar uma. O Rei disse que com corda vai.

BOBO DE REI: Eu vi uma corda lá fora quando cheguei!

ASSOMBRAÇÃO: Vá buscar depressa. (Bobo sai do castelo.)

REIZINHO (entrando): (Ela cai de susto e fecha a porta depressa) Que faz aí com a porta aberta?

ASSOMBRAÇÃO: É que... eu ouvi um ruído lá fora e fui ver o que era.

REIZINHO (assustado): E viu o que era?!

ASSOMBRAÇÃO: Vi, Matajesde. Chuva! Chove que é um colosso.

REIZINHO: Feche depressa. Ponha a tranca. (Ela tranca.) E não abra mais. Mesmo que escute ruídos. Se eu encontrar você abrindo essa porta novamente, eu a transformo em... em...

ASSOMBRAÇÃO: Em retalhinhos.

REIZINHO: Em fumaça. (Sai depressa, resmungando.)

ASSOMBRAÇÃO: Fumaça?! (Abre a porta com cuidado e receio.)

REIZINHO (chamando de fora de cena): Assombração! (Ela fecha depressa e recoloca a tranca.)

ASSOMBRAÇÃO (disfarçando, responde): Oil!

REIZINHO: Que está fazendo aí?

ASSOMBRAÇÃO: Eu... Eu estou atendendo a porta.

REIZINHO: Não precisa ficar aí. Não vai abrir mesmo!(Bobo bate na porta e Assombração bate também para disfarçar.)

ASSOMBRAÇÃO: E se baterem assim?

REIZINHO: Mesmo que batam. (Bobo bate de novo e Assombração também.)

ASSOMBRAÇÃO: E se continuarem batendo?

REIZINHO: Nem que continuem batendo o dia inteiro.

BOBO DE REI (grita lá de fora): Abra!

ASSOMBRAÇÃO (grita logo em cima): Abra a porta! E se gritarem assim?

REIZINHO: Não seja imbecil! Não vai abrir! Já está pronto o relógio?

ASSOMBRAÇÃO: Quase. Vá lá pra dentro, Matajesde, que quando estiver pronto eu aviso. (Procura empurrar o Rei com respeito.)

REIZINHO (indo): Tá bom. Mas eu volto logo. Apresse. (Sai)

ASSOMBRAÇÃO (abre a porta e o Bobo entra. Fecha em seguida): Achou a

corda?

BOBO DE REI: Achei. (Mostrando-a.) Será que serve?

ASSOMBRAÇÃO: Deve servir. Vamos experimentar.

REIZINHO (de fora): Assombração!

ASSOMBRAÇÃO: Esconda-se. (O Rei entra e o Bobo abaixa-se rápido atrás do trono.)

REIZINHO: Assombração!

ASSOMBRAÇÃO: Ih, parece que o Rei está me chamando! Oi...

REIZINHO: Assombração! Toda vez que eu entro, não vejo você consertando o relógio.

ASSOMBRAÇÃO: É que estou sem ferramenta!

REIZINHO: Que ferramenta?

ASSOMBRAÇÃO: Um martelo.

REIZINHO: Pegue o meu cetro. Bata com ele. (Entrega-lhe.)

ASSOMBRAÇÃO: Obrigada. Agora vá. Com V. Matajesde aqui eu não consigo trabalhar direito.

REIZINHO: Quanto tempo?

ASSOMBRAÇÃO: Um instantinho só. Eu chamo. Vá.

REIZINHO: Vou contar até vinte e volto. Se não estiver consertado, eu rasgo você em fiozinhos. (Sai contando e continua contando alto fora de cena.) Um, dois...

ASSOMBRAÇÃO: Ai! Retalhos, fumaça, fiozinhos...

BOBO DE REI: Que rei mais exigente! Vamos consertar depressa antes que ele chegue.

ASSOMBRAÇÃO (enrolam a corda no relógio, desenrolam, jogam-na no interior do relógio, sempre conferindo se o ponteiro anda. Fora, o Rei continua contando): Não tem jeito mesmo. Entre no relógio depressa. (Bobo obedece e ela fecha a porta.)

REIZINHO (ainda fora):...dezenove e... vinte. (Entra, mal-humorado.) Já vi que não consertou!

ASSOMBRAÇÃO: Consertei, sim, Matajesde.

REIZINHO: Como consertou se ele continua marcando uma hora!

ASSOMBRAÇÃO: É que esse relógio é diferente, Matajesde. V. Matajesde precisa dar tres batidinhas nele e perguntaar: "Que horas são, relógio?", que ele responde certinho.

REIZINHO (duvidando): Espero que você não esteja brincando comigo. (Dá três batidinhas.) Que horas são, relógio?

BOBO DE REI (de dentro do relógio): Onze horas e quarenta e cinco minutos da noite. Cuco!

REIZINHO (eufórico): Que formidável! Esse relógio é incrível! Onze horas e quarenta e cinco. Faltam quinze minutos! Se eu conseguir evitar que o novo rei chegue dentro de quinze minutos, estarei salvo. Continuarei sendo rei! Atenda a porta com unhas e dentes, menina. Que ninguém entre!

ASSOMBRAÇÃO (Bobo sai do relógio): Eu acho que não vai chegar mais ninguém não. Pra mim, o novo rei é mesmo você, Bobo. Quando ele vir você aqui, vai desmaiar! Olhe aqui, seu Bobo: se você aceitar o cargo de rei, eu te corto em tirinhas, tá ouvindo? Deixe ele, que já tem prática.

BOBO DE REI (sentando-se no trono com o cetro na mão): Ser ou não ser! Eis a questão!

REIZINHO (entrando, vai direto ao relógio e dá três batidinhas): Que horas são, relógio?

BOBO DE REI (apavora-se e não consegue levantar. Responde dali mesmo): Onze e quarenta e oito.

REIZINHO (estranhando): Mm. Está economizando palavras! Onze e quarenta e oito. Está com algum defeitinho! Faltam então...

ASSOMBRAÇÃO: Doze minutinhos.

REIZINHO: Bravos, Assombração! Você está melhorando muito! (Não agüentando a tensão, Bobo corre e entra no relógio, mas o rei percebe.) O que foi isso que correu aí?!

ASSOMBRAÇÃO (antepondo-se entre o Rei e o relógio): É o Cuco do relógio que veio aqui fora conversar comigo.

REIZINHO: Cuco?! De cetro?!

ASSOMBRAÇÃO: É! Falta do que fazer!

REIZINHO (apavorado): Não acredito. Não era cuco nenhum. Eu já estava mesmo desconfiado de você. Eu sabia que você estava conspirando contra mim. Você, Assombração, deixou o novo rei entrar aqui?! Oh, oh... (Desmaia.)

ASSOMBRAÇÃO (procurando reanimar o Rei): Matajesde! Acorde! Acorde! Eu explico tudo! Matajesdinha, acorde!

REIZINHO (acordando): Ai! Por que você foi fazer isso comigo, Assombração? Eu sempre cuidei bem de você!

ASSOMBRAÇÃO: Sabe, Matajesde... Eu... Eu bem que tentei!

REIZINHO (levantando-se): Eu quero ver esse sujeito. Eu quero ver. Mande ele sair dali.

ASSOMBRAÇÃO (abrindo a porta do relógio. O Rei desembainha a espada): Saia. Vamos, saia. (Puxa-o.)

BOBO DE REI (sai fazendo muitas reverências, dando saltos, cambalhotas e gargalhadas): Majestade!

REIZINHO: Que bicho é esse?

BOBO DE REI: Eu sou um humilde bobo de rei desempregado.

REIZINHO: Bobo de rei? (Gargalha muito e repete.) Bobo! Um bobo! (Assombração e Bobo também riem.) Que susto você me deu, Assombração! Os bobos nunca podem ser reis. (Ri. De repente cai em si.) Mas... então o relógio não está funcionando?

ASSOMBRAÇÃO: O relógio é ele, Matajesde. Ele conhece as horas de cor! Minuto por minuto. Segundo por segundo.

REIZINHO: É verdade, Bobo?

BOBO DE REI: É verdade, Majestade.

REIZINHO: Então me diga: que horas são?

BOBO DE REI: Onze horas, cinqüenta e três minutos e dez segundos. Onze. Doze. Treze...

REIZINHO: Ótimo! Você trabalhará pra mim até a meia-noite. Contente?

BOBO DE REI: Finalmente um emprego. Quanto eu vou ganhar, Majestade?

REIZINHO: Ora essa! Você não sabia que os relógios trabalham de graça? Mas você é um bobo digno dos reis. Continue de guarda, Assombração. (Vai sair, quando Piretsim, que está dentro da arca, dá três batidinhas nela.)

BOBO DE REI: Estão batendo!

REIZINHO: Estão batendo? Não abra! Não abra!

ASSOMBRAÇÃO: Mas não foi na porta!

REIZINHO: Não foi na porta? E onde foi?

BOBO DE REI: Por ali, assim. Vamos esperar e ver se batem de novo.

REIZINHO (após aguardar um pouco):

Vocês estão ouvindo coisas. E como poderiam estar batendo se ninguém entrou?

ASSOMBRAÇÃO: Será que é assombração? Ai, tomara que seja! Tomara, tomara, tomara!

BOBO DE REI: Tomara nada. Eu morro de medo de assombração.

ASSOMBRAÇÃO: Medo de assombração? E como é que você não tem medo de mim?

BOBO DE REI: E você é assombração, por acaso?

ASSOMBRAÇÃO: E com muito orgulho.

BOBO DE REI (ao Rei): É apelido dela, não é?

REIZINHO: Não. É assombração, sim, mas é domesticada. Agora me diga as horas.

BOBO DE REI (apavorando-se aos poucos): Ass...som...bra...ção... de ver...dade? (Desmaia.)

REIZINHO: Desmaiou!

ASSOMBRAÇÃO: Acorde ele! Preciso saber as horas!

ASSOMBRAÇÃO: Bobo! Bobinho!

BOBO DE REI (acordando): Oh! O que aconteceu?

REIZINHO: Que horas são? Que horas são depressa!

BOBO DE REI (vendo a Assombração): Assombração! Oh! (Desmaia de novo.)

REIZINHO: Saia de perto dele que ele tem medo, Assombração! (Ela sai.) Acorde relógio! Acorde depressa!

BOBO DE REI (acordando): Oh, oh, oh...

ASSOMBRAÇÃO (aproximando-se): Está acordando?

REIZINHO: Vá pra lá. (Ela se afasta.) Bobo! Me diga as horas, por favor. Diga depressa!

BOBO DE REI: Estou sem relógio, Majestade.

REIZINHO: Como sem relógio? Você não disse que sabe as horas de cor?

ASSOMBRAÇÃO: Ele sabe sim, Matajesde.

BOBO DE REI: Oh, oh, oh...

REIZINHO: Assombração burra! Ela já foi. Ela já foi. Me diga as horas. Me diga as horas depressa, Bobo.

BOBO DE REI: Agora? Agora são onze horas, cinqüenta e seis minutos e vinte e sete segundos.

REIZINHO: Que ótimo! Faltam menos de quatro minutos. O que ainda poderá acontecer em quatro minutos? (Vai saindo, quando Assombração assusta o Bobo de propósito, com gestos.)

BOBO DE REI: Socorro! (Corre e entra no relógio.)

REIZINHO (assustando-se também e voltando): O que foi?

ASSOMBRAÇÃO: Esse Bobo bobo. Está tão assustado, Majestade!

REIZINHO (abre a porta do relógio):

Bobo!(Bobo pula nos braços do Rei.)

BOBO DE REI: Socorro! (Desmaia de novo.)

REIZINHO: Mas que inferno! Desmaiou de novo! (Coloca-o deitado na caminha de Piretsim.) E como é que eu faço agora pra saber as horas?

ASSOMBRAÇÃO: Ah, devem faltar uns dois minutos pra meia-noite, Majestade.

REIZINHO: Cale-se. Você não sabe nada. Você é burra. E não é Majestade. É Matajesde. (Em si.) Como foi que você disse?

ASSOMBRAÇÃO: Majestade. Ma-jes-ta-de!

REIZINHO: Você aprendeu, Assombração!

ASSOMBRAÇÃO: Aprendi! (Entusiasma-se e pula junto com o Rei.) A Babá bebeu no bico do bule!

REIZINHO: Bravos!

ASSOMBRAÇÃO: O rato roeu a rica roupa do rei de Roma!

REIZINHO: Viva!

ASSOMBRAÇÃO: Para pegar pombos precisa pôr pão.

REIZINHO: Maravilhoso! Maravilhoso! Este é o dia mais importante da minha vida! Agora já posso entrar para a história. O Rei que incentivou a cultura com grande êxito. Sinto-me um herói, finalmente!

PIRETSIM (abrindo a arca e ficando em pé nela): Parabéns, Majestade!

REIZINHO: Obrigado. (Em si.) Epa! Quem foi que falou?

ASSOMBRAÇÃO: Olhe, Majestade! Piretsim!

REIZINHO: Piretsim! Então era você quem estava batendo? Você estava escondido aí? Então nem foi embora?

PIRETSIM: Exatamente. Na realidade, eu nunca pensei em ir embora. Quis apenas fazer o senhor se arrepender de me irritar.

REIZINHO: Pois me arrependi mesmo, Piretsim. E peço mesmo desculpas a vocês dois. Vocês dois sempre foram meus fiéis súditos e hoje, dia do meu aniversário, estão fazendo de mim o mais feliz dos homens.

ASSOMBRAÇÃO: O mais feliz dos reis!

REIZINHO: Não. Já consegui tudo que eu queria. O que mais eu teria para fazer durante outros mil anos de reinado? Acho que uma renovação é o ideal. (Abre a porta do castelo.) Deixe que entre o novo rei. Não vamos quebrar as leis da torre. Assombração, traga-me aquele cofre que você foi buscar na torre. (Ela vai buscar depressa.)

BOBO DE REI (acordando): Oh, oh, oh...

REIZINHO: Que horas são, Bobo?

ASSOMBRAÇÃO (entrando com o cofre): Aqui está o cofre, Majestade.

BOBO DE REI: Assom... (Levanta-se e enfrenta-a.) Você é inofensiva. É mansinha. Não tenho medo de você.

(Ao Rei.) Faltam oito segundos para meia-noite.

REIZINHO: Já vai dar meia-noite e o novo rei não apareceu!

PIRETSIM: Será que a inscrição da torre do castelo caducou? (O relógio começa a acertar por si só os seus ponteiros e badala doze vezes.)

REIZINHO: O relógio! Voltou a funcionar! Então é isso! Ele só funciona uma vez cada mil anos!

ASSOMBRAÇÃO: Que bonitinho! Mas... e o novo rei?

REIZINHO (abrindo o cofre com a chave): Neste cofre está escrito o nome do novo rei. (Lê texto em uma placa de metal que retira do cofre.) O novo rei do Castelo de Mulumi é o menino Piretsim.

ASSOMBRAÇÃO: Piretsim!

TODOS (menos Piretsim): O novo rei!

REIZINHO: Que bom, menino! Fico feliz. Venha. (Senta-o no trono e veste-lhe seu manto de arminho, coloca-lhe a coroa e entrega-lhe solenemente o cetro.) Viva o Rei.

TODOS (menos Piretsim): Viva!

PIRETSIM: Eu prometo. Eu juro que vou reinar honestamente. Aqui não haverá corrupção.

TODOS: Viva! (Toca bonita e alegre melodia, que todos cantam.)

“Esta estória termina aqui
Do Castelo de Mulumi
O Rei velho saiu assim
E chegou Piretsim
O Rei velho mil anos reinou
E Piretsim começou.”

PIRETSIM: E mil anos reinarei.

TODOS: Viva o Rei, viva o Rei.
Salve o Rei, Viva o Rei, Ave Rei!

FIM

10 a 14 anos

(aproximadamente)

Feitiço da Vila

Zeca Capelini e Claudia Dalla Verde

FEITIÇO DA VILA

TEXTO INFANTIL

DE ZECA CAPELLINE E CLAUDIA DALLA VERDE

PERSONAGENS:

MANÉ

RODNEY E SIDNEY, os gêmeos

EGEU, o sapateiro / MAGO

DONA MINERVA, a quitandeira / FEITICEIRA FACEIRA

MARIA DAS GRAÇAS ou GRACINHA: batizada e protegida por Nossa Senhora

DRAGÃO

(Mané, os gêmeos e Gracinha têm por volta de 15 anos.)

CENA I

(Vila do Sol. Um muro. Rodney e Mané em cena. Se chateiam.)

RODNEY: Ai que preguiça!

MANÉ: Vamos no cinema?

RODNEY: E pegar aquele ônibus? Eu preferia tomar sorvete.

MANÉ: A geladeira do bar tá quebrada. Que tal ir lá em casa ouvir uns discos?

RODNEY: Sua mãe tá lá?

MANÉ: Tá.

RODNEY: Então não. Ela fica reclamando da altura do som.

MANÉ: Mas ela fez bolo de chocolate.

RODNEY: Então vamos logo, o que você está esperando?

MANÉ: A hora do café. Minha mãe não deixa comer bolo quente.

RODNEY: Ai que lugar chato!

SIDNEY (entrando): Chatíssimo! Aqui nunca acontece nada.

MANÉ: Tem o casamento da filha da D. Minerva no fim do mês.

RODNEY: Mais uma festa careta.

SIDNEY: Caretíssima! Que graça tem ver uma coroa casando?

RODNEY: A Izildinha é que deve estar contente. Já ia ficando pra tia.

MANÉ: Pudera, ela deve ter uns 22 anos!

RODNEY: Uma velha!

SIDNEY: Velhíssima! Se bem que era uma moça pra paquerar. Agora não vai ter mais nenhuma.

MANÉ: Nunca vi uma vila pra ter tanto homem que nem a nossa!

RODNEY: É mesmo. Na casa 1 tem dois, na 2 tem três, na 3 tem... É um caso sério.

SIDNEY: Seríssimo. Já pensaram se aqui tivesse uma garota assim de uns quinze anos, independente, que pudesse ficar até as dez na rua? (Os três sonham um pouco. Entra Seu Egeu.)

EGEU: Oi, rapazes. Vida mansa, heim?

SIDNEY: Mansíssima.

RODNEY: Mansa e chata.

SIDNEY: Chatíssima.

MANÉ: Tem serviço pra gente na sapataria, Seu Egeu?

EGEU: Hoje não, só lá pro fim de semana. (Prepara um cigarro de fumo de corda.) Vocês têm fogo aí? (De fora, voz de D. Minerva.)

MINERVA (entra com uma cesta): Seu

Egeu, Seu Egeu, Seu Egeu, Seu Egeu,
Seu Egeu!

EGEU: Eu.

MINERVA (assanhadíssima.): O senhor viu,
Seu Egeu?

EGEU: O que, D. Minerva?

MINERVA: O caminhão de mudanças. Está
entrando na vila!

EGEU: Ah, sim, o pessoal da casa 4.

MINERVA: Caminhão pequeno, acho que
eles têm pouca coisa.

EGEU: Também, é pouca gente.

MINERVA: Pouca, é?

EGEU: É, é o pai, a mãe e uma mocinha.
(Os rapazes, que estavam
desinteressados, se alertam.)

RODNEY: Caminhão de mudanças, é?

EGEU: É.

SIDNEY: Casa 4, é?

MINERVA: É.

RODNEY: Pouca gente, é?

EGEU: É. O pai...

MINERVA:... a mãe...

MANÉ: E UMA MOCINHA? (Os três se
iluminam.)

EGEU: É, assim da idade de vocês.

MINERVA: E vão morar bem em frente à sua
oficina, não é? Seu Egeu, e o meu
sapato vermelho?

EGEU: Eu sabia que tinha esquecido
alguma coisa urgente! É para o
casamento, né, D. Minerva?

MINERVA: Ó Seu Egeu, que estás ficando
parvo. É claro, é para o casamento
da minha Izildinha! (Lembrando-se.) Ai
que estou ficando parva eu também.
Ia m' esquecendo de passar à D.
Mariinha costureira. Adeusinho,
meninos, venha, Seu Egeu, venha. (Os
dois saem.)

RODNEY: É minha!

SIDNEY: Minhíssima!

MANÉ: Peraí. Com que direito?

RODNEY: Eu sou o mais velho.

MANÉ: Vocês são gêmeos, pombas!

RODNEY: É, mas eu nasci primeiro.

SIDNEY: Quem nasce primeiro é o que foi
feito por último, minha mãe falou!

MANÉ: Não estou interessado em saber
quem é o mais velho. Puxa, uma

menina! Até que enfim! Ela vai no
casamento, nós vamos dançar. (Sons
de valsa; eles dançam, sonhadores. A
valsas se mistura com os primeiros
acordes de "Feiticeira", com Carlos
Alexandre. Gracinha atravessa o
palco, de patins e boné, e vai cair
fora de cena.)

RODNEY: O que foi isso?

SIDNEY: Um pássaro?

MANÉ: Um avião?

TODOS: O Super-Homem?

SIDNEY: Vamos verificar. (Volta Gracinha.)

RODNEY: E aí, cara? Se machucou?

SIDNEY: Tu é louco, cara. Não viu a curva?

MANÉ: Você não é da vila, é?

GRACINHA: Sou sim; acabei de mudar.

RODNEY: Você, seu pai e sua mãe?

GRACINHA: Hum, hum.

SIDNEY: Pra casa 4?

GRACINHA: Sim, senhor.

MANÉ: E você é... uma menina?

GRACINHA (estende a mão): Gracinha,
muito prazer. (Decepção profunda de
Rodney e Sidney.)

RODNEY: Lugar chato...

SIDNEY: Chatíssimo!

MANÉ: Puxa, como você é bonita...

RODNEY e SIDNEY: Ela??????????

GRACINHA: Eu??????????

(BLACK-OUT)

CENA II

(Quatro carteiras. Na frente Gracinha, atrás
Rodney. Na outra fileira, Mané e Sidney. Dia
de prova.)

RODNEY (cochichando): Gracinha,
Gracinha, quem disse: "A mentira é
uma verdade que se esqueceu de
acontecer."?

GRACINHA: Mário Quintana.

RODNEY: Gracinha, Gracinha, "O quadrado
da hipotenusa..."

GRACINHA: "... é igual à soma dos
quadrados dos catetos".

RODNEY: Gracinha, Gracinha, como é que

se escreve Port Stanley?

GRACINHA: P-O-R... (Como se surpreendida pelo professor) pera aí. (Escreve um bilheteinho, que atira para Rodney quando sai da sala.)

RODNEY (lendo):

P de paz

O de ouro

R de rua

T de tesouro

ST de sorte tua

A de amor

N de não

L de linha

EY de RodnEY do meu coração.
Gracinha

Puxa! (Queda-se sonhador.)

CENA III

(Gracinha joga bolinha de gude sozinha. Gritaria de arruaça fora de cena. Sidney entra fugindo, tromba com Gracinha.)

GRACINHA: Opa, que é isso, Sidney?

SIDNEY (ofegante): São 15. Todos querem me bater!

GRACINHA: Oba, briga, vamos lá. (Sai correndo, Sidney tenta segurá-la, em vão. Pára bruscamente e volta.) Ih, rapazes, prometi pra mãe que não brigava mais!

SIDNEY: Ótimo. Vam' bora.

GRACINHA: Mas não, ofenderam meu amigo. Vamos lá. (Saem. Mais barulho. Voltam.) Seus moleques! Viram só o que é bom? Vem, Sidney, vamos tratar dos ferimentos. (Sai.)

SIDNEY (em adoração): Puxa! (Segue-a sonhador.)

CENA IV

(Vitrolinha no chão. Quarto de Mané. Escuro. Toca "Papai me empresta o carro", com Rita Lee, até "... papai eu não fumo". Sobe luz. Rodney, Sidney e Mané dançam até a música acabar e caem.)

RODNEY: Ai, se meu pai tivesse um carro.

SIDNEY: Um carrão.

MANÉ: Se eu tivesse uma garota... (Voz de Gracinha, de fora.)

GRACINHA: Mané, tô chegando!

MANÉ (todo sem graça, vai até a porta e grita): Entra, Gracinha. (Para os gêmeos, que o olham ironicamente.) É. É... é... a Gracinha. (Entra Gracinha, toda suja de graxa, com uma correia de bicicleta na mão.)

GRACINHA: Oi, pessoal. Mané, vim devolver a sua correia. (Senta-se.)

RODNEY: Tá quente, esse quarto.

SIDNEY: Quentíssimo.

GRACINHA: Então, vão tomar um pouco de ar fresco lá fora. Eu preciso mesmo falar com o Mané.

MANÉ: É... Nós vamos treinar para a pecinha da escola.

RODNEY: Que pecinha?

MANÉ: (morto de vergonha.) Romeu e Julieta.

SIDNEY: Deu pra mim. Vamos, Rodney. (Saem.)

MANÉ (procurando o texto da peça e olhando preocupado para Gracinha, que faz poses sexy): Algum problema, Gracinha?

GRACINHA (se flagrando.): Não. Com você, tudo bem?

MANÉ: Ah, achei. Olha, vamos começar de "Senhora, juro por essa lua que coroa de prata as copas destas árvores frutíferas..."

GRACINHA: "Oh, não jures pela lua, a inconstante lua que muda todos os meses em sua órbita circular, a fim de que teu amor não se mostre igualmente variável." Mané, eu não vim aqui ensaiar. Preciso falar com você.

MANÉ: Então fale, Gracinha.

GRACINHA: Você me acha machona?

MANÉ: De jeito nenhum!

GRACINHA: O Rodney e o Sidney acham, né?

MANÉ: Bom, eles...

GRACINHA: Acham, sim. Só porque eu não falo miando, que nem a Izildinha da D. Minerva, e nem fico me

CENA V

embonecando. Você acha que uma menina tem obrigação de ser igual a todas as outras meninas?

MANÉ: Não, claro, mas que preocupação besta, Gracinha. Você é ótima assim desse jeito. (Fica olhando para ela, meio aturdido. Ela interpreta o olhar.)

GRACINHA: Tá vendo? Tá vendo? Você acha, sim, que eu sou machona. Mas vocês todos vão ver uma coisa, esperem só até o casamento da Izildinha, seus... seus... (Abre a porta, os gêmeos que estavam escutando caem para dentro. Passa por cima deles.) Seus MARICAS. (Sai num rompante. Volta imediatamente.) E reparem bem: estou de SUTIÃ. (Estica a blusa e torna a sair.)

RODNEY (sentando no chão.): Nossa, que gata!

SIDNEY (levantando-se.): Gatíssima!

RODNEY: Sidney, dormimos no ponto. A gente achando que a Gracinha ia escolher um de nós, e enquanto isso o Mané, com esse ar de bobo, já ganhou a menina. Eles tão namorando!

MANÉ: É isso mesmo. Tamos, sim. E daí, vão querer resolver isso no tapa?

RODNEY (disfarçando a fúria.): Então, vamos comemorar. Música, maestro! (Sidney vai até a vitrola e coloca "Tatibitate", com Rita Lee. Os três começam uma dança que vai virando briga.)

SIDNEY: Oh, Romeu, Romeu, jogue suas tranças!

RODNEY: Oh, Julieta, onde estão suas chuteirinhas de vidro? (Forçam Mané a ajoelhar e simulam um casamento em que Mané é a noiva, Sidney o noivo e Rodney o padre.)

RODNEY: Príncipe Romeu, aceita a graciosa Julieta como sua legítima esposa?

SIDNEY: Aceito. Beije-me, Julieta. (Mané empurra Sidney e eles brigam de verdade, até a luz apagar. Fica tocando "... Sempre fui levada da breca, brincar de médico é melhor que boneca...")

(A cena se abre na oficina de Seu Egeu. Ele bate sola, e Mané o ajuda sentado num banquinho, com curativo na testa.)

MANÉ: Pois é, Seu Egeu, se eles contarem pra Gracinha da minha mentira, com que cara eu fico?

EGEU: É... A única solução é fazer a mentira virar verdade. E depressa.

MANÉ: Mas aí eu preciso ir lá, falar com ela, pedir pra namorar com ela.

EGEU: Claro.

MANÉ: E a coragem?

(Outro foco do lado oposto do palco. Quitanda de D. Minerva. Entra Gracinha com uma cesta.)

MINERVA: Bons dias. O que a menina quer?

GRACINHA: Um quilo de tomates, D.

Minerva. Maduros, que é pro molho de macarrão.

MINERVA: Então escolha aí nessa caixa. (Gracinha escolhe os tomates, de costas para Minerva.) E não me aperte demais os tomates, menina. Não m'os esborrache.

(Oficina)

EGEU: Se você teve coragem de brigar por causa da Gracinha, Mané, como é que tem medo de falar com ela?

MANÉ: É diferente, Seu Egeu. Brigar com os gêmeos eu brigo desde pequeno. Conheço eles, sei como eles batem. A Gracinha, além de praticamente desconhecida, é menina. Não sei do que eu tenho mais medo, que ela diga sim ou não.

EGEU: Sabe de uma coisa, Mané? Às vezes eu tenho a impressão que, muito mais que a Gracinha, o que você quer é levar vantagem com os gêmeos.

(Quitanda)

MINERVA: A menina vai ao casamento da minha Izildinha, pois não?

GRACINHA: Claro, D. Minerva. D. Minerva?

MINERVA: O que é?

GRACINHA: Quantos anos tem a Izildinha?

MINERVA: 21.

GRACINHA: E... faz tempo que ela namora o Rubão?

MINERVA: Eles namoraram 4 anos e noivaram 2. (Gracinha assobia baixinho.) E isso fora os seis meses que ficaram brigados quando Izildinha foi eleita Miss Vila do Sol.

GRACINHA: E... como ela fez pra namorar o Rubão?

MINERVA: Ora, Gracinha, como todo mundo faz!

GRACINHA: E como é que todo mundo faz?

(Oficina)

MANÉ (indignado): Mas, Seu Egeu, e se ela não quiser namorar comigo?

EGEU: Isso não vem ao caso. Eu quero saber se você gosta dela.

(Quitanda)

MINERVA: Ora, Gracinha, não te faças de sonsa! Bem sabes como é. Olhas, sorris, piscas... Escolhes um rapaz de quem gostas e o fazes acreditar que ele te escolheu. Só isso.

GRACINHA: E se o rapaz não me quiser?

MINERVA (olhando em volta): Então não sabes?

(Oficina)

MANÉ: Ah, eu gosto. Gosto muito, Seu Egeu. Ela é tão bonita... Só que...

(Quitanda)

MINERVA: Os gêmeos, menina, estão loucos por você, e olhes...

(Oficina)

MANÉ: Os gêmeos também gostam, e o Rodney é mais inteligente do que eu, o Sidney é mais forte...

(Quitanda)

MINERVA:... e o pai dos dois está muito bem, a farmácia dá muito dinheiro. E o Sidney tem um jeitinho para os negócios!

GRACINHA: É mesmo, D. Minerva? Eles

gostam de mim?

MINERVA: Se gostam, menina, tens é muita sorte!

GRACINHA: E o Mané?

(Oficina)

MANÉ:... Por que ela iria escolher justamente a mim, que não tenho nada?

(Quitanda)

MINERVA: Ah, o Manezinho! Sabe-se lá o que aquele menino pensa. Vive nas nuvens! E depois, Gracinha, não há comparação entre ele e os gêmeos, que ainda por cima, não é por serem meus afilhados, são dois belos rapagões!

(Oficina)

EGEU: Isso é besteira. A única coisa que você precisa é mostrar que gosta mais dela do que os outros dois juntos. Você não gostou de saber que ela era inteligente, boa de briga, até antes de saber que ela era uma menina? Prove isso pra ela, e pronto.

MANÉ: Só isso?

(Quitanda)

GRACINHA: Precisa tudo isso pra gente gostar de alguém, D. Minerva?

MINERVA: Se você é uma moça esperta, como minha Izildinha, precisa sim. Agora, se fores tolinha o suficiente para ficares à procura de um grande amor...

(Oficina)

MANÉ: Será mesmo, Seu Egeu, que só gostar de uma pessoa faz essa pessoa gostar da gente?

EGEU: Talvez não, Mané, mas dá mais coragem, deixa o mundo mais colorido. Acho mesmo que o maior encanto do amor é ter de lutar por ele. Não quer tentar, seu Mané?

(A luz desce em resistência na oficina e na

quitanda enquanto sobe no meio do palco. Aí, um espelho de pé, sem o vidro. Gracinha e Mané levantam-se ao mesmo tempo e vão na direção do espelho. Cada um pára de um lado, e trocam de roupa para a festa. Toca "Meu primeiro amor", com Nara Leão, que acaba por se fundir com a Marcha Nupcial no BLACK-OUT)

CENA VI

(Quintal da casa de D. Minerva. Um fio com lampadinhas e bandeirolas atravessa o palco. Duas cadeiras. Continua a Marcha Nupcial, que vai baixando de volume até que se ouve alarido de festa fora de cena. Entram D. Minerva e Seu Egeu. Ela está toda de vermelho, com um chapelão e leque. Ele tem terno azul-marinho, camisa branca e gravata azul.)

MINERVA: Pobre, pobre da minha Izildinha, vai-se embora de casa, a minha miúda que nunca saiu d'ao pé de mim!

EGEU: Que é isso, D. Minerva, ela vai morar duas casas depois da sua!

MINERVA: Sim, mas antes vai a Poços de Caldas, Seu Egeu, por 15 dias, sozinha.

EGEU: Vai com o marido dela, D. Minerva!

MINERVA: Ah, é mesmo. Vai com Rubão. Mas quem me garante que aquele rapaz é de confiança?

EGEU: D. Minerva, eles namoram desde crianças!

MINERVA: O que eu sei, Seu Egeu, é que uma mãe nasce para sofrer. Cria-se uma menina com todo o carinho e ela vai-se embora, deixando a pobre velha mãe doente e abandonada!

EGEU: Que é isso, D. Minerva, e o seu Quincas?

MINERVA: Quem?

EGEU: Seu marido, D. Minerva, o pai de Izildinha!

MINERVA: Ah, aquele! Só pensa à quitanda e ao futebol. Ai, Jesus! (Chora. Entra Sidney.)

SIDNEY: Oi, viram meu irmão por aí?

EGEU: Não.

SIDNEY: E... a Gracinha, vocês viram?

MINERVA: Olhe aí, Seu Egeu, outro que já quer abandonar a velha mãe! (Chora.)

EGEU (procurando nos bolsos.): Não vi não, Sidney, mas enquanto você procura me faça um favor, vá buscar um lenço aqui para a D. Minerva.

SIDNEY: É prá já. (Sai.)

EGEU: Que bonita noite de lua, não, D. Minerva? (Entra Rodney.)

RODNEY: Oi, pessoal, escutem, eu estava passando por aqui e de repente pensei, puxa, faz um tempão que eu não vejo a Gracinha, desde a igreja, e então eu pensei que...

MINERVA: Olhe só, Seu Egeu, outro filho ingrato! Oh! (Desmaia.)

EGEU: Ai, meu Deus, Rodney, por favor, vá buscar um éter, alguma coisa, que a D. Minerva desmaiou.

RODNEY: Tá, Seu Egeu, güenta aí. (Sai correndo.)

(Seu Egeu tenta reanimar D. Minerva, que balbucia.)

MINERVA: Água, água. (Entra Mané.)

MANÉ: Seu Egeu... O que é isso?

EGEU: Primeiro, não vi a Gracinha não, Mané. Segundo, corre buscar um copo d'água que a D. Minerva tá passando mal. (Mané sai correndo.) (Entra Gracinha.)

GRACINHA: O que tá acontecendo, Seu Egeu? Os gêmeos e o Mané passaram numa correria que nem me viram!

EGEU: É a D. Minerva que está muito comovida. Isso passa logo. Mas Gracinha, que beleza você está! Dê uma voltinha pra eu ver.

GRACINHA: Que nada, Seu Egeu. (Dá uma volta muito mal-feita.) Um sacrificio andar com esses sapatos.

EGEU: É só dançar que passa. Se dançar com o namorado, então...

GRACINHA: Namorado, Seu Egeu? Ah, se o senhor soubesse...

EGEU: Eu sei, você só precisa escolher.

GRACINHA: Não, eu não posso. Seu Egeu,

na verdade eu estou en... (Entram os três rapazes com o lenço, o éter e a água e param ao ver Gracinha. D. Minerva reanima-se lentamente, gemendo. Toca "Rapaziada do Brás" e os três se aproximam de Gracinha, entregando os objetos a D. Minerva e Seu Egeu. Três focos de luz se acendem, e Gracinha dança com os três, um debaixo de cada foco. A música é interrompida quando ela dança com Mané.)

VOZ DO BASTIDOR: A noiva vai jogar o buquê! (Todos se voltam para a direção de onde veio a voz. Gracinha fica atrás de todos. Vindo do bastidor, o buquê cai nas mãos de Gracinha.)

MANÉ, RODNEY e SIDNEY: Gracinha, você quer namorar comigo?

GRACINHA (atira o buquê no chão.): Eu não posso namorar com ninguém. Minha mãe era louca por crianças e demorou muito para ter filho, então fez uma promessa: se tivesse uma menininha daria uma linda festa de batizado e convidaria Nossa Senhora das Graças para madrinha. Foi atendida e eu nasci, mas no meio da festa apareceu uma vizinha que não fora convidada e rogou uma praga. Disse que eu nunca teria um namorado nem me casaria. Aí uma rezadeira amiga de mamãe consolou-a dizendo que, embora ela não tivesse poder para desmanchar a praga, minha madrinha decerto teria, e que se um moço bom tivesse coragem e passasse por três provas o feitiço se quebraria e o meu amor seria conquistado.

CENA VII

(A luz vai baixando enquanto ela fala, até iluminar apenas o buquê. Entra o Mago e pega o buquê. Durante a mudança de cena toca a música)

CANTIGA

No alto daquela torre

Mora uma linda princesa
Queria casar com ela
Porém não tenho certeza
Queria casar com ela
Porém não tenho certeza

Se venço a primeira prova
Chegarei mais perto dela
Se venço a segunda prova
Quem sabe me enamoro dela
Se venço a terceira prova
Vou poder casar com ela

Casar com princesa é duro
A gente tem que ser rei
Mandar na vida dos outros
E isso eu nem sei se sei
Mas vou me armar de coragem
E as provas eu vencerei

(A Vila do Sol virou o Reino da Lua.)

MAGO: Nos confins do horizonte
Junto ao mar distante
Se encontra o Reino da Lua
Onde a mágica flutua.

Para salvar a princesa
De feroz feitiço presa
Vão lutar os três valentes
Aqui no palco presentes

Os mistérios de riqueza
De sabedoria e beleza
Terão de ser decifrados
Por um dos apaixonados

Boa sorte, rapazes, e avante
Que só volte o triunfante
Pela princesa e por ordem sua
Falo eu, o Mago do Reino da Lua

E a primeira prova é atravessar a Floresta Escura e colher o fruto que nasce na Árvore da Luz. Quem possuir o fruto terá a chave de toda riqueza da terra. (O cenário da floresta é mal-iluminado, tudo meio verde. Os três rapazes entram vestidos de príncipes, com túnicas e barretes verdes.)

RODNEY: Pronto, chegamos, é aqui. Que escuro!

SIDNEY: Ecuríssimo! (Andam um pouco atarantados. Assustam-se uns aos outros. Aparece a Árvore da Luz, com o fruto iluminado.)

MANÉ: Vejam, é a Árvore da Luz.

SIDNEY: Que moleza, agora é só pegar o fruto. Essa história de grandes perigos é só pra assustar a gente. Suba na árvore e pegue o fruto, Mané.

MANÉ: Por que eu?

RODNEY: Porque você é mais leve, oras! (Os gêmeos fazem uma cadeirinha e erguem Mané, que sobe na árvore. Ouvem-se bufaradas e passos pesados, e entra o Dragão.)

DRAGÃO (Canta.):

Saia da frente, criança carente
Desocupe a moita, criança afoita
Suma daqui!

Saia da frente, criança carente
Essa floresta é minha, fui eu que encontrei
Desde pequena, sozinho, fui eu que criei!

Saia da frente, criança carente
Desocupe a moita, criança afoita
Suma daqui!
Saia da frente, criança carente
Esse riacho por mim foi envenenado
E todo bicho aqui é malvado!

Saia da frente, criança carente
Suma daqui!

(Durante a canção acontece uma luta em que o Dragão encurrala os três contra a árvore.)

Ah, peguei vocês, seus ladrões de floresta!

RODNEY: Peraí, peraí, ladrões uma ova. Nós só queremos esse fruto aí.

DRAGÃO: Ah, iam roubar só o fruto, é? Sei, sei. Mais candidatos à mão daquela princesa boba.

MANÉ: Justamente. E a gente não ia roubar nada. A gente nem sabia que a floresta tinha dono.

SIDNEY: E por falar em dono, o senhor tem

certificado de propriedade da floresta?

DRAGÃO: Vocês me parecem bem decididos. Por que não fazemos um trato?

MANÉ: Seu dragão, nós temos um monte de coisas pra fazer ainda. Dê o fruto.

DRAGÃO: Eu não dou nada. Eu vendo. Ou troco. Ou empresto a juros. Ainda mais um fruto que torna o seu dono possuidor de todas as riquezas da terra.

SIDNEY: E o que o senhor quer em troca do fruto?

DRAGÃO: Eu quero uma traição.

RODNEY: Então, esqueça e vamos brigar.

MANÉ: É isso mesmo.

SIDNEY: Que tipo de traição?

DRAGÃO: Ah, você é dos meus. Venha ao meu escritório.

RODNEY: Não, Sidney, não vá!

SIDNEY: Peraí, gente. Não custa ver o que ele quer.

MANÉ: Ele já falou o que ele quer. (Rodney sobe na árvore também.)

SIDNEY: Se for pequenininha... Afinal, depois a gente fica rico mesmo!

DRAGÃO: Então derrube os seus amigos da árvore, e o fruto será seu.

SIDNEY (Sacudindo a árvore.): Depois eu fico rico e indenizo vocês. (Mané e Rodney caem da árvore, o fruto pula da mão de Mané e na disputa o Dragão ajuda Sidney, que agarra o fruto e sai correndo.)

RODNEY: Puxa, meu próprio irmão! E agora nós perdemos a primeira prova.

MANÉ: Bom, ainda tem duas pela frente. Afinal, eu nem acho tão importante assim ficar rico. Vamos, Rodney. (Saem.)

(BLACK-OUT)

CENA VIII

MAGO: Segunda prova: descer ao fundo do Poço Sem Fundo e resgatar o Anel da Sabedoria. O dono do anel se tornará a pessoa mais inteligente do mundo. (Troca de cenário ao som da música.)

No fundo do Poço Sem Fundo
Brilha um clarão azulado
Todo segredo do mundo
Nesse clarão tá guardado
Todo segredo do mundo
Nesse clarão tá guardado
No fundo do Poço Sem Fundo
Brilha um clarão azulado...

Quem vai ser governador
Como fazer computador
Tudo o que faz passar a dor
Quem pôs perfume na flor
Quem deu a voz para o cantor
Aonde foi parar o amor
Que cor que pinta o incolor
Por que faz frio ou calor
O que aquece o cobertor
Por que inventaram o inventor
Quando será seja o que for
E quem vai ser o vencedor.

(O cenário é todo azul. Em cena, um poço com a parte de dentro revelada à platéia. Entram os três, Sidney com o fruto na mão. Estão de túnicas e barretes azuis.)

RODNEY: Olha aí o poço. (Espia para dentro.)

MANÉ (espiando também): Não estou vendo nenhum clarão azul.

SIDNEY (iluminando o poço com o fruto): Ah, tô vendo. Puxa, deve chegar até o Japão! Quem desce?

MANÉ: Um de vocês, pra variar um pouco.

RODNEY: Se você descer dá pra gente ficar te segurando daqui.

MANÉ (continua olhando): Vocês são é medrosos! Me empresta o fruto pra eu olhar aqui, Sidney? Com luz eu desço.

SIDNEY: Eu não! E se o poço tiver outra saída?

MANÉ: Mas tá escuro! (Ele já está com meio corpo dentro do poço, Rodney o segura pelas pernas.)

SIDNEY: Será que se o Mané achar o anel ele me vende?

RODNEY: Se o anel sabe tudo, sabe também um jeito de tirar esse fruto de você.

SIDNEY: Vamos ver. (Mané já está todo dentro do poço, e Rodney curva-se cada vez mais.)

RODNEY: Meu Deus, eu não agüento mais, ele vai cair... (Ruído de queda e a voz de Mané, que sobe de dentro do poço.)

MANÉ: A capital do Sudão é Kharthum, Alexandria fica no Egito, o Pacífico é o maior dos oceanos...

RODNEY: Ué, o que será que deu nele? (A mão de Mané aparece na beira do poço com o anel. Rodney pega o anel, larga a mão de Mané e aparece inebriado.) Toda palavra proparoxítona tem acento na antepenúltima sílaba, não se usa N antes de P e B, o número pi é igual a 3,1416, Marte tem dois satélites, Deimos e Fobos...

SIDNEY (toma o anel de Rodney): O que é isso?... Ana Bolena foi decapitada por ordem do rei Henrique VIII, a baleia é o maior dos mamíferos, Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo...

MANÉ (dentro do poço): Socorro!

SIDNEY (enfia a cabeça dentro do poço): Ahah, seu boboca, peguei, já ganhei duas provas. (Rodney vem por trás, dá um pontapé em Sidney, que cai no poço e solta o anel. Pulando para pegá-lo, Rodney cai também. As ações seguintes acontecem dentro do poço.)

SIDNEY: É meu. Einstein elabora a teoria da relatividade, penso logo existo, nenhum homem é uma ilha...

MANÉ: É meu. Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia, nem tudo que reluz é ouro, o primeiro astronauta foi Yuri Gagarin...

RODNEY: É meu. A zarzuela é uma dança típica espanhola, o ornitorrinco tem bico de pato, o unicórnio é um animal mítico, a quimera também.

SIDNEY: Numa Pompílio foi o primeiro rei...

MANÉ:... de Roma. O Regente Feijó assumiu o governo do Brasil...

RODNEY:... até a maioria de D. Pedro II,

pisa nas cabeças dos seus amigos e sairá do fundo do poço!

SIDNEY e MANÉ: AAAAAAIIIIII! (Rodney emerge do poço com o anel. Salta pra fora e sai correndo. Depois de um tempo Sidney e Mané saem também.)

SIDNEY: Caramba! Um a um.

MANÉ: A zero. Puxa! O jeito agora é tentar o empate e ver o que acontece. (Saem.)

(BLACK-OUT)

CENA IX

MAGO: Nas mãos da Feiticeira Faceira, que mora no fundo do mar, está o Filtro da Beleza. Quem conseguir o filtro se tornará tão belo que a princesa não resistirá e cairá louca de paixão. (Abre-se a cena em tons de vermelho e rosa. Uma praia. Os três entram de túnica e barrete vermelho. Durante a troca de cena, toca o "Tema da Felicidade Faceira.")

Ela usa três tipos de xampu
No cabelo
Depois do Henê Maru
No cotovelo
Um creme da Revlôn
E no espelho
Ela se borra com batom
Ela usa modelitos exclusivos
Na rua
E de tênis esportivos
Flutua
Veste camiseta da Fiorucci
E sua
Desodorante Gucci

Ó pavoá, ó vaidosa
Feiticeira caprichosa
Pra ficar amigo dela
Basta lhe dizer que é bela.
Ó pavoá, ó vaidosa...
(Surge a feiticeira vinda das águas. É D. Minerva, só que bonita. Está toda de vermelho, abana-se com um grande leque.)

FEITICEIRA: Tem alguém aí?

MANÉ: Tem. Nós.

FEITICEIRA: E quem são vocês?

MANÉ: O Mané, D. Mi... quer dizer, somos os príncipes do Reino da Lua, Feiticeira Faceira.

FEITICEIRA: E o que vocês querem de mim?

MANÉ: A senhora vê, nós somos candidatos à mão da Princesa...

FEITICEIRA: Ah, aquela. Deve fazer uns duzentos anos que aquela menina não consegue se livrar do feitiço. Ela está pior do que a Bela Adormecida. Então, vocês vieram buscar o filtro?

MANÉ: É isso mesmo.

FEITICEIRA: E vocês já passaram pelas outras provas?

SIDNEY: Eu consegui o Fruto da Luz. Posso pagar o que a senhora quiser pelo filtro.

RODNEY: Eu tenho o Anel da Sabedoria. Nem preciso do filtro, a senhora me fale a fórmula e eu mesmo preparo.

MANÉ: Eu... Bom, eu... EU PRECISO DESSE FILTRO, Feiticeira!

FEITICEIRA: Mas vocês estão com um ar tão cansado... Durmam um pouco, enquanto eu preparo o filtro.

SIDNEY: Boa idéia. Ah, e faça o orçamento também. (Deita-se e adormece.)

RODNEY: Não, senhora, eu prefiro acompanhar o preparo da fórmula.

MANÉ: Eu não posso. Aqui as sereias cantam, e se eu me deixar embalar e dormir, sou capaz de me esquecer da princesa.

FEITICEIRA: Então esperem que eu vou mandar servir um lanche. Vocês devem estar famintos. (Sidney ronca.)

RODNEY: Ah, ótimo. Precisarei de forças para preparar a fórmula. Quero proteínas, Feiticeira.

MANÉ: Obrigado, Madame Faceira, mas eu estou tão apaixonado pela princesa que não sinto fome ou sede. Meu amor me alimenta.

FEITICEIRA: Então, vamos dançar. Darei um baile de despedida para vocês. (Sidney ronca, Rodney come. Nenhum dos dois responde.)

MANE: Eu não posso dançar. Para dançar a gente precisa estar alegre, e eu só vou ficar alegre quando vir de novo a princesa.

FEITICEIRA: Mas o que tem essa princesa que faz com que vocês gostem tanto dela? Ela é tão linda assim?

SIDNEY (resmungando): É, é... (Volta a dormir.)

RODNEY (de boca cheia): Ah, lindíssima!

MANÉ (olhando para a Feiticeira): Talvez ela não seja tão linda quanto a senhora, mas eu a amo, e isso a torna a moça mais bela do mundo pra mim.

FEITICEIRA: Não é tão linda quanto eu... Não é tão linda quanto eu? Ah. Está bem, Mané, você ganhou. (Tira um vidrinho do decote do vestido.) Quem é capaz de amar tanto merece ser tão belo quanto seu amor. (Sai e Mané pega o filtro. Sidney, dormindo, rola para dentro d'água. Acorda.)

SIDNEY: Socorro, socorro, eu não sei nadar!

RODNEY (afilto): Eu não vou. Acabei de comer e posso ter uma indigestão. Relaxe as costas, bata os pés e tire os braços da água, um de cada vez, virando a cabeça do lado contrário para respirar. (Mané guarda o filtro no bolso e se atira na água. Salva Sidney, que sai agarrado ao fruto.)

CENA X

(Luz no Mago e na princesa. Os três rapazes vão até o trono e se ajoelham aos pés da princesa.)

MAGO: Nos confins do horizonte
Junto ao mar distante
Se encontra o Reino da Lua
Onde a mágica flutua

Para salvar a princesa
De feroz feitiço presa
Lutaram os três valentes
Aqui no palco presentes

Os mistérios da riqueza
De sabedoria e beleza

Foram já decifrados
Por um dos apaixonados

Rapazes, eia, sus, avante
Que se mostre o triunfante
Pela princesa e por ordem sua
Falei eu, o Mago do Reino da Lua.

SIDNEY: Princesa, eu não passei em todas as provas, mas sou o homem mais rico do reino. (Mostra o Fruto da Luz.)

RODNEY: Princesa, eu não passei em todas as provas, mas sou o homem mais inteligente do reino. (Mostra o Anel da Sabedoria.)

MANÉ: Princesa, eu não passei em todas as provas, mas sou... Não: vou ser já, já o homem mais belo do reino. (Apalpa o bolso à procura do filtro.) O filtro! Deve ter caído quando fui tirar o Sidney da água! Minha princesa, perdida para sempre! Oh, Gracinha, Gracinha, Gracinha... (Chora.)

MAGO: Princesa, as provas foram realizadas e os objetos, conquistados. Minha missão está cumprida. Adeus.

PRINCESA: Mas quem quebrou o feitiço, afinal de contas?

MAGO: Boa pergunta. Os três, provavelmente. Adeus. (Começa a trocar de roupa e virar Seu Egeu.)

PRINCESA: Mas eu não posso me casar com os três!

MAGO: Então escolha um, oras. Case com o mais rico.

PRINCESA: Essa é boa. Eu caso com o mais rico dando chás de caridade!

MAGO: Então case com o mais inteligente.

PRINCESA: Deus me livre! Ele vai viver me mandando ficar quieta.

MAGO: Então case... Não tinha um que era o mais bonito?

PRINCESA: Não. E mesmo se tivesse, que coisa mais boba. Eu tenho que casar com alguém mais isso ou mais aquilo? Por que tem de ser o mais? De que adianta se eu não achar que ele é...

MANÉ: Mas eu só queria saber o que nesse mundo quebra esse feitiço!

PRINCESA: Se eu não achar o meu

verdadeiro amor?

(Volta a tocar a cantiga da cena VII. A cena regride para o cenário da cena VI. Todos trocam de roupa. Volta o espelho, Mané e Gracinha vão até ele e tiram os adereços de príncipe e princesa. A cena é toda

repetida até Gracinha pegar o buquê.)

GRACINHA: Mané, quer namorar comigo?

MANÉ: Quero, Gracinha.

(Toca a Valsa da Bela Adormecida, de Tchaikovski, e os dois dançam, enquanto a luz desce em resistência.)

F I M

15 a 18 anos

(e para amadores adultos)

Capital Federal

Arthur de Azevedo

A CAPITAL FEDERAL

Comédia opereta de costumes brasileiros, em 3 atos e 12 quadros

de Arthur Azevedo

PERSONAGENS

LOLA
D.FORTUNATA
BENVINDA
QUINOTA
JUQUINHA
MERCEDES
DOLORES
BLANCHETTE
UM LITERATO
UMA SENHORA
UMA HÓSPEDA DO GRANDE HOTEL DA CAPITAL FEDERAL
EUSÉBIO
FIGUEIREDO
GOUVEIA
LOURENÇO
DUQUINHA
RODRIGUES
PINHEIRO
UM PROPRIETÁRIO
UM FREQUENTADOR DO BELÓDROMO
OUTRO LITERATO
O GERENTE DO GRANDE HOTEL DA CAPITAL FEDERAL
S'II VOUS PLAÎT, AMADOR DE BICICLETA
MOTA
LE MOS
UM CONVIDADO
GUEDES
UM INGLÊS
UM FAZENDEIRO
O "CHASSEUR"
HÓSPEDES E CRIADOS DO GRANDE HOTEL DA CAPITAL FEDERAL, VÍTIMAS DE UMA AGÊNCIA DE ALUGAR CASAS, AMADORES DE BICICLETAS, CONVIDADOS, PESSOAS DO POVO, SOLDADOS, ETC.

AÇÃO

No Rio de Janeiro, no fim do século passado.

ATO I

QUADRO I

(Suntuoso vestíbulo do Grande Hotel da Capital Federal. Escadaria ao fundo. Ao levantar-se o pano, a cena está cheia de hóspedes de ambos os sexos, com malas nas mãos, e criados e criadas que vão e vêm. O gerente do hotel anda ali na sua faina.)

CENA I

Um Gerente, um Inglês, uma Senhora, um Fazendeiro e um Hóspede

CORO E COPLAS OS HÓSPEDES

De esperar estamos fartos
Nós queremos descansar!
Sem demora aos nossos quartos
Faz favor de nos mandar.

OS CRIADOS

De esperar estamos fartos!
Precisamos descansar!
Um hotel com tantos quartos
O topete faz suar!

UM HÓSPEDE: Um banho quero!

UM INGLÊS: Aoh! Mim quer comer!

UMA SENHORA: Um quarto espero!

UM FAZENDEIRO: Eu estou com fome!

O GERENTE

Um pouquinho de paciência!
Servidos todos vão ser, enfim!
Eu quando falo, fala a gerência!
Fiem-se em mim!

CORO

Pois paciência,
Uma vez que assim quer a gerência!

COPLAS

I

O GERENTE

Este hotel está na berra!
Coisa é muito natural!

Jamais houve nesta terra
Um hotel assim mais tal!
Toda a gente, meus senhores,
Toda a gente, ao vê-lo, diz
Que os não há superiores
Na cidade de Paris!
Que belo hotel excepcional
O Grande Hotel da Capital Federal!

CORO

Que belo hotel excepcional etc...

O GERENTE (aos criados): Vamos! Vamos!
Aviem-se! Tomem as malas e
encaminhem estes senhores! Mexam-
se! Mexam-se!... (Vozeria. Os hóspedes
pedem quarto, banhos etc... Os
criados respondem. Tomam as malas,
saem todos, uns pela escadaria,
outros pela direita.)

CENA II

O Gerente, depois Figueiredo

O GERENTE (só): Não há mãos a medir!
Pudera! Se nunca houve no Rio de
Janeiro um hotel assim! Serviço
elétrico de primeira ordem! Cozinha
esplêndida, música de câmara
durante as refeições da mesa-
redonda! Um relógio pneumático
em cada aposento! Banhos frios e
quentes, duchas, sala de natação,
ginástica e massagem! Grande
salão com um *plafond* pintado pelos
nossos primeiros artistas! Enfim, uma
verdadeira novidade! Antes de nos
estabelecermos aqui, era uma
vergonha! Havia hotéis em S. Paulo
superiores aos melhores do Rio de
Janeiro! Mas em boa hora foi
organizada a Companhia do
Grande Hotel da Capital Federal,
que dotou esta cidade com um
melhoramento tão reclamado! E o
caso é que a empresa está dando
ótimos dividendos e as ações
andam por empenhos! (Figueiredo
aparece no topo da escada e
começa a descer.) Ali vem o

Figueiredo! Aquele é o verdadeiro tipo de carioca: nunca está satisfeito. Aposto que vem fazer alguma reclamação.

CENA II

O Gerente, Figueiredo

FIGUEIREDO: Ó seu Lopes, olhe que, se isto continuar assim, eu mudo-me!
O GERENTE (à parte): Que dizia eu?
FIGUEIREDO: Esta vida de hotel é intolerável! Eu tinha recomendado ao criado que me levasse o café ao quarto às sete horas, e hoje...
O GERENTE: O meliante lhe apareceu um pouco mais tarde.
FIGUEIREDO: Pelo contrário. Faltavam dez minutos para as sete... Você compreende que isto não tem lugar.
O GERENTE: Pois sim, mas...
FIGUEIREDO: Perdão, eu pedi o café para as sete e não para as seis e cinquenta!
O GERENTE: Hei de providenciar.
FIGUEIREDO: E que idéia foi aquela ontem de darem lagostas ao almoço!
O GERENTE: Homem, creio que lagosta...
FIGUEIREDO: É bom petisco, não há dúvida, mas faz-me mal!
O GERENTE: Pois não coma!
FIGUEIREDO: Mas eu não posso ver lagostas sem comer!
O GERENTE: Não é justo por sua causa privar os demais hóspedes.
FIGUEIREDO: Felizmente até agora não sinto nada no estômago... É um milagre! E sexta-feira passada? Apresentaram-me ao jantar maionese. Maionese! Quase atiro com o prato à cara do criado!
O GERENTE: Mas comeu!
FIGUEIREDO: Comi, que remédio. Eu posso lá ver maionese sem comer? Mas foi uma coisa extraordinária não ter tido uma indigestão!...

CENA IV

Os mesmos, Lola

LOLA (entrando arrebatadamente da

esquerda): Bom dia! (Ao gerente.)
Sabe me dizer se o Gouveia está?

O GERENTE: O Gouveia?

LOLA: Sim, o Gouveia - um cavalheiro que está aqui morando desde a semana passada.

O GERENTE (indiscretamente): Ah! o jogador... (Tapando a boca.) Oh!... Desculpe!...

LOLA: O jogador, sim, pode dizer! Porventura o jogo é hoje um vício inconfessável?

O GERENTE: Creio que esse cavalheiro está no seu quarto, pelo menos ainda o não vi descer.

LOLA: Sim, o Gouveia é jogador, e essa é a única razão que me faz gostar dele.

O GERENTE: Ah! A senhora gosta dele?

LOLA: Se gosto dele? Gosto sim, senhor! Gosto, e hei de gostar, pelo menos enquanto der a primeira dúzia!

O GERENTE (sem entender): Enquanto der...

LOLA: Ele só aponta nas dúzias - ora na primeira, ora na segunda, ora na terceira, conforme o palpite! Há perto de um mês que está apontando na primeira.

FIGUEIREDO (à parte): É um jogador de dúzias!

LOLA: Enquanto der a primeira, amá-lo-ei até o delírio!

FIGUEIREDO: A senhora é franca!

LOLA: *Fin de siècle*, meu caro senhor, *fin de siècle*.

VALSA

Eu tenho uma grande virtude:
Sou franca, não posso mentir!
Comigo somente se ilude
Quem mesmo se queira iludir!
Porque quando apanho um sujeito
Ingênuo, simplório, bobão,
Necessariamente aproveito,
Fingindo por ele paixão!

Engolindo a pílula
Logo esse imbecil
Põe-se a fazer dívidas
E loucuras mil!
Quando, enfim, o mísero

Já nada mais é,
Eu sem dó aplico-lhe
Rijo pontapé!

Eu tenho uma linha traçada,
E juro que não me dou mal...
Desfruto uma vida folgada
E evito morrer no hospital.

Descuidosa,
Venturosa,
Com folias,
Sem amar,
Passo os dias
A folgar!

Só conheço as alegrias,
Sem tristezas procurar!
Eu tenho uma grande virtude etc...

Mas vamos, faça o favor de indicar-me o
quarto do Gouveia.

O GERENTE: Perdão, mas a senhora não
pode lá ir.

LOLA: Por quê?

O GERENTE: Aqui não há disso...

FIGUEIREDO (à parte): Toma!

O GERENTE: Os nossos hóspedes solteiros não
podem receber nos quartos senhoras
que não estejam acompanhadas.

LOLA: *Caracoles!* Sou capaz de chamar o
Lourenço para acompanhar-me.

O GERENTE: Quem é o Lourenço?

LOLA: O meu cocheiro. Ah! Mas que
lembrança a minha! Ele não pode
abandonar a caleça!

O GERENTE: O que a senhora deve fazer é
esperar no salão. Um belo salão, vai ver,
com um *plafond* pintado pelos nossos
primeiros artistas!

LOLA: Onde é?

O GERENTE (apontando para a direita): Ali.

LOLA: Pois esperá-lo-ei. Oh! Estes prejuízos!
Isto só se vê no Rio de Janeiro!... (Vai a
sair e lança um olhar brejeiro a
Figueiredo.)

FIGUEIREDO: Deixe-se disso, menina! Eu não
jogo na primeira dúzia! (Lola sai pela
direita.)

CENA V

O Gerente, depois o Chasseur

O GERENTE: Oh! Sr. Figueiredo! Não se trata
assim uma mulher bonita!...

FIGUEIREDO: Não ligo importância a esse
povo.

O GERENTE: Sim, eu sei...É como a lagosta...
Faz-lhe mal, talvez, mas atira-se-lhe
que...

FIGUEIREDO: Está enganado. Essas
estrangeiras não têm o menor
encanto para mim.

O GERENTE: Não conheço ninguém mais
pessimista que o senhor.

FIGUEIREDO: Fale-me de uma trigueira...
bem trigueira, bem carregada...

O GERENTE: Uma mulata?

FIGUEIREDO: Uma mulata, sim! Eu digo
trigueira por ser menos rebarbativo.
Isso é que é nosso, é o que vai com o
nosso temperamento e o nosso
sangue! E quanto mais dengosa for a
mulata, melhor! loiô, eu posso entrar
de caixeiro, sair como sócio?... Você já
esteve na Bahia, seu Lopes?

O GERENTE: Ainda não. Mas com licença:
vou mandar chamar o tal Gouveia.
(Chamando.) *Chasseur*. (Entra da
direita um menino fardado.) Vá ao
quarto nº 135 e diga ao hóspede que
está uma senhora no salão à sua
espera. (O menino sai a correr pela
escada.)

FIGUEIREDO: *Chasseur!* Pois não havia uma
palavra em português para...

O GERENTE: Não havia, não senhor.
Chasseur não tem tradução.

FIGUEIREDO: Ora essa, *Chasseur* é...

O GERENTE: É caçador, mas *chasseur* de
hotel não tem equivalente. O Grande
Hotel da Capital Federal é o primeiro
no Brasil que se dá ao luxo de ter um
chasseur! Mas como ia dizendo... a
Bahia?...

FIGUEIREDO: Foi lá que tomei predileção
pelo gênero. Ah, meu amigo! É
preciso conhecê-las! Aquilo é que são
mulatas! No Rio de Janeiro não as há!

O GERENTE: Perdão, mas eu tenho visto

algumas que...

FIGUEIREDO: Qual! Não me conte histórias. -
Nós não temos nada! Mulatas na
Bahia!...

COPLAS

- I -

As mulatas da Bahia
Têm decerto a primazia
No capítulo mulher;
O sultão lá na Turquia,
Se as apanha um belo dia,
De outro gênero não quer!
Ai, gentes! Que bela,
Que linda não é
A fada amarela
De trunfa enroscada,
De manta traçada,
Mimosa chinela
Levando calçada
Na ponta do pé!...

- II -

As formosas georgianas,
As gentis circassianas
São as flores dos haréns;
Mas, seu Lopes, tais sultanas,
Comparadas às baianas,
Não merecem dois vinténs.
Ai, gentes! Que bela etc...

Seu Lopes, você já viu a *Mimi Bilontra*?

O GERENTE: Isso vi, mas a *Mimi Bilontra* não
é mulata.

FIGUEIREDO: Não, não é isso. Na *Mimi
Bilontra* há um tipo que gosta de
lançar mulheres. Você sabe o que é
lançar mulheres?

LOPES: Sei, sei.

FIGUEIREDO: Pois eu também gosto de
lançá-las! Mas só mulatas! Tenho
lançado umas poucas!

LOPES: Deveras?

FIGUEIREDO: Todas as mulatas bonitas que
têm aparecido por aí arrastando as
sedas foram lançadas por mim. É a
minha especialidade.

O GERENTE: Dou-lhe os meus parabéns.

FIGUEIREDO: Que quer? Sou solteiro,

aposentado, independente: não tenho
que dar satisfações a ninguém. (Outro
tom.) Bom: vou dar uma volta antes do
jantar. Não se esqueça de providenciar
para que o criado não continue a
levar-me o café às seis e cinqüenta!

O GERENTE: Vá descansado. A reclamação
é muita justa.

FIGUEIREDO: Até logo! (Sai.)

O GERENTE (só): Gabo-lhe o gosto de
lançar mulatas! Imaginem se um tipo
assim tem capacidade para apreciar
o Grande Hotel da Capital Federal!

CENA VI

O Gerente, Lola, depois Gouveia, depois o Gerente

LOLA (entrando): Então? Estou esperando
há uma hora!

O GERENTE: Admirou o nosso *plafond*?

LOLA: Não admirei nada! O que eu quero é
falar ao Gouveia!

O GERENTE: Já o mandei chamar. (Vendo o
Gouveia, que desce a escada.) E ele
aí vem descendo a escada. (À parte.)
Pois a esta não se me dava de lançá-
la. (Sai.)

GOUVEIA (que tem descido): Que vieste
fazer? Não te disse que não me
procurasses aqui? Este hotel...

LOLA: Bem sei: não admite senhoras que
não estejam acompanhadas; mas tu
não me apareceste ontem nem
anteontem, e quando tu não me
apareces, di-se-ia que eu
enlouqueço! Como te amo, Gouveia!
(Abraça-o.)

GOUVEIA: Pois sim, mas não dês escândalo!
Olha o *chasseur*. (O *chasseur* tem
efetivamente descido a escada,
desaparecendo por qualquer um dos
lados.)

LOLA: Então? A primeira dúzia?

GOUVEIA: Tem continuado a dar que faz
gosto! 5... 11... 9... 5... Ontem saiu o 5
três vezes seguidas!

LOLA: Continuas então em maré de
felicidade?

GOUVEIA: Uma felicidade brutal!... Tanto

assim, que tinha já preparado este envelope para ti...

LOLA: Oh! Dá cá, dá cá!...

GOUVEIA: Pois sim, mas com uma condição: vai para casa, não estejas aqui.

LOLA (tomando o envelope): Oh! Gouveia. Como eu te amo!
Vais hoje jantar comigo, sim?

GOUVEIA: Vou, contanto que saia cedo. É preciso aproveitar a sorte! Tenho certeza de que a primeira dúzia continuará hoje a dar!

LOLA (com entusiasmo): Oh! Meu amor!... (Quer abraçá-lo.)

GOUVEIA: Não! Não!... Olha o gerente!...

LOLA: Adeus! (Sai muito satisfeita.)

O GERENTE (que tem entrado, à parte): Vai contente! Aquilo é que deu a tal primeira dúzia! (Inclinando-se diante de Gouveia.) Doutor...

GOUVEIA: Quando aqui vier esta senhora, o melhor é dizer-lhe que não estou. É uma boa rapariga, mas muito inconveniente.

O GERENTE: Vou transmitir essa ordem ao porteiro, porque eu posso não estar na ocasião. (Sai.)

CENA VII

GOUVEIA (só): É adorável esta espanhola, isso é... Não choro uma boa dúzia de contos de réis gastos com ela e que, aliás, não me custaram a ganhar... Mas tem um defeito: é muito *colante*... Estas ligações são o diabo... Mas como acabar com isto? Ah! Se a Quinota soubesse! Pobre Quinota! Deve estar queixosa de mim... Oh! Os tempos mudaram... Quando estive em Minas, era um simples caixeiro de cobranças... É verdade que hoje nada sou, porque um jogador não é coisa nenhuma... Mas ganho dinheiro, sou feliz, muito feliz! A Quinota, no final das contas, é uma roceira... Mas tão bonita! E daí, quem sabe! Talvez já se tivesse esquecido de mim.

CENA VIII

Gouveia, Pinheiro, depois o Gerente

PINHEIRO (entrando): Oh! Gouveia!

GOUVEIA: Oh! Pinheiro! Que andas fazendo?

PINHEIRO: Venho a mandado do patrão falar com um sujeito que mora neste hotel... Mas que luxo! Como estás brilhantado! Vejo que as coisas têm te corrido às mil maravilhas!

GOUVEIA (muito seco): Sim... Deixei de ser caixeiro... Embirrava com isso de ir a qualquer parte a mandado do patrão... Atirei-me a umas tantas especulações... Tenho arranjado para aí uns cobres...

PINHEIRO: Vê-se... Estás outro, completamente outro!

GOUVEIA: Devo lembrar-te que nunca me viste sujo.

PINHEIRO: Sujo não digo... Mas vamos lá, já te conheci pau de laranjeira! Por sinal que...

GOUVEIA: Por sinal que uma vez me emprestaste dez mil-réis. Fazes bem em lembrar-me essa dívida.

PINHEIRO: Eu não te lembrei coisa nenhuma!

GOUVEIA: Aqui tens vinte mil-réis. Dou-te dez de juros.

PINHEIRO: Vejo que tens a esmola fácil, mas que diabo! Guarda o teu dinheiro e não o dês a quem to não pede. Fico apenas com os dez mil-réis que te emprestei com muita vontade e sem juros. Quando precisares deles, vem buscá-los. Cá ficam.

GOUVEIA: Oh! Não hei de precisar, graças a Deus!

PINHEIRO: Homem, quem sabe! O mundo dá tantas voltas!

GOUVEIA: Adeus, Pinheiro. (Sai pela esquerda.)

PINHEIRO: Adeus, Gouveia. (Só.) Umhas tantas especulações... Bem sei quais são elas... Pois olha, meu figurão, não te desejo nenhum mal, mas conto que ainda hás de vir buscar estes dez mil-réis, que ficam de prontidão.

O GERENTE (entrando): Deseja alguma coisa?

PINHEIRO: Sim, senhor, falar a um hóspede...

Eu sei onde é, não se incomode.
(Sobe a escada e desaparece.)

O GERENTE (só): E lá vai sem dar mais cavaco. Esta gente há de custar-lhe habituar-se a um hotel de primeira ordem como é o Grande Hotel da Capital Federal.

CENA IX

O Gerente, Eusébio, Fortunata, Quinota, Benvinda, Juquinha, dois carregadores da estrada de ferro com malas, depois o chasseur, criados e criadas

(A família traz maletas, trouxas, embrulhos etc.)

O GERENTE: Olá! Temos hóspedes!
(Chamando.) *Chasseur*, vá chamar gente! (O *chasseur* aparece e desaparece, e pouco depois volta com alguns criados e criadas.)

EUSÉBIO (entrando à frente da família, fechando uma enorme carteira): Ave Maria! Trinta mil-réis para nos trazê da estação da estrada de ferro até aqui. Esta gente pensa que dinheiro se cava! (Aperta a mão ao gerente. O resto da família imita-o, apertando também a mão ao *chasseur* e à criadagem.) Deus Nosso Sinhô *esteje* nesta casa!... (Vai pagar aos carregadores, que saem.)

FORTUNATA: É um casão!

QUINOTA: Um palácio!

JUQUINHA: Eu tou com fome! quero jantá!

BENVINDA: Espera, nhô Juquinha!

FORTUNATA: Menino, não começa a reiná!

O GERENTE: Desejam quartos?

EUSÉBIO: Sim sinhô... Mas antes disso deixe dizê quem sou.

O GERENTE: Não é preciso. O seu nome será escrito no registro de hóspedes.

EUSÉBIO: Pois sim, sinhô, mas ouça...

COPLAS-LUNDU

Eusébio

- I -

Sinhô, eu sou fazendeiro
Em São João do Sabará,
E venho ao Rio de Janeiro
De coisas graves tratá.

Ora aqui está!

Talvez leve um ano inteiro
Na Capitá Federá!

CORO

Ora aqui está etc.

Eusébio

- II -

Apareceu um janota
Em São João do Sabará;
Pedi a mão de Quinota
E veí se embora pra cá.

Ora aqui está!

Hei de achá esse janota
Na Capitá Federá!

CORO

Ora aqui está etc.

Esta é minha muié, Dona Fortunata.

FORTUNATA: Uma suave serva. (Faz uma mesura.)

O GERENTE: Folgo de conhecê-la, minha senhora. E esta moça? É sua filha?...

EUSÉBIO: Nossa.

FORTUNATA: Nome dela é Quinota...

Joaquina... Mas a gente chama ela de Quinota.

QUINOTA: Cala a boca, mamãe. O senhor não perguntou nada.

EUSÉBIO: É muito estruída. Teve três professô... Este é meu filho... (Procurando Juquinha.) Onde está ele? Juquinha! (Vai buscar pela mão o filho, que traquinava ao fundo.) Tá aqui ele. Tem cabeça - qué vê? Diz um verso, Juquinha!

JUQUINHA: Ora, papai!

FORTUNATA: Diz um verso, menino! Não

ouve que teu pai tá mandando?

JUQUINHA: Ora, mamãe!

QUINOTA: Diz o verso, Juquinha! Você parece tolo!

JUQUINHA: Não digo!

BENVINDA: Nhô Juquinha, diga aquele de lá vem a lua saindo!

JUQUINHA: Eu não sei verso!

FORTUNATA: Diz o verso, diabo! (Dá-lhe um beliscão, Juquinha faz grande berreiro.)

EUSÉBIO (tomando o filho e acariciando-o): Tá bom! Chora! Não chora! (Ao gerente.) Tá muito cheio de vontade... Ah! Mas eu hei de endireitar ele!

O GERENTE: Não será melhor subirem para os seus quartos?

EUSÉBIO: Sim, sinhô. (Examinando em volta de si.) O hotezinho parece bem bão.

O GERENTE: O hotelzinho? Um hotel que seria de primeira ordem em qualquer parte do mundo! O Grande Hotel da Capital Federal!

FORTUNATA: E diz que é só de família.

O GERENTE: Ah! Por esse lado podem ficar tranquilos.

CENA X

Os mesmos, Figueiredo

(Figueiredo volta; examina os circunstâncias e mostra-se impressionado por Benvinda, que repara nele.)

O GERENTE (aos criados): Acompanhem estas senhoras e estes senhores... para escolherem os seus quartos à vontade. (Vai saindo e passa por perto de Figueiredo.)

FIGUEIREDO (baixinho): Que boa mulata, seu Lopes! (O gerente sai.)

OS CRIADOS E CRIADAS (tomando as malas e embrulhos): Façam favor!... Venham!...Subam!...

EUSÉBIO (perto da escada): Suba, Dona Fortunata! Sobe, Quinota! Sobe, Juquinha! (Todos sobem.) Vamo! (Sobe também.) Sobe, Benvinda! (Quando Benvinda vai subindo, Figueiredo dá-lhe um pequeno beliscão no braço.)

FIGUEIREDO: Adeus, gostosura!

BENVINDA: Ah! Seu assanhado! (Sobe.)

O GERENTE (que entrou e viu): Então, que é isso, Sr. Figueiredo? Olhe que está no Grande Hotel da Capital Federal!

FIGUEIREDO: Ah! Seu Lopes, aquela hei de eu lançá-la! (Sobe a escada.)

O GERENTE (só): Queria Deus não vá arranjar uma carga de pau do fazendeiro! (Sai. Mutaçãõ.)

QUADRO II

(Corredor. Na parede uma mão pintada, apontando para este letreiro: "Agência de alugar casas. Preço de cada indicação: Rs 5\$000, pagos adiantados". Ao fundo um banco, encostado à parede.)

CENA I

Vítimas, entrando furiosas da esquerda, depois Mota, Figueiredo

CORO

Que ladroeira!
Que maroteira!
Que bandalheira!
Pasmado estou!
Viu toda a gente
Que o tal agente
Cinicamente
Nos enganou!

MOTA (entrando da esquerda também muito zangado): Cinco mil-réis deitados fora!...Cinco mil-réis roubados!...Mas deixem estar que...(Vai saindo e encontra-se com Figueiredo, que entra da direita.)

FIGUEIREDO: Que é isto, seu Mota? Vai furioso!

MOTA: Se lhe parece que não tenho razão! Esta agência indica onde há casas vazias por cinco mil-réis.

FIGUEIREDO: Casa por cinco mil-réis? Barata feira!

MOTA: Perdão; indica por cinco mil-réis...

FIGUEIREDO (sorrindo): Bem sei, e é isso

justamente o que aqui me traz. Resolvi deixar o Grande Hotel da Capital Federal e montar casa. Esgotei todos os meios para obter com que naquele suntuoso estabelecimento me levassem o café ao quarto às sete horas em ponto. Como não estou para me zangar todas as manhãs, mudo-me. O diabo é que não acho casa que me sirva. Dizem-me que nesta agência...

MOTA: Volte, seu Figueiredo, volte se não quer que lhe aconteça o mesmo que me sucedeu e tem sucedido a muita gente! Indicaram-me uma casa no morro do Pinto, com todas as acomodações que eu desejava... Você sabe o que é subir ao morro do Pinto?

FIGUEIREDO: Sei, já lá subi uma noite por causa de uma trigueira.

MOTA: Pois eu subi ao morro do Pinto e encontrei a casa ocupada.

FIGUEIREDO: Foi justamente o que me aconteceu com a trigueira.

MOTA: Volto aqui, faço ver que a indicação de nada me serviu e peço que me restituam os meus ricos cinco mil-réis. Respondem-me que a agência nada me restitui, porque não tem culpa de que a casa se tivesse alugado.

FIGUEIREDO: E não lhe deram outra indicação?

MOTA: Deram. Cá está. (Tira um papel.)

FIGUEIREDO (à parte): Vou aproveitá-la!

MOTA: Mas provavelmente vale tanto como a outra!

FIGUEIREDO (depois de ler): Oh!

MOTA: Que é?

FIGUEIREDO: Esta agora não é má! Rua dos Arcos nº 100. Indicaram a casa da Minervina!

MOTA: Que Minervina?

FIGUEIREDO: Uma trigueira.

MOTA: A do morro do Pinto?

FIGUEIREDO: Não. Outra. Outra que eu lancei há quatro anos. Mudou-se para a Rua dos Arcos não há oito dias.

MOTA: Então? Quando lhe digo!

FIGUEIREDO: Oh! As trigueiras têm sido o meu tormento!

MOTA: As trigueiras são...

FIGUEIREDO: As mulatas. Eu digo trigueiras por ser menos rebarbativo... Ainda agora está lá no hotel uma família de Minas que trouxe consigo uma mucama... Ah, seu Mota...

MOTA: Pois atire-se!

FIGUEIREDO: Não tenho feito outra coisa, mas não me tem sido possível encontrá-la a jeito. Só hoje consegui meter-lhe uma cartinha na mão, pedindo-lhe que vá ter comigo ao Largo da Carioca. Quero lança-lá!

MOTA: Mas vamos embora! Estamos numa caverna!

FIGUEIREDO: E é tudo assim no Rio de Janeiro. Não temos nada, nada...Vamos...

CENA II

Os mesmos, uma Senhora, depois um Proprietário

A SENHORA (vindo da esquerda): Um desaforo! Uma pouca vergonha!

MOTA: Foi também vítima, minha senhora?

A SENHORA: Roubaram-me cinco mil-réis!

FIGUEIREDO: Também - justiça se lhes faça - eles nunca roubam mais do que isso!

A SENHORA: Indicaram-me uma casa... Vou lá, e encontro um tipo que me pergunta se quero um quarto mobiliado! Vou queixar-me...

MOTA: Ao bispo, minha senhora! Queixemo-nos todos ao bispo! (O Proprietário entra e vai atravessando a cena da direita para a esquerda, cumprimentando as pessoas presentes.)

FIGUEIREDO (embargando-lhe a passagem): Não vá lá, não vá lá, meu caro senhor! Olhe que lhe roubam cinco mil-réis.

O PROPRIETÁRIO: Nada! Eu não pretendo casa. O que eu quero é alugar a minha.

OS TRÊS: Ah! (Cercam-no.)

A SENHORA: Talvez não seja preciso ir à agência. Eu procuro uma casa.

MOTA: E eu.

FIGUEIREDO: E eu também.

A SENHORA: A sua onde é?

O PROPRIETÁRIO: Se querem a indicação, venham cinco mil-réis de cada um!

OS TRÊS: Hein?

O PROPRIETÁRIO: Ora essa, por que é que a agência há de cobrar e eu não?

MOTA: A agência paga impostos, e é, apesar dos pesares, um estabelecimento legalmente autorizado.

O PROPRIETÁRIO: Bem; como eu não sou um estabelecimento legalmente autorizado, dou a indicação por três mil-réis.

MOTA: Guarde-a!

FIGUEIREDO: Dispensou-a!

A SENHORA: Aqui tem os três mil-réis. A necessidade é tão grande que me submeto a todas as patifarias!

O PROPRIETÁRIO (calmo): Patifaria é forte, mas como a senhora paga...(Guarda o dinheiro.)

A SENHORA: Vamos!

O PROPRIETÁRIO: A minha casa é na Praia Formosa.

MOTA E FIGUEIREDO: Que horror!

O PROPRIETÁRIO: Um sobrado com três janelas de peitoril. Os baixos estão ocupados por um açougue.

MOTA E FIGUEIREDO: Xi!

A SENHORA: Deve haver muito mosquito!

O PROPRIETÁRIO: Mosquitos há em toda a parte. Sala, três quartos, sala de jantar, despensa, cozinha, latrina na cozinha, água, gás, quintal, tanque de lavar e galinheiro.

A SENHORA: Não tem banheiro?

O PROPRIETÁRIO: Terá, se o inquilino o fizer. A casa foi pintada e forrada há dez anos; está muito suja. Aluguel, duzentos e cinquenta mil-réis por mês. Carta de fiança passada por negociante matriculado, trezentos mil-réis de posse e contrato por três anos. O imposto predial e de pena d'água é pago pelo inquilino.

A SENHORA: Com os três mil-réis que me surriprou compre uma corda e enforque-se! (Sai.)

FIGUEIREDO (enquanto ela passa): Muito bem respondido, minha senhora!

MOTA: Com efeito!

O PROPRIETÁRIO: Mas os senhores...

FIGUEIREDO (tirando um apito do bolso): Se diz mais uma palavra, apito para chamar a polícia.

O PROPRIETÁRIO: Ora, vá se catar! (Vai saindo.)

FIGUEIREDO: Que é? Que é?... (Segue-o.)

O PROPRIETÁRIO: Largue-me!

FIGUEIREDO: Este tipo merecia uma lição! (Empurrando-o.) Vamos embora! Deixá-lo!

MOTA: Vamos!

O PROPRIETÁRIO (voltando e avançando para eles): Mas eu...

OS DOIS: Hein? (Atiram-se ao Proprietário, que foge, desaparecendo pela esquerda. Mota e Figueiredo encolhem os ombros e saem pela direita, encontrando-se à porta com Eusébio, que entra. O Proprietário volta e, enganado, dá com o guarda-chuva em Eusébio, e foge. Eusébio tira o casaco para persegui-lo.)

CENA III

Eusébio, só, depois Fortunata, Quinota, Juca, Benvinda

EUSÉBIO: Tratante! Se eu te agarro, tu havia de vê o que é purso de mineiro! Que terra esta, minha Nossa Senhora, que terra esta em que um home apanha sem sabê por quê? Mas onde ficou esta gente? Aquela Dona Fortunata não presta pra subir escada!(Indo à porta da direita) Entra! É aqui! (Entra com família.)

FORTUNATA (entrando apoiada no braço de Quinota): Deixe-me arrespirá um bocadinho! Virge Maria! Quanta escada!

EUSÉBIO: E ainda é no outro andá! Olhe! (Aponta para o letreiro).

JUCA (vendo Eusébio a vestir o casaco): Mamãe, papai se despiu!

AS TRÊS: É verdade!

EUSÉBIO: Tirei o casaco pra brigá! Não foi nada.

FORTUNATA: Não posso mais co' esta históric

de casa!

QUINOTA: É um inferno!

BENVINDA: Uma desgraça!

EUSÉBIO: Paciência. Nós não podemos ficar naquele hotel... Aquilo é luxo demais e custa os olhos da cara! Como temo que ficará algum tempo na Capitã Federá, o meu é procurar uma casa. A gente compra uns trastes e alguma louça... Bem-vinda vai pra cozinha...

BENVINDA (à parte): Pois sim!

EUSÉBIO: E Quinota trata dos arranjos da casa.

QUINOTA: Mas a coisa é que não se arranja casa.

EUSÉBIO: Desta vez tenho esperança de arranjar. Diz que essa agência é muito séria. Vamos!

FORTUNATA: Eu não subo mais escada! Espero aqui no corredor.

EUSÉBIO: Tudo fica! Eu vou e volto (vai saindo.)

JUCA (chorando e batendo o pé): Eu quero o pai! Eu quero o pai!

FORTUNATA: Pois vá, diabo!

EUSÉBIO: Vem! Vem! Não chora! Dá cá a mão! (Sai com o filho pela esquerda).

CENA IV

Fortunata, Quinota e Bem-vinda

QUINOTA: Mãe, por que não se senta naquele banco?

FORTUNATA: Ah! É verdade! Não tinha reparado. Estou moída. (Senta-se e fecha os olhos).

BENVINDA: Sinhá vai dormir.

QUINOTA: Deixa.

BENVINDA (em tom confidencial): Ó Nhanhã?

QUINOTA: Que é?

BENVINDA: Nhanhã reparou naquele homem que ia descendo pra baixo quando a gente vinha subindo pra cima?

QUINOTA: Não. Que homem?

BENVINDA: Aquele que mora lá no hotel em que a gente mora...

QUINOTA: Olha mãe! (D. Fortunata risonha).

BENVINDA: Já está dormindo. Nhanhã

reparou?

QUINOTA: Reparei, sim.

BENVINDA: Sabe o que ele fez hoje de manhã? Me meteu esta carta na mão!

QUINOTA: Uma carta? E tu ficaste com ela? Ah! Bem-vinda! (Pausa.) É pra mim?

BENVINDA: Pra quem haverá de ser?

QUINOTA: Não está sobrescritada.

BENVINDA (à parte, enquanto Quinota se certifica de que Fortunata dorme): Bem sei que a carta é minha... O que eu quero é que ela leia pra eu ouvir.

QUINOTA: Dá cá. (Toma a carta e vai abri-la, mas arrepende-se.) Que asneira ia eu fazendo!

DUETINO

QUINOTA

Eu gosto do seu Gouveia,
Com ele quero casar;
O meu coração anseia
Pertinho dele pulsar;

Portanto a epístola
Não posso abrir.
Sérios escrúpulos
devo sentir!

BENVINDA

Está longe seu Gouveia,
Aqui agora não vem...
Abra a carta, a carta leia...
Não digo nada a ninguém!

QUINOTA

Não! Não! A epístola
Não posso abrir!
Sérios escrúpulos
Devo sentir!

Entretanto, é verdade
Que tenho tal ou qual curiosidade.
Mãe — eu tremo!
Dormindo está?

BENVINDA

Sim, e ela memo

Respondeu já.
(Fortunata tem ressonado).

QUINOTA

É feio,
Mas que importa?
Abro e leio!

(Abre a carta).

JUNTAS

QUINOTA

Eu sou curiosa!
Não sei me conter!
A carta amorosa
Depressa vou ler!

BENVINDA

É bem curiosa!
Não há que dizê
A carta amorosa
Depressa vai lê!...

AMBAS: Uê!...

QUINOTA (lendo a carta): "Minha bela mulata"

AMBAS: Uê!

QUINOTA (lendo): "Minha bela mulata. Desde que estás morando neste hotel, tenho procurado falar-te. Tu não passas de uma simples mucama..." (Dá a carta a Benvinda.) A carta é para ti. (À parte.) Fui bem castigada.

BENVINDA: Leia pra eu ouvi, Nhanhã.

QUINOTA (lendo): "Se queres ter uma posição independente e uma casa tua..."

BENVINDA: Gentes!

QUINOTA: "...deixa o hotel, e vai ter comigo terça-feira, às quatro horas da tarde, no Largo da Carioca, ao pé da charutaria do Machado".

BENVINDA (à parte): Terça-feira... quatro hora...

QUINOTA: "Nada te faltará. Eu chamo-me Figueiredo."

BENVINDA: Rasga essa carta, Nhanhã! Veja só que sem-vergonha de home!

QUINOTA (rasgando a carta): Se papai soubesse...

BENVINDA (à parte): Figueiredo...

CENA V

As mesmas, Eusébio, Juquinha

EUSÉBIO: Já tenho uma indicação!

FORTUNATA (despertando): Ah! quase pego no sono! (Erguendo-se.) Já temo casa?

EUSÉBIO: Parece. O dono dela é o home com quem eu briguei ind'agorinha. Tinha me tomado por outro. Vamo à Praia Formosa pra vê se a casa serve.

FORTUNATA: Ora graça!

BENVINDA (à parte): Perto da charutaria.

EUSÉBIO (que ouviu): Não sei se é perto da charutaria, mas diz que o logá é aprazive; a casa munto boa... Fica pro cima de um açougue, o que qué dizê que nunca fartará carne! Vamo!

QUINOTA: É muito longe?

EUSÉBIO: É; mas a gente vai no bonde...

BENVINDA (à parte): Largo da Carioca...

EUSÉBIO (que ouviu): Que Largo da Carioca! É o bondinho da Rua Direita! Vamos!

JUQUINHA: Eu quero i co Benvinda!

FORTUNATA: Vai, vai co Benvinda! É preciso munta paciência para aturá este demônio deste menino! (Saem todos.)

BENVINDA (saindo por último, com Juquinha pela mão): Terça-feira... quatro hora... Figueiredo...

CENA VI

O PROPRIETÁRIO (vindo da esquerda):

Queira Deus que o mineiro fique com a casa... Mas não lhe dou dois meses para apanhar uma febre palustre! (Sai pela direita. Mutação.)

QUADRO III

(O Largo da Carioca. Muitas pessoas estão à espera de bonde. Outras passeiam.)

CENA I

Figueiredo, Rodrigues, pessoas do povo

CORO

À espera do bonde elétrico
Estamos há meia hora!
Tão desusada demora
Não sabemos explicar!
Talvez haja algum obstáculo,
Algum descarrilamento,
Que assim possa o impedimento
Da linha determinar!

(Figueiredo e Rodrigues vêm ao proscênio. Rodrigues está carregado de pequenos embrulhos.)

RODRIGUES: Que estopada, heim?

FIGUEIREDO: É tudo assim no Rio de Janeiro! Este serviço de bondes é terrivelmente malfeito! Não temos nada, nada, absolutamente nada!

RODRIGUES: Que diabo! Não sejamos tão exigentes! Esta companhia não serve mal. Não é por culpa dela esse atraso. Ali na estação me disseram. Na Rua do Passeio está uma fila de bondes parados diante de um enorme caminhão, que levava uma máquina descomunal não sei para onde, e quebrou as rodas. É ter um pouco de paciência.

FIGUEIREDO: Eu felizmente não estou à espera de bonde, mas de coisa melhor. (Consultando o relógio.) Estamos na hora.

RODRIGUES: Ah! Seu maganão... Alguma mulher... Você nunca há de tomar juízo!

FIGUEIREDO: Uma trigueira... Uma deliciosa trigueira!

RODRIGUES: Continua então a ser um grande apreciador de mulatas?

FIGUEIREDO: Continuo, mas eu digo trigueiras por ser menos rebarbativo.

RODRIGUES: Pois eu cá sou o homem da família, porque entendo que a família é a pedra angular de uma sociedade bem organizada.

FIGUEIREDO: Bonito!

RODRIGUES: Reprovo incondicionalmente esses amores escandalosos, que ofendem a moral e os bons costumes.

FIGUEIREDO: Ora não amola! Eu sou solteiro... Não tenho que dar satisfações a ninguém.

RODRIGUES: Pois eu sou casado, e todos os dias agradeço a Deus a santa esposa e os adoráveis filhinhos que me deu! Vivo exclusivamente para a família. Veja como vou para casa cheio de embrulhos! E é isto todos os

dias! Vão aqui empadinhas, doces, queijo, chocolate andaluz, sorvetes de viagem, o diabo!... Tudo gulodices!...

FIGUEIREDO (que, preocupado, não lhe tem prestado grande atenção): Não imagina você como estou impaciente! É curioso! Não varia aos quarenta anos esta sensação esquisita de esperar uma mulher pela primeira vez! Note-se que não tenho certeza de que ela venha, mas sinto uns formigueiros subirem-me pelas pernas! (Vendo Benvinda.) Oh! Diabo! Não me engano! Afaste-se, afaste-se, que lá vem ela!..

RODRIGUES: Seja feliz. Para mim não há nada como a família. (Afasta-se e fica observando de longe.)

CENA II

Os mesmos, Benvinda

BENVINDA (aproximando-se com uma pequena trouxa na mão): Aqui estou.

FIGUEIREDO (disfarçando o olhar para o céu): Disfarça, meu bem. (Pausa.) Estás pronta a acompanhar-me?

BENVINDA (disfarçando e olhando também para o céu): Sim, sinhô, mas eu quero sabê se é verdade o que o sinhô disse na sua carta...

FIGUEIREDO (disfarçando por ver um conhecido que passa e o cumprimenta): Como passam todos lá por casa? As senhoras estão boas?

BENVINDA (compreendendo): Boas, muito obrigado.. Sinhá Miloca é que tem andado com enxaqueca.

FIGUEIREDO (a parte): Fala mal, mas é inteligente.

BENVINDA: O sinhô me dá memo casa para mim morá?

FIGUEIREDO: Uma casa muito chique, muito bem mobiliada, e uns vestidos muito bonitos. (Passa outro conhecido. O mesmo jogo de cena.) Mas por que esta demora com minha roupa lavada?

BENVINDA: É porque choveu muito... Não se pôde corá... (Outro tom.) Não fartará nada?

FIGUEIREDO: Nada! Não fartará nada! Mas aqui não podemos ficar. Passa muita gente conhecida, e eu não quero que me vejam contigo enquanto não tiveres outra encadernação.

Acompanha-me e toma o mesmo bonde que eu. (Vai se afastando pela direita e Benvinda também.) Espera um pouco, para não darmos na vista. (Passa um conhecido.) Adeus, hein? Lembranças à Baronesa.

BENVINDA: Sim, sinhô, farei presente.

(Figueiredo afasta-se, disfarçando, e desaparece pela direita. Durante a fala que se segue, Rodrigues a pouco e pouco se aproxima de Benvinda.) Ora! Isto sempre deve sê mió que aquela vida enjoada lá da roça! Ah! Seu Borge! Seu Borge! Você abusou porque era feitô lá da fazenda; fez o que fez e me prometeu casamento... Mas casará ou não? Sinhá e Nanhã ondem ficá danada... Pois que fique!... Quero a minha liberdade! (Vai afastar-se na direção que tomou Figueiredo e é abordada pelo Rodrigues, que não a tem perdido de vista um momento.)

RODRIGUES: Adeus, mulata!

BENVINDA: Viva!

RODRIGUES (disfarçando): Dá-me uma palavrinha?

BENVINDA: Agora não posso.

RODRIGUES: Olhe, aqui tem o meu cartão... Se precisar de um homem sério... De um homem que é todo família...

BENVINDA (tomando disfarçadamente o cartão): Pois sim (Saindo, à parte.) O que não farta é home... Assim queira uma muié... (Sai.)

RODRIGUES (consigo): Sim... lá de vez em quando... para variar... não quero dizer que... (Outro tom.) E o maldito bonde que não chega! (Afasta-se pela direita e desaparece.)

CENA III

**Lola, Mercedes, Blanchette, Dolores,
Gouveia, pessoas do povo**

(As quatro mulheres entram da esquerda,

trazendo Gouveia quase à força.)

QUINTETO

AS MULHERES

Ande pra frente,
Faça favor!
Está filado,
Caro senhor!
Queira ou não queira,
Daqui não sai!
Janta conosco!
Conosco vai!

LOLA

Há tantos dias
Tu não me vias,
E agora qu'rias
Deixar-me só!
A tua Lola,
Meu bem, consola!
Dá-me uma esmola!
De mim tem dó!

AS OUTRAS

Há tantos dias
Tu não a vias,
E agora qu'rias
Deixá-la só!
A tua Lola,
Meu bem, consola!
Dá-lhe uma esmola!
Tem dó, tem dó!

GOUVEIA

Não me aborreçam!
Não me enfureçam!
Desapareçam!
Quero estar só!
Isto me amola!
Perco esta bola!
Querida Lola,
De mim tem dó!

LOLA

Ingrato - já não me queres!
Tu já não gostas de mim!

GOUVEIA

São terríveis as mulheres!
Gosto de ti, gosto, sim!
Mas não serve este lugar
Para tais assuntos tratar!

LOLA

Então daqui saíamos!
Vamos!

TODAS

Vamos!
Há tantos dias etc.

LOLA: Vamos a saber: por que não tens aparecido?

GOUVEIA: Tu bem sabes por quê.

LOLA: A primeira dúzia falhou?

GOUVEIA: Oh! Não! Ainda não falhou, graças a Deus, por isso mesmo é que não a tenho abandonado noite e dia! Não vês como estou pálido? Como tenho as faces desbotadas e os olhos encovados? É porque já não durmo, é porque já não me alimento, é porque não penso noutra coisa que não seja a roleta!

LOLA: Mas é preciso que descanses, que te distraias, que espaireças o espírito. Por isso mesmo exijo que venhas jantar hoje comigo, quero dizer, conosco, porque, como vês, terei à mesa estas amigas, que tu conheces: a Dolores, a Mercedes e a Blanche.

AS TRÊS: Então, Gouveia? Venha, venha jantar!...

GOUVEIA: Já deve ter começado a primeira banca!

LOLA: Deixa lá a primeira banca! Tenho um pressentimento de que hoje não dá a primeira dúzia.

AS TRÊS: Então, Gouveia, então? (Querem abraçá-lo.)

GOUVEIA (esquivando-se): Que é isto? Vocês estão doidas! Reparem que estamos no Largo da Carioca!

LOLA: Vem! Não te faças rogado!

AS TRÊS (implorando): Gouveia!...

GOUVEIA: Pois sim, vamos lá! Vocês são o diabo!

LOLA: Ai! E o meu leque? Trouxeste-o, Dolores?

DOLORES: Não.

BLANCHETTE: Nem eu.

MERCEDES: Tu deixaste-o ficar sobre a mesa, no Braço de Ouro.

GOUVEIA: Que foi?

LOLA: Um magnífico leque, comprado, não há uma hora, no Palais-Royal. Querem ver que o perdi?

GOUVEIA: Se queres, vou procurá-lo ao Braço de Ouro.

LOLA: Pois sim, faze-me esse favor. (Arrependendo-se.) Não! Se tu vais à Rua do Ouvidor, és capaz de encontrar lá algum amigo que te leve para o jogo.

MERCEDES: E esta é a hora do recrutamento.

LOLA: Vamos nós mesmas buscar o leque. Fica tu aqui muito quietinho à nossa espera. É um instante.

GOUVEIA: Pois vão e voltem.

LOLA: Vamos! (Sai com as três amigas.)

CENA IV

Gouveia, depois Eusébio, Fortunata, Quinota e Juquinha

GOUVEIA: Com esta não contava eu. Daí - quem sabe? Como ando em maré de felicidade, talvez seja uma providência lá não ir hoje. (Eusébio entra descuidado, acompanhado pela família, e, ao ver Gouveia, solta um grande grito.)

EUSÉBIO: Oh! Seu Gouveia! (Chamando.) Dona Fortunata!... Quinota!... (Cercam Gouveia.)

AS SENHORAS E JUQUINHA: Oh! Seu Gouveia! (Apertam-lhe a mão.)

EUSÉBIO: Seu Gouveia! (Abraça-o.)

GOUVEIA (atrapalhado): Sr. Eusébio... Minha senhora... Dona Quinota... (À parte.) Maldito encontro!...

QUARTETO

Eusébio, Fortunato, Quinota e Juquinha

Seu Gouveia, finalmente,
Seu Gouveia apareceu!

Seu Gouveia está presente!
Seu Gouveia não morreu!

EUSÉBIO

Andei por todas as rua,
Toda a cidade bati;
Mas de tê notícias sua
As esperança perdi!

QUINOTA

Mas ao meu anjo da guarda
Em sonhos dizer ouvi:
Sossega, que ele não tarda
A aparecer por aí!

TODOS: Seu Gouveia, finalmente etc. *

FORTUNATA: Ora, seu Gouveia! O sinhô chegou lá na fazenda feito cometa, e começou a namorá Quinota. Pedi eu em casamento, veio se embora dizendo que vinha tratá dos papé, e nunca mais deu siná de si! Isto se faz, seu Gouveia?

QUINOTA: Mamãe...

EUSÉBIO: Como Quinota andava apaixonada-coitadinha!- que não comia, nem bebia, nem dromia, nem nada, nós arresorvemo vi le procurá... porque lhe escrevi três carta que ficou sem resposta...

GOUVEIA: Não recebi nenhuma.

EUSÉBIO: Então entreguei a fazenda a seu Borge, que é home em que a gente pode confiá, e aqui estemo!

FORTUNATA: O sinhô sabe que com moça de família não se brinca... Se seu Eusébio não soubé sê pai, aqui estou eu que hei de sabê sê mãe!

QUINOTA: Mamãe, tenha calma... Seu Gouveia é um moço sério...

GOUVEIA: Obrigado, Dona Quinota. Sou, realmente, um moço sério, e hei de justificar plenamente o meu silêncio. Espero ser perdoado.

QUINOTA: Eu há muito tempo lhe perdoei.

GOUVEIA (a parte): Está ainda muito bonita! (Alto.) Onde moram?

EUSÉBIO: No Grande Hoté da Capitá Federá.

GOUVEIA (a parte): Oh! Diabo! No meu hotel!... Mas eu nunca os vi!

QUINOTA: Mas andamos à procura de casa: não podemos ficar ali.

FORTUNATA: É muito caro.

GOUVEIA: Sim, aquilo não convém.

EUSÉBIO: Mas é muito difíce achá casa. Uma Agência nos indicou uma praia Ferosa...

FORTUNATA: Que chiqueiro, seu Gouveia!

EUSÉBIO: Paguemo cinco mil-réis pra nos enchê de purga!

QUINOTA: E era muito longe.

GOUVEIA: Descansem, há de se arranjar casa. (À parte.) E a Lola que não tarda!

EUSÉBIO: Como diz?

GOUVEIA: Nada... Mas, ao que vejo, veio toda a família?

EUSÉBIO: Toda! Dona Fortunata... Quinota... O Juquinha...

JUQUINHA: A Benvinda.

EUSÉBIO: Ah! é verdade! Nos aconteceu uma desgraça!

FORTUNATA: Uma grande desgraça!

GOUVEIA: Que foi? Já sei... O senhor foi vítima do conto do vigário!

EUSÉBIO: Eu?!... Então eu sou algum matuto? Não sinhô, não foi isso.

JUQUINHA: Foi a Benvinda que fugiu!

QUINOTA: Cale a boca!

JUQUINHA: Fugiu cum home!

EUSÉBIO: Cala a boca, menino!

JUQUINHA: Foi Quinota que disse!

FORTUNATA: Cala a boca, diabo!

EUSÉBIO: O sinhô se lembra de Benvinda.

FORTUNATA: Aquela mulatinha? Cria da fazenda?

GOUVEIA: Lembra-me.

EUSÉBIO: Hoje de menhá, a gente se acorda-se...precura...

FORTUNATA: Quê dê Benvinda?

GOUVEIA: Pode ser que ainda a encontrem.

FORTUNATA: Mas em que estado, seu Gouveia!

EUSÉBIO: E seu Borge já estava arresorvido a casá com ela... Mas não fiquemo aqui...

GOUVEIA(inquieto): Sim, não fiquemos aqui.

EUSÉBIO: Temo muito que conversá, seu Gouveia.Não quero que dona Fortunata diga que não sei sê pai...Quero sabê se o sinhô está ou não disposto a cumprir o que tratou!

GOUVEIA: Certamente. Se dona Quinota ainda gosta de mim...

QUINOTA (baixando os olhos): Eu gosto.

GOUVEIA: Mas vamos! Em caminho conversaremos. São contos largos!

EUSÉBIO: Vamos jantá lá no hoté.

EUSÉBIO: No hotel? Não! A linha está interrompida. (À parte.) Era o que faltava! Ela lá iria! Alto. Vamos ao Internacional.

EUSÉBIO: Onde é isso?

GOUVEIA: Em Santa Tereza. Toma-se aqui o bonde elétrico.

FORTUNATA: O tá que vai pro cima do arco?

GOUVEIA: Sim, senhora.

FORTUNATA: Xi!

GOUVEIA: Não há perigo. Mas vamos! Vamos! (Dá o braço a Quinota.)

FORTUNATA (querendo separá-los): Mas...

EUSÉBIO: Deixe. Isto aqui é moda. A senhora se alembre que não estamos em S. João do Sabará.

JUQUINHA: Eu quero i co Quinota!

FORTUNATA: Princípia! Que menino, minha Nossa Senhora!

GOUVEIA (vendo Lola): Ela! Vamos! vamos! (Retira-se precipitadamente.)

EUSÉBIO: Espere aí, seu Gouveia! Ande, dona Fortunata!

JUQUINHA (chorando): Eu quero i co Quinota. (Saem todos a correr pela direita.)

CENA V

**Lola, Mercedes, Dolores, Blancheffe,
Rodrigues, pessoas do povo**

LOLA: Então? O Gouveia? Não lhes disse? Bem me arrependi de o ter deixado ficar! Não teve mão em si e lá se foi para o jogo!

MERCEDES: Que tratante!

DOLORES: Que malcriado!

BLANCHETTE: Que grosseirão!

LOLA: E nada de bondes!

MERCEDES: Que fizeste do teu carro?

LOLA: Pois não te disse já que o meu cocheiro, o Lourenço, amanheceu hoje com uma pontinha de dor de cabeça?

BLANCHETTE (maliciosa): Poupas muito o teu cocheiro.

LOLA: Coitado! É tão bom rapaz! (Vendo Rodrigues que se tem aproximado aos poucos.) Olá, como vai você?

RODRIGUES (disfarçando): Vou indo, vou indo... Mas que bonito ramilhete franco-espanhol! A Dolores... A Mercedes... A Blancheffe... Viva la gracia!

LOLA (as outras): Uma idéia, uma fantasia: vamos levar este tipo para jantar conosco?

AS OUTRAS: Vamos! Vamos!

BLANCHETTE: Substituirá o Gouveia! Bravo!

LOLA (a Rodrigues): Você faz-nos um favor? Venha jantar com o ramilhete franco-espanhol!

RODRIGUES: Eu? Não posso, filha: tenho a família à minha espera.

LOLA: Manda-se um portador à casa com esses embrulhos.

MERCEDES: Os embrulhos ficam, se é coisa que se coma.

RODRIGUES: Vocês estão me tentando, seus demônios!

LOLA: Vamos, anda! Um dia não são dias!

RODRIGUES: Eu sou um chefe de família!

TODAS: Não faz mal!

RODRIGUES: Ora adeus! Vamos! (Olhando para a esquerda.) Ali está um carro. O próprio cocheiro levará depois um recado à minha santa esposa... Disfarçemos... Vou alugar o carro. (Sai.)

TODAS: Vamos! (Acompanham-no.)

PESSOAS DO POVO: Lá vem afinal um bonde! Tomemo-lo. Avança! (Correm todos. Música na orquestra até o fim do ato. Mutaçào.)

QUADRO IV

(A passagem de um bonde elétrico sobre os arcos. Vão dentro do bonde, entre outros passageiros, Eusébio, Gouveia, D. Fortunata, Quinota e Juquinha. Ao passar o bonde em frente ao público, Eusébio levanta-se, entusiasmado pela beleza do panorama.)

EUSÉBIO: Oh! A Capitá Federá! A Capitá Ferderá!

PANO

ATO II

QUADRO V

(O Largo de São Francisco)

CENA I

Benvinda, pessoas do povo, depois Figueiredo

(Benvinda está exageradamente vestida à última moda e cercada por muitas pessoas do povo, que lhe fazem elogios irônicos.)

CORO

Ai, Jesus! Que mulata bonita!
Como vem tão janota e faceira!
Toda a gente por ela palpita!
Ninguém há que adorá-la não queira!
Ai, mulata!
Não há peito que ao ver-te não bata!

BENVINDA

Vão andando seu caminho,
Deixe a gente assossegada!

CORO

Pára ao menos um instantinho!
Não te mostres irritada!

BENVINDA

Gentes, meu Deus! Que maçada!

CORO

Dize o teu nome, benzinho!

COPLAS

BENVINDA

Meu nome não digo!
Não quero, aqui está!
Não bulam comigo!
Me deixem passar!
Jesus! Quem me acode?
Já vejo que aqui
As moças não pode
Sozinha saí!
Sai da frente
Minha gente
Sai da frente pro favô!
Tenho pressa!
Vou depressa!

Vou pra rua do Ouvidô!

CORO

Sai da frente!
Minha gente!
Sai da frente pro favô!
Vai com pressa!
Vai depressa!
Vai à rua do Ouvidor.

BENVINDA

Não digo o meu nome!
Não tou de maré!
Diabo dos home
Que insurta as muié!
Quando eu vou sozinha,
Só ouço dizê:
"Vem cá, mulatinha,
Que eu vou com você!"
Sai da frente etc.

CORO

Sai da frente etc.
(Figueiredo aparece e coloca-se ao lado de Benvinda)

FIGUEIREDO

Meus senhores, que é isto?
Perseguição assim é caso nunca visto!
Mas saibam que esta fazenda
Tem um braço que a defenda!

BENVINDA

Seu Figueiredo
Eu tava aqui com muito medo!

CORO

(A meia voz)
Este é o Marchante...
Deixá-los, pois, no mesmo instante!
Provavelmente o tipo é tolo,
E há de querer armar um rolo!

(A toda voz, cumprimentando ironicamente Figueiredo)

Feliz mortal, parabéns
Pelo tesouro que tens!
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!
Mulher mais bela aqui não há!

(Todos se retiram. Durante as cenas que seguem, até o fim do quadro, passam pessoas do povo.)

CENA II Figueiredo, Benvinda

FIGUEIREDO (repreensivo): Já vejo que há de ser muito difícil fazer alguma coisa de ti!

BENVINDA: Eu não tenho culpa que esse diabo....

FIGUEIREDO (atalhando): Tens culpa, sim! Em primeiro lugar, essa toaleta é escandalosa! Esse chapéu é descomunal!

BENVINDA: Foi o sinhô que escolheu ele!

FIGUEIREDO: Escolhi mal! Depois, tu abusas do *face-en-main*!

BENVINDA: Do... do quê?

FIGUEIREDO: Disto, da luneta! Em francês chama-se *face-en-main*. Não é preciso estar a todo o instante...(Faz o gesto de quem leva aos olhos o *face-en-main*.) Basta que te sirvas disso lá uma vez por outra, e assim, olha, assim, com certo ar de sobrançeria.(Indica.) E não sorrias a todo instante, como uma bailarina... A mulher que sorri sem cessar é como o pescador quando atira a rede: os homens vêm aos cardumes, como ainda agora! E esse andar? Por que gingas tanto? Por que te remexas assim?

BENVINDA (chorosa): Oh! Meu Deus! Eu ando bem direitinha... Não olho pra ninguém... Estes diabo é que intica comigo. "Vem cá, mulatinha! Meu bem, ouve aqui uma coisa!"

FIGUEIREDO: Pois não respondas! Vai olhando sempre para a frente! Não tires os olhos de um ponto fixo, como os acrobatas, que andam na corda bamba... Olha, eu te mostro... Faze de conta que eu sou tu e estou passando... Tu és um gaiato e me dizes uma gracinha quando eu passar por ti.(Afasta-se e passa pela frente de Benvinda, muito sério). Vamos, dize

alguma coisa!...

BENVINDA: Dizê o quê?

FIGUEIREDO (a parte): Não compredeu! (Alto.) Qualquer coisa! Adeus, meu bem! Aonde vai com tanta pressa! Olha o lenço que caiu!

BENVINDA: Ah! Bem!

FIGUEIREDO: Vamos, outra vez.(Repete o movimento.)

BENVINDA: Adeus, seu Figueiredo.

FIGUEIREDO: Que Figueiredo! Eu agora sou Benvinda! E a propósito: hei de arranjar-te um nome de guerra.

BENVINDA: De guerra? Uê!...

FIGUEIREDO: Sim, um nome de guerra. É como se diz. Benvinda é nome de preta velha. Mas não se trata agora disso. Vou passar de novo. Não te esqueças de que eu sou tu. Já compreendeste?

BENVINDA: Já, sim sinhô.

FIGUEIREDO: Ora, muito bem! Lá vou eu. (Repete o movimento.)

BENVINDA (enquanto ele passa): Ouve uma coisa, mulata! Vem cá, meu coração!...

FIGUEIREDO (que tem passado impertubável): Viste? Não se dá troco! Arranja-se um olhar de mãe de família! E diante desse olhar, o mais atrevido se desarma! Vamos! Anda um bocadinho até ali! Quero ver se aprendeste alguma coisa!

BENVINDA: Sim, sinhô. (Anda.)

FIGUEIREDO: Que o quê. Não é nada disso! Não é preciso fazer projeções do holofote para todos os lados! Assim, olha... (Anda.) Um movimento gracioso e quase imperceptível dos quadris...

BENVINDA (rindo): Que home danado!

FIGUEIREDO: É preciso também corrigir o teu modo de falar, mas a seu tempo trataremos desse ponto, que é essencial. Por enquanto o melhor que tens a fazer é abrir a boca o menor número de vezes possível, para não dizes home em vez de homem e quejandas parvoíces... Não há elegância sem boa prosódia. Aonde ias tu?

BENVINDA: Ia na rua do Ouvidô.

FIGUEIREDO (emendando): Ouvidor...

Ouvidor... Não faça economia nos erros, porque apesar da carestia geral eles não aumentarão de preço. E sibila bem os esses. Assim... Bom. Vai e até logo! Mas vê lá: nada de olhadelas, nada de respostas! Vai!

BENVINDA: Inté logo.

FIGUEIREDO: Que inté logo! Até logo é que é! Olha, em vez de inté logo diz: *Au revoir!* Tem muita graça de vez em quando uma palavra ou uma expressão francesa.

BENVINDA: O REVOÁ!

FIGUEIREDO: Antes isso! (Benvinda afasta-se.) Não te mexas tanto, rapariga! Ai! Ai! Isso! Agora foi demais! Ai! (Benvinda desaparece.) De quantas tenho lançado, nenhuma me deu tanto trabalho! Há de ser difícil coisa lapidar este diamante! É uma vergonha! Não pode estar ao pé de gente (Lola vai atravessando a cena. Vendo Figueiredo, encaminha-se para ele.)

CENA III

Figueiredo, Lola

LOLA: Oh! Estimo encontrá-lo! Pode dar-me uma palavra?

FIGUEIREDO: Pois não, minha filha!

LOLA: Não o comprometo?

FIGUEIREDO: De forma alguma! Vossemecê já está lançada!

LOLA: Como?

FIGUEIREDO: Vossemecês só envergonham a gente antes de lançadas.

LOLA: Não entendo.

FIGUEIREDO: Nem é preciso entender. Que desejava?

LOLA: Lembra-se de mim?

FIGUEIREDO: Perfeitamente. Encontramo-nos um dia no vestíbulo do Grande Hotel da Capital Federal.

LOLA (apertando-lhe a mão): Nunca mais me esqueci da sua fisionomia. O senhor não é bonito... Oh! Não! Mas é muito insinuante.

FIGUEIREDO (modestamente): Oh! Filha!...

LOLA: Lembra-se do motivo que me levava àquele hotel?

FIGUEIREDO: Lembra-me. Vossemecê ia à procura de um moço que apontava na primeira dúzia.

LOLA: Vejo que tem boa memória. Pois é na sua qualidade de hóspede do Grande Hotel da Capital Federal que me atrevo a pedir-lhe uma informação.

FIGUEIREDO: Mas eu há muitos dias já lá não moro! Era um bom hotel, não nego, mas que quer? Não me levavam o café ao quarto às sete horas em ponto! Entretanto, se for coisa que eu sabia...

LOLA: Queria apenas que me desse notícias do Gouveia.

FIGUEIREDO: Do Gouveia?

LOLA: O tal da primeira dúzia.

FIGUEIREDO: Mas eu não o conheço.

LOLA: Deveras?

FIGUEIREDO: Nunca o vi mais gordo!

LOLA: Que pena! Supus que o conhecesse!

FIGUEIREDO: Pode ser que o conheça de vista, mas não ligo o nome à pessoa.

LOLA: Tenho-o procurado inúmeras vezes no hotel... e não há meio! Não está! Saiu! Há três dias não aparece cá! Um Inferno!...

FIGUEIREDO: Continua a amá-lo?

LOLA: Sim, continuo, porque a primeira dúzia, pelo menos até a última vez que lhe falei, não tinha ainda falhado; mas como não o vejo há muitos dias, receio que a sorte afinal se cansasse.

FIGUEIREDO: Então o seu amor regula-se pelos caprichos da bola da roleta?

LOLA: É como diz. Ah! Eu cá sou franca!

FIGUEIREDO: Vê-se!

COPLAS

LOLA

-I-

Este afeto incandescente
Pela boca se regula
Que vertiginosamente
Na roleta salta e pula!

FIGUEIREDO

Vossemecê o moço estima
Dando a bola de um a doze;
Mas de treze para cima
Ce n'est pas la même chose!

-II-

É Gouveia um bom pateta
Se supõe que inda o quisesse
Quando a bola da roleta
A primeira já não desse!

FIGUEIREDO

A mulata brasileira
De carinhos é fecunda,
Embora dando a primeira,
Embora dando a segunda!

LOLA: E, por outro lado, ando apreensiva...

FIGUEIREDO: Por quê?

LOLA: Porque... O senhor não estranhe estas
confidências por parte de uma mulher
que nem ao menos sabe o seu nome.

FIGUEIREDO: Figueiredo...

LOLA: Mas, como já disse, a sua fisionomia é
tão insinuante... Simpatizo muito com
o senhor.

FIGUEIREDO: Creia que lhe pago na mesma
moeda. Digo-lhe mais: se eu não
tivesse a minha especialidade... (À
parte.) Deixem lá! Se o moreno fosse
mais carregado...

LOLA: Ando apreensiva porque a Mercedes
me contou que há dias viu o Gouveia
no teatro com uma família que, pelos
modos, parecia gente da roça... E ele
conversava muito com uma moça
que não era nada feia... Tenho eu
que ver. Se o tratante se apanha com
uma boa bolada, arranja casório e eu
fico a chuchar no dedo!

FIGUEIREDO (a parte): Ela exprime-se com
muita elegância!

LOLA: Dos homens tudo há de esperar!

FIGUEIREDO: Tudo, principalmente quando
dá a primeira dúzia.

LOLA (estendendo a mão, que ele aperta):
Adeus, Figueiredo.

FIGUEIREDO: Adeus... Como te chamas?

LOLA: Lola.

FIGUEIREDO: Adeus, Lola.

LOLA (com uma idéia): Ah! uma coisa:
você é homem que vá a uma festa?

FIGUEIREDO: Conforme.

LOLA: Eu faço anos sábado...

FIGUEIREDO: Este agora?

LOLA: Não; o outro.

FIGUEIREDO: Sábado de aleluia?

LOLA: Sábado de aleluia, sim. Faço anos e
dou um baile à fantasia.

FIGUEIREDO: Bravo! Não faltarei!

LOLA: Contanto que vá fantasiado! Se não
vai, não entra!

FIGUEIREDO: Irei fantasiado.

LOLA: Aqui tem você a minha morada. (Dá-
lhe um cartão.)

FIGUEIREDO: Aceito com muito prazer, mas
olhe que não vou sozinho...

LOLA: Vai com quem quiseres.

FIGUEIREDO: Levo comigo uma trigueira
que estou lançando, e que precisa
justamente de ocasiões como essa
para civilizar-se.

LOLA: Aquela casa é tua, meu velho!
(Vendo Gouveia, que entra do outro
lado, cabisbaixo, e não repara nela.)
Olha quem vem ali!

FIGUEIREDO: Quem?

LOLA: Aquele é que é o Gouveia.

FIGUEIREDO: Ah! É àquele?... Conheço-o de
vista... É um moço do comércio.

LOLA: Foi. Hoje não faz outra coisa senão
jogar. Mas como está cabisbaixo e
pensativo! Querem ver que a
primeira dúzia...

FIGUEIREDO: Adeus! Deixo-te com ele. Até
sábado de aleluia!

LOLA: Não faltes, meu velho! (Apertam-se
as mãos.)

FIGUEIREDO (a parte): Dir-se-ia que
andamos juntos na escola! (Sai)

CENA IV

Lola, Gouveia

GOUVEIA (descendo cabisbaixo ao
proscênio): Há três dias dá a segunda
dúzia... Consultei hoje a escrita: perdi
em noventa e cinco bolas o que tinha

ganho em perto de mil e duzentas!
Decididamente aquele famoso padre
do Pará tinha razão quando dizia que
não se deve apontar a roleta nem
com o dedo, porque o próprio dedo
pode lá ficar!

LOLA (a parte, do outro lado): Fala sozinho!

GOUVEIA: Hei de achar a forra! O diabo é
que fui obrigado a pôr as jóias no
prego. Venho neste instante da casa
do judeu. É sempre pelas jóias que
começa a esbodegação...

LOLA (a parte): Continua... Aquilo é coisa...

GOUVEIA: Com certeza vão dar por falta
dos meus brilhantes... Pobre Quinota!
Se ela soubesse! Ela, tão simples, tão
ingênua, tão sincera!

LOLA (aproximando-se inopinadamente): Tu
estás maluco?

GOUVEIA: Heim?... Eu... Ah! És tu? Como vais?

LOLA: Estavas falando sozinho?

GOUVEIA: Fazendo uns cálculos....

LOLA: Aconteceu-te alguma coisa
desagradável? Tu não estás no teu
natural!

GOUVEIA: Sim... Aconteceu-me... Fui roubado...
Um gatuno levou as minhas jóias... E eu
estava aqui planejando deixar hoje a
primeira dúzia e atacar dois esguichos, o
esguicho de 7 a 12 e o esguicho de 25
a 30, a dobrar, a dobrar!

LOLA (num ímpeto): A primeira dúzia falhou?

GOUVEIA: Falhou... (A um gesto de Lola.)
Mas descansa: eu já a tinha abandonado
antes que ela me abandonasse.

LOLA: Tens então continuado a ganhar?

GOUVEIA: Escandalosamente!

LOLA: Ainda bem, porque sábado de
aleluia faço anos...

GOUVEIA: É verdade... Fazes anos no
sábado de aleluia...

LOLA: É preciso gastar muito dinheiro! Tenho
te procurado um milhão de vezes! No
Hotel me dizem que lá nem apareces!

GOUVEIA: Exageração.

LOLA: E outra coisa: quem era uma família
com quem estavas uma noite destas
no S. Pedro? Uma família da roça?

GOUVEIA: Quem te disse?

LOLA: Disseram-me. Que gente é essa?

GOUVEIA: Uma família muito respeitável, que
eu conheci quando andei por Minas.

LOLA: Gouveia, Gouveia, tu enganas-me!

GOUVEIA: Eu? Oh! Lola! Nunca te autorizei
a duvidares de mim!...

LOLA: Nessa família há uma moça que...
Oh! O meu coração adivinha uma
desgraça e... (Desata a chorar.)

GOUVEIA (a parte): É preciso, realmente,
que ela me ame muito, para ter um
pressentimento assim! (Alto.) Então?
Que é isso? Não chores! Vê que
estamos na rua!...

LOLA (a parte): Pedaço d'asno!

GOUVEIA: Eu irei logo lá à casa, e
conversaremos.

LOLA: Não, não te deixo! Hás de ir agora
comigo, hás de acompanhar-me,
senão desapareces como aquela vez,
no Largo da Carioca!

GOUVEIA: Mas...

LOLA: Ou tu me acompanhas, ou dou um
escândalo!

GOUVEIA: Bom, bom, vamos. Tens aí o carro?

LOLA: Não, que o Lorenço, coitado, foi
passar uns dias em Caxambu. Vamos
a pé. Bem sei que tu tens vergonha
de andar comigo em público, mas
isso são luxos que deves perder!

GOUVEIA: Vamos! (À parte.) Hei de achar
meio de escapulir...

LOLA: Vamos! (À parte.) Ou eu me engano,
ou está liquidado! (Afastam-se. Entram
pelo outro lado Eusébio, Fortunata e
Quinota, que os vêem sem serem
vistos por eles).

CENA V

Eusébio, Fortunata, Quinota

FORTUNATA: Olhe! Lá vai! Lá vai! É ele! É seu
Gouveia com a mesma espanhola
com quem estava aquela noite no
Jardim do Recreio. (Correndo a gritar.)
Seu Gouveia! Seu Gouveia!...

EUSÉBIO (agarrando-a pela saia): Ó
senhora! Não faça escândalo! Que
maluquice de muié!...

QUINOTA (abraçando o pai, chorosa):
Papai, eu sou muito infeliz...

EUSÉBIO: Aqui está! É o que a senhora queria!

FORTUNATA: Aquilo é um desaforo que eu não posso admitir! O diabo de homem é noivo de nossa filha e anda por toda a parte cum a pilintra!

EUSÉBIO: Que pilintra, que nada!... Não acredita, fia da minha benção. É uma prima dele. Coitadinha! Chorando! Chorando! (Beija-lhe os olhos.)

QUINOTA: Eu gosto tanto daquele ingrato!

EUSÉBIO: Ele também gosta de ti... e há de casá contigo... e há de sê um bom marido!

FORTUNATA (puxando Eusébio de lado): É preciso que você tome uma providência quaquê, seu Eusébio - senão faço uma estralada!

EUSÉBIO (baixo): Descanse... Eu já tomei informação... Já sei onde mora essa espanhola... Agora mesmo vou procurá ela. Vá as duas. Vá pra casa! Eu já vou.

FORTUNATA: E Juquinha? Por onde anda aquele menino?

EUSÉBIO: Deixe, que o pequeno não se perde... Está lá no tal Belódromo, aprendendo a andá naquela coisa... Cumo chama?

QUINOTA: Bicicleta.

EUSÉBIO: É. Diz que é bom pra desenvolver os músculos!

FORTUNATA: Desenvolver a vadiação, é que é!

QUINOTA: É tão criança!

EUSÉBIO: Deixa o menino se diverti. Vão pra casa.

QUINOTA: Lá vamos para aquele forno!

EUSÉBIO: Tem paciência, Quinota! Enquanto não se arranja coisa mió, a gente deve se contentá c'aquele sote.

FORTUNATA: Vamo, Quinota!

QUINOTA: Não se demore, papai!

EUSÉBIO: Não.

FORTUNATA (saindo): Eu tô mas é doida pra me apanhá na fazenda! (Eusébio leva as senhoras até o bastidor e, voltando-se, vê pelas costas Benvinda.)

BENVINDA (consigo): Parece que assim o meu andá tá direiro...

EUSÉBIO (consigo): Xi, que tentação! (Seguindo Benvinda). Psiu!... Ó Dona... Dona...

BENVINDA(a parte): Esta voz... (Volta-se). Sinhô Eusébio!

EUSÉBIO: Benvinda!...

BENVINDA (assestando o *face-en-main*) Ó revoá.

EUSÉBIO: A mulata de luneta, minha Nossa Senhora! Este mundo tá perdido!...

BENVINDA (dando-se ares, sibilando os esses): Deseja alguma coisa? Estou às suas ordens!

EUSÉBIO: Ah! Ah! Ah! Que mulata pernóstica! Quem havia de dizê. Vem cá, diabo, vem cá, me conta tua vida!

BENVINDA (mudando de tom): Vam'cê não tá zangado comigo?

EUSÉBIO: Eu não! Tu era senhora do teu nariz! O que tu podia tê feito era se despedi da gente... Dona Fortunata não te perdoa! E seu Borge, quando soubé, há de ficá danado, porque ele gosta de ti.

BENVINDA: Se ele gostasse de mim, tinha se casado comigo.

EUSÉBIO: Ele um dia me deu a entendê que se eu te desse um dote...

BENVINDA: Vam'cês ainda mora no hoté?

EUSÉBIO: Não. Nós mudemo para um sote da Rua dos Invállo. Paguemo sessenta mi-réis.

BENVINDA: Seu Gouveia já apareceu?

EUSÉBIO: Apareceu e tudo tá combinado... (À parte.) O diabo é a espanhola!

BENVINDA: Sinhá, Nhanhã? Nhô Juquinha? Tudo tá bom?

EUSÉBIO: Tudo! Tudo! Tá bom!

BENVINDA: Nhô Juquinha eu vejo ele às vez passá na Rua do Lavradio... com outros menino...

EUSÉBIO: Tá aprendendo a andá no...n...nesses carro de duas roda, uma atrás, outra adiante, que a gente trepa em cima e tem um nome esquisito...

BENVINDA: Eu sei.

EUSÉBIO: E tu, mulata?

CENA VI Eusébio, Benvinda

BENVINDA: Eu tô com seu Figueiredo.

EUSÉBIO: Sei lá quem é seu Figueiredo.

BENVINDA: Tou morando na Rua do Lavradio, canto da Rua da Relação. (Assestando o *face-en-main*.) Se quisé aparecê, não faça cerimônia. (Sai requebrando-se.) Ó revoá!

EUSÉBIO: Aí, mulata!

CENA VII

Eusébio, depois Juquinha

EUSÉBIO: O curpado fui eu... Quando me alembro que seu Borge queria casá com ela... Bastava um dote, quaquê coisa... dois ou três conto de réis... Mas deixa está: ele não sabe de nada, e talvez que a coisa ainda se arranje. Quem não sabe é como quem não vê. (Vendo passar Juquinha montado numa bicicleta.) Eh! Juquinha... Menino, vem cá!

JUQUINHA: Agora não posso, não sinhô! (Desaparece.)

EUSÉBIO: Ah! Menino! Espera lá! (Corre atrás do Juquinha. Gargalhada dos circunstantes. Mutação.)

QUADRO VI

(Saleta em casa de Lola)

CENA I

Lola e Gouveia

(Lola entra furiosa. Traz vestida uma elegante bata.

Gouveia acompanha-a. Vem vestido de Mefistófeles.)

LOLA: Não! Isto não se faz! E o senhor escolheu o dia dos meus anos para me fazer essa revelação! Devia esperar pelo menos que acabasse o baile! Com mau humor vou agora receber os meus convidados! (Caindo numa cadeira.) Oh! Os meus pressentimentos não me enganavam!...

GOUVEIA: Esse casamento é inevitável; quando estive em S. João do Sabará, comprometi-me com a família de minha noiva e não posso faltar à

minha palavra!

LOLA: Mas por que não me disse nada? Por que não foi franco?

GOUVEIA: Supus que esta dívida tivesse caído em exercícios findos, mas a pequena teve saudades minhas, e tanto fez, tando chorou, que o pai se viu obrigado a vir procurar-me! Como vês, é uma coisa séria!

LOLA: Mas o senhor não pode procurar um subterfúgio qualquer para evitar esse casamento? Que idéia é essa de se casar agora que está bem, que tem sido feliz no jogo? E eu? Que papel represento eu em tudo isto?

GOUVEIA (puxando uma cadeira): Lola, vou ser franco, vou dizer-te toda a verdade. (Senta-se.) Há muito tempo não faço outra coisa senão perder... O outro dia teve uma aragem passageira, um sopro de fortuna, que serviu apenas para pagar as despesas da tua festa de hoje e mandar fazer esta roupa de Mefistófeles! Estou completamente perdido! As minhas jóias não foram roubadas, como eu te disse. Deitei-as no prego e vendi as cautelas. Para fazer dinheiro, eu, que aqui vês coberto de seda, tenho vendido até a roupa do meu uso... Nessas casas de jogo já não tenho a quem pedir dinheiro emprestado. Os banqueiros olham-me por cima dos ombros, porque eu me tornei um piaba... Sabes o que é um piaba? É um sujeito que vai jogar com muito pouco bago. Estou completamente perdido!

LOLA (erguendo-se): Bom. Prefiro essa franqueza. É muito mais razoável.

GOUVEIA (erguendo-se): Esse casamento é a minha salvação; eu...

LOLA: Não precisa dizer mais nada. Agora sou eu a primeira a aconselhar-te que te cases, e quanto antes melhor...

GOUVEIA: Mas, minha boa Lola, eu sei que com isso vais padecer bastante, e...

LOLA: Eu? Ah! Ah! Ah! Ah!... Só esta me faria rir!... Ah! Ah! Ah! Ah!... Sempre me saíste um grande tolo! Pois entrou-te na cabeça que em algum dia

quisesse de ti outra coisa que não fosse o teu dinheiro?

GOUVEIA (horrorizado): Oh!

LOLA: E realmente supunhas que eu te tivesse amor?

GOUVEIA (caindo em si): Compreendo e agradeço o teu sacrifício, minha boa Lola. Tu estás a fingir uma perversidade e um cinismo que não tens, para que eu saia desta casa sem remorsos! Tu és a Madalena, de Pinheiro Chagas!

LOLA: E tu és um asno! O que te estou dizendo é sincero! Estava eu bem aviada se me apaixonasse por quem quer que fosse!

GOUVEIA: Dar-se-á caso que te saíssem do coração todos aqueles horrores?

LOLA: Do coração? Sei lá o que isso é. O que affianço é que sou tão sincera, que me comprometo a amar-te ainda com mais veemência que da primeira vez no dia em que resolveres dar cabo do dote da tua futura esposa!

GOUVEIA (com uma explosão): Cala-te, víbora danada! Olha que nem o jogo, nem os teus beijos me tiraram totalmente o brio! Eu posso fazer-te pagar bem caro os teus insultos!

LOLA: Ora, vai te catar! Se julgas amedrontar-me com esses ares de galã de dramalhão, enganas-te redondamente! Depois, repara que estás vestido de Mefistófeles! Esse traje prejudica os teus efeitos dramáticos! Vai, vai ter com a tua roceira. Casem-se, sejam muito felizes, tenham muitos Gouveiazinhos, e não me amoles mais! (Gouveia avança, quer dizer alguma coisa, mas não acha uma palavra. Encolhe os ombros e sai.)

CENA II

Lola, depois, Lourenço

LOLA (só): Faltou-lhe uma frase, para o final da cena. Coitado! A respeito de imaginação, este pobre rapaz foi sempre uma lástima! - Os homens não compreendem que o seu único

atrativo é o dinheiro! Este pascácio devia ser o primeiro a fazer uma retirada em regra, e não se sujeitar a tais sensaborias! Bastavam quatro linhas pelo correio. Oh! Também a mim, quando eu ficar velha e feia, ninguém me há de querer! Os homens têm o dinheiro, nós temos a beleza; sem aquele e sem esta, nem eles nem nós valemos coisa nenhuma. (Entra Lourenço, trajando uma libré de cocheiro. Vem a rir-se.)

LOURENÇO: Que foi aquilo?

LOLA: Aquilo quê?

LOURENÇO: O Gouveia! Veio zunindo pela escada abaixo, e no saguão, quando eu me curvei respeitosamente diante dele, mandou-me ao diabo, e foi pela rua fora, a pé, vestido de Satanás de mágica! Ah! Ah! Ah!

LOLA: Daquele estou livre.

LOURENÇO: Eu não dizia a você? Aquilo é bananeira que já deu cacho!

LOLA: Que vieste fazer aqui? Não te disse que ficasses lá embaixo?

LOURENÇO: Disse, sim, mas é que está aí um matuto, pelos modos fazendeiro, que deseja falar com você.

LOLA: A ocasião é imprópria. São quase horas, ainda tenho que me vestir!

LOURENÇO: Coitado! O pobre-diabo já aqui veio um ror de vezes a semana passada, parece ter muito interesse nesta visita. Demais... você bem sabe que nunca se manda embora um fazendeiro.

LOLA: Que horas são?

LOURENÇO: Oito e meia. Já estão na sala alguns convidados.

LOLA: Bem! Num quarto de hora eu despacho esse matuto. Faze-o entrar.

LOURENÇO: É já. (Sai assoviando.)

LOLA (só): Como anda agora lépido o Lourenço! Voltou de Caxambu que nem parece o mesmo! - Ele tem razão: um fazendeiro nunca se manda embora.

LOURENÇO (introduzindo Eusébio muito corretamente): Tenha V.Exa. a bondade de entrar. (Eusébio entra,

muito encafifado, e Lourenço sai, fechando a porta.)

CENA III Lola, Eusébio

EUSÉBIO: Boa noite, Madama! Deus esteja nesta casa!

LOLA: Faz favor de entrar, sentar-se e dizer o que deseja. (Oferecendo-lhe uma cadeira. Sentam-se ambos.)

EUSÉBIO: Na sumana passada eu procurei a Madama um bandão de vez sem conseguir falá...

LOLA: E por que não veio esta semana?

EUSÉBIO: Dona Fortunata não quis, por sê sumana santa... Eu esperei que rompesse as aleluia! (Uma pausa.) Eu pensei que Madama embrulhasse língua comigo, e eu não entendesse nada que a Madama dissesse, mas tó vendo que fala muito bem o português...

LOLA: Eu sou espanhola e... o senhor sabe... o espanhol parece-se muito com o português; por exemplo: hombre, homem; mujer, mulher.

EUSÉBIO (mostrando o chapéu que tem na mão): E como é chapéu, Madama?

LOLA: Sombrero.

EUSÉBIO: E guarda-chuva?

LOLA: Paraguas.

EUSÉBIO: É! Parece quase a mesma coisa! - E cadeira?

LOLA: Silla.

EUSÉBIO: E janela?

LOLA: Ventana.

EUSÉBIO: Muito parecida!

LOLA: Mas, perdão, creio que não foi para aprender espanhol que o senhor veio à minha casa...

EUSÉBIO: Não, Madama, não foi para aprendê espanhol: foi para tratá de uma coisa munto séria!

LOLA: De coisa séria? Comigo! É esquisito!...

EUSÉBIO: Não é esquisito, não, Madama; eu sou o pai da noiva de seu Gouveia!...

LOLA: Ah!

EUSÉBIO: Cumo minha fia anda munto desgostosa pru via da Madama, eu

me alembrei de vi na sua casa para sabê... sim, para sabê se é possive a Madama se separá de seu Gouveia. Se fô possive, munto que bem; se não fô, paciência: a gente arruma as mala, e amenhã memo vorta pra fazenda. Minha fia é bonita e é rica: não há de sê defunto sem choro!...

LOLA: Compreendo: o senhor vem pedir a liberdade de seu futuro genro!

EUSÉBIO: Sim, Madama: eu quero o moço livre e desembaraçado de quaquê ônus! (Lola levanta-se, fingindo uma comoção extraordinária; quer falar, não pode, e acaba numa explosão de lágrimas. Eusébio levanta-se.) Que é isso? A Madama tá chorando?!...

LOLA (entre lágrimas): Perder o meu adorado Gouveia! Oh! O senhor pede-me um sacrifício terrível! (Pausa.) Mas eu compreendo... Assim é necessário... Entre a mulher perdida e a menina casta e pura, entre o vício e a virtude, é o vício que deve ceder... Mas o senhor não imagina como amo aquele moço e quantas lágrimas preciso verter para apagar a lembrança do meu amor desgraçado! (Abraça Eusébio, escondendo o rosto nos ombros dele, e soluça.) Sou muito infeliz!

EUSÉBIO (depois de uma pausa em que faz muitas caretas): Então, Madama?... Sossegue... A Madama não perde nada... (À parte.) Que cangote cheiroso!...

LOLA (olhando para ele, sem tirar a cabeça do ombro): Não perco nada? Que quer o senhor dizer com isso!

EUSÉBIO: Quero dizê que... sim... quero dizê... Home, Madama, tira a cabeça daí, porque assim eu não acerto cas palavras!

LOLA (sem tirar a cabeça): Sim, a minha porta se fechará ao Gouveia... Juro-lhe que nunca mais o verei!... Mas onde irei achar consolação?... Onde encontrar uma alma que me compreenda, um peito que me abrigue, um coração que vibre

harmonizado com o meu?

EUSÉBIO: Nós podemos entrá num ajuste.

LOLA (afastando-se dele com ímpeto): Um ajuste?! Que ajuste?! O senhor quer talvez propor-me dinheiro!... Oh! Por amor dessa inocente menina, que é sua filha, não insulte, senhor, os meus sentimentos, não ofenda o que eu tenho de mais sagrado!...

EUSÉBIO (a parte): É um pancadão! Seu Gouveia teve bom gosto!...

LOLA: O senhor quer que eu deixe o Gouveia porque sua filha o ama e é amada por ele, não é assim? Pois bem: é seu o Gouveia; dou-lho, mas dou-lho de graça, não exijo a menor retribuição!

EUSÉBIO: Mas o que vinha propô à Madama não era um pagamento, mas uma... Cumo chama aquilo que se falou cando foi o 13 de Maio? Uma... Ora, sinhô! (Lembrando-se.) Ah! Uma indenização! O caso muda muito de figura!

LOLA: Não! Nenhuma indenização pretendo! Mas de ora em diante fecharei o meu coração aos mancebos da capital, e sô amarei... (Enquanto fala vai arranjando o laço da gravata e a barba de Eusébio.)... algum homem sério... de meia-idade... filho do campo... ingênuo... sincero... incapaz de um embuste... (Alisando-lhe o cabelo.) Oh! não exigirei que ele seja belo... Quanto mais feio for, menos ciúmes terei! (Eusébio cai como desfalecido numa cadeira, e Lola senta-se no colo dele.) A esse hei de amar com frenesi... com delírio! (Enche-o de beijos.)

EUSÉBIO (resistindo e gritando): Eu quero i me embora! (Ergue-se.)

LOLA: Cala-te, criança louca!...

EUSÉBIO: Criança louca! Uê!...

LOLA (com veemência): Desde que transpuseste aquela porta, senti que uma força misteriosa e magnética me impelia para os teus braços! Ora, o Gouveia! Que me importa a mim o Gouveia se és meu, se estás preso pela

tua Lola, que não te deixará fugir?

EUSÉBIO: Isso tudo é verdade?

LOLA: Estes sentimentos não se fingem! Eu adoro-te!

EUSÉBIO: Eu me conheço... Já estou um home de idade... Não sei falá como doutô da Capitá Federá...

LOLA: Mas é isso mesmo o que mais me encanta na tua pessoa!

EUSÉBIO: Quando a esmola é munta, o pobre desconfia.

LOLA: Põe à prova o meu amor! Já te não sacrifiquei o Gouveia?

EUSÉBIO: Isso é verdade.

LOLA: Pois sacrifico-te o resto!... Queres que me desfaça de tudo quanto possuo, e que vá viver contigo numa ilha deserta?... Oh! Bastam-me o teu amor e uma choupana! (Abraça-o.) Dá-me um beijo! Dá-mo como um presente do céu! (Eusébio limpa a boca com o braço e beija-a.) Ah! (Lola fecha os olhos e fica como num êxtase.)

EUSÉBIO (a parte): Seu Eusébio tá perdido! (Dá-lhe outro beijo.)

LOLA (sem abrir os olhos): Outro... outro beijo ainda... (Eusébio beija-a e ela afasta-se, esfregando os olhos.) Oh! Não será isto um sonho?

EUSÉBIO: Bom, Madama, com sua licença: eu vou me embora...

LOLA: Não; não consinto! Faço hoje anos e dou uma festa. A minha sala já está cheia de convidados.

EUSÉBIO: Ah! Por isso é que, quando eu entrei, subia uns mascarado...

LOLA: Sim; é um baile à fantasia. Precisas de um vestuário.

EUSÉBIO: Que vestuário, Madama?

LOLA: Espera. Tudo se arranjará. (Vai à porta.) Lourenço!

EUSÉBIO: Que vai fazê, Madama?

LOLA: Vais ver.

CENA IV

Os mesmos, Lourenço

LOLA (a Lourenço, que se apresenta muito respeitosamente): Vá com este senho

a uma casa de alugar vestimentas à fantasia a fim de que ele se prepare para o baile.

EUSÉBIO: Mas...

LOLA (súplice): Oh! não me digas que não! (A Lourenço.) Dê ordem ao porteiro para não deixar entrar o Sr. Gouveia. Esse moço morreu para mim!

LOURENÇO (a parte): Que diabo disto será aquilo?

LOLA (baixo, a Eusébio): Estás satisfeito? (Antes que ele responda.) Vou preparar-me também. Até logo! (Sai pela direita.)

CENA V Eusébio, Lourenço

EUSÉBIO (consigo): Sim, sinhô; isto é o que se chama vi buscá lâ e saí tosquiado! - Se Dona Fortunata soubesse... (Dando com o Lourenço.) Vamos lá, seu... Cumo o sinhô se chama?

LOURENÇO: Lourenço, para servir a V.Exa.

EUSÉBIO: Vamos lá, seu Lourenço... (Sem arredar pé de onde está.) Isto é o diabo! Enfim!... Mas que espanhola danada! (Encaminha-se para a porta e faz lugar para Lourenço passar.) Faz favô!

LOURENÇO (inclinando-se): Oh! Meu senhor... isso nunca... Eu, um cocheiro!... Então? Por obséquio!

EUSÉBIO: Passe, seu Lourenço, passe, que o sinhô é de casa e está fardado! (Lourenço passa e Eusébio acompanha-o. Mutação.)

QUADRO VII

(Rico salão de baile, profusamente iluminado)

CENA I

Rodrigues, Dolores, Mercedes, Blanche,
convidados.

(Estão todos vestidos a fantasia.)

CORO

Que lindo baile! Que bela festa!
Luzes e flores em profusão!
A nossa Lola não é modesta!
Eu sinto aos pulos o coração!

MERCEDES, DOLORES E BLANCHE

Senhores e senhoras,
Divirtam-se a faltar!
Alegremente as horas
Vejam deslizar!
A mocidade é sonho
Esplêndido e risonho

Que rápido se esvai;
Portanto, a mocidade
Com voluptuosidade
Depressa aproveitai!

BLANCHE

Dancemos, que a dança,
Se o corpo nos cansa,
A alma nos lança
Num mundo melhor!

DOLORES

Bebamos, que o vinho,
Com doce carinho,
Nos mostra o caminho
Fulgente do amor!

MERCEDES

Amemos, embora
Chegadas à hora
Da fúlgida aurora,
Deixemos de amar!
Que em nós os amores,
Tal como nas flores,
Perfumes e cores,
Não possam durar!

AS TRÊS

Dancemos!
Bebamos!
Amemos!

RODRIGUES (que está vestido de Arlequim)
Então? Que me dizem desta fantasia:
Vocês ainda não me disseram nada!..

MERCEDES: Deliciosa!

DOLORES: Magnífica!

BLANCHETTE: *Épatante!*

RODRIGUES: Saiu baratinha, porque foi feita em casa pelas meninas. Como sabem, sou o homem da família.

MERCEDES: Você confessou em casa que vinha ao baile da Lola?

RODRIGUES: Não, que isso talvez aborresse minha senhora. Eu lhe disse que ia a um baile em Petrópolis pelo Ministro Inglês...

TODAS: Ah! Ah! Ah!...

RODRIGUES (continuando):... Baile a que não podia faltar por amor de uns tantos interesses comerciais...

BLANCHETTE: Ah! Seu patife!

DOLORES: De modo que, neste momento, a sua pobre senhora julga-o em Petrópolis.

RODRIGUES (confidencialmente, muito risonho): Saí hoje de casa com minha bela fantasia dentro de uma mala de mão, e fingi que ia tomar a barca das quatro horas. Tomei mas foi um quarto do hotel, onde o austero negociante jantou e onde à noite se transformou no políctromo arlequim que estão vendo - e depois, metendo-me num carro fechado, voei a esta deliciosa mansão de encantos e prazeres. Tenho por mim toda a noite e parte do dia de amanhã, pois só tenciono voltar à tardinha. Ah! Não imaginam vocês com que saudade estou da família, e com que satisfação abraçarei a esposa e os filhos quando vier de Petrópolis!

MERCEDES: Você é na realidade um pai de família modelo!

DOLORES: Um exemplo de todas as virtudes!

BLANCHETTE: Esse vestuário de Arlequim não lhe fica bem! Você devia vestir-se de Catão!

RODRIGUES: Trocem à vontade, mas creiam que não há no Rio de Janeiro um chefe de família mais completo que eu. (Afastando-se.) Em minha casa não falta nada. (Afasta-se.)

MERCEDES: Nada, absolutamente nada, a não ser o marido.

DOLORES: É um grande tipo.

BLANCHETTE: E a graça é que a senhora paga-lhe na mesma moeda!

MERCEDES: É mais escandalosa que qualquer de nós.

DOLORES: Não quero ser má língua, mas há dias encontrei-a num bonde da Vila Isabel muito agarradinha ao Lima Gama!

BLANCHETTE: Aqueles bondes da Vila Isabel são muito comprometedores.

RODRIGUES (voltando): Que estão vocês aí a cochichar?

MERCEDES: Falávamos da vida alheia.

BLANCHETTE: Dolores contava que há dias encontrou num bonde da Vila Isabel uma senhora casada que mora em Botafogo.

RODRIGUES: Isso não tira! Talvez fosse ao Jardim Zoológico.

DOLORES: Talvez; mas o leão ia ao lado dela no bonde...

RODRIGUES: Há, efetivamente, senhoras casadas que se esquecem do decoro que devem a si e à sociedade!

AS TRÊS (com convicção): Isso há...

RODRIGUES: Por esse lado posso levantar as mãos para o céu! Tenho uma esposa virtuosa!

MERCEDES: Deus lha conserve tal qual tem sido até hoje.

RODRIGUES: Amém.

BLANCHETTE: E Lola que não aparece?

DOLORES: Está se vestindo: não tarda.

UM CONVIDADO: Oh! Que bonito par vem entrando!

TODOS: É verdade!

O CONVIDADO: Façamos alas para recebê-lo!

RODRIGUES: Propomos que o recebamos com um rataplan!

TODOS: Apoiado! Um rataplan... (Formam-se duas alas.)

CORO

Rataplan! Rataplan! Rataplan!
Oh, que elegância! Que lindo par!...
Todos os outros vem ofuscar!

CENA II

Os mesmos, Figueiredo e Benvinda
(Entra Figueiredo, vestido de Radamés,
trazendo pela mão Benvinda, vestida de
Aída.)

FIGUEIREDO

- I -

Eis Aída,
Conduzida
Pela mão de Radamés.
Vem chibante,
Coruscante,
Da cabeça até os pés!...
Que lindeza!
Que beleza!
Meus senhores aqui está
A trigueira
Mais faceira
De São João do Sabará!

CORO

A trigueira etc.

FIGUEIREDO

- II -

Diz tolices,
Parvoíces,
Se abre a boca pra falar;
Se se cala
Se não fala,
Pode as pedras encantar.
Eu a lanço
Sem descanso!
Na pontíssima estará
A trigueira
Mais faceira
De São João do Sabará!

CORO

A trigueira etc.

FIGUEIREDO: Minhas senhoras e meus
senhores, apresento, a Vossas
Excelências e Senhorias, Dona
Fredegonda, que - depois, bem
entendido, das damas que se acham
aqui presentes - é a estrela mais
cintilante do *demi-monde* carioca!

TODOS (inclinando-se): Dona Fredegonda!

FIGUEIREDO (baixo, a Benvindas):

Cumprimenta.

BENVINDA: Ó revoá!

FIGUEIREDO (baixo): Não. *Au revoir* é
quando a gente vai-se embora e não
quando chega.

BENVINDA: Entonces...

FIGUEIREDO (baixo): Cala-te! Não digas
nada!... (Alto.) Convidado pela
gentilíssima Lola para comparecer a
este forrobodó elegante, não quis
perder o magnífico ensejo, que se me
oferecia, de iniciar a formosa
Fredegonda nos insondáveis mistérios
da galanteria fluminense! Espero que
Vossas Excelências e Senhorias
queiram recebê-la com benevolência
dando o necessário desconto às
clássicas emoções da estréia, e ao
fato de ser Dona Fredegonda uma
simples roceira, quase tão selvagem
como a princesa etíope que o seu
vestuário representa.

TODOS (batendo palmas): Bravo! Bravo!
Muito bem!

BLANCHETTE (a Figueiredo): Descanse. A
iniciação desta néofita fica por nossa
conta. (Às outras.) Não é assim?

DOLORES E MERCEDES: Certamente. (As três
cercam Benvinda, que se mostra
muito encaiffada.)

FIGUEIREDO (vendo Rodrigues
aproximando-se dele): Oh! Que vejo!
Você aqui!... Você, o homem da
família, o moralista retórico e
sentimental, a palmatória do
mundo!...

RODRIGUES: Sim... é que... são coisas... estou
aqui por necessidade... por incidente...
por uma série de circunstâncias que...
que...

FIGUEIREDO: Deixe-se disso! Não há nada
mais feio que a hipocrisia! Naquela
tarde em que o encontrei no Largo
da Carioca, a mulata mostrou-me seu
cartão de visitas...

RODRIGUES: O meu?... Ah! sim, dei-lhe o
meu cartão... para...

FIGUEIREDO: Para quê?

RODRIGUES: Para...

FIGUEIREDO: Olhe, cá entre nós, que ninguém nos ouve: quer você tomar conta dela?

RODRIGUES: Quê! Pois já se aborreceu?

FIGUEIREDO: Todo o meu prazer é lançá-las, e nada mais. Você viu a *Mimi Bilontra*?

RODRIGUES: Não.

FIGUEIREDO: Mas sabe o que é lançar uma mulher?

RODRIGUES: Nesses assuntos sou hóspede... Você sabe... Sempre fui um homem da família... Mas quer me parecer que lançar uma mulher é como quem diz atirá-la na vida, iniciá-la neste meio...

FIGUEIREDO: Ah! Oui, oui! Infelizmente não creio que desta se possa fazer alguma coisa mais que uma boa companheira. É uma mulher que lhe convinha.

RODRIGUES: Mas eu não preciso de companheira! Sou casado, e, graças a Deus, a minha santa esposa...

FIGUEIREDO (atalhando): E o cartão?

RODRIGUES: Que cartão? Ah! sim, o cartão do Largo da Carioca... Mas eu não me comprometi a coisa nenhuma!

FIGUEIREDO: Bom; então não temos nada feito... Mas veja lá! Se quer...

RODRIGUES: Querer, queria... mas não com caráter definitivo!

FIGUEIREDO: Ora, vá pentear macacos! (Às últimas deixas, Eusébio tem entrado, vestido com uma dessas roupas que vulgarmente se chamam de princês. Eusébio aperta a mão aos convidados um por um. Todos se interrogam com os olhos, admirados de tão estranho convidado.)

CENA III

Os mesmos, Eusébio

EUSÉBIO (depois de apertar a mão a muitos dos circunstantes): Tá tudo oiando uns pros outro, admirado de me vê aqui! Eu fui convidado pela madama dona da casa!

BENVINDA (a parte): Sinhô Eusébio!...

FIGUEIREDO (a quem Eusébio aperta a mão, à parte): Oh! diabo! É o patrão da Benvinda!...

BLANCHETTE: Donde saiu esta figura?

DOLORES: É um homem da roça!

BLANCHETTE: Não será um doido?

EUSÉBIO (indo apertar por último a mão de Benvinda, reconhecendo-a): Benvinda!

BENVINDA: Ó revoá!

FIGUEIREDO (a parte): E ela a dar-lhe!...

EUSÉBIO: Tu também tá de fantasia, mulata! O mundo tá perdido!...

BENVINDA: Eu vim com seu Figueiredo... Mas vancê é que me admira!

EUSÉBIO: Eu vim falá ca Madama pro mode seu Gouveia... e ela me convidou pra festa... e eu tive que alugá esta vestimenta, mas vim de tilbo porque hoje é sabo de aleluia e eu não quero embrulho comigo!

FIGUEIREDO (a parte.): Oh! Bom! Foi seu professor de português!

BENVINDA: Se sinhá soubesse...

EUSÉBIO: Cala a boca! Nem pensá nisso é bão! Mas onde tá o tá seu Figueiredo? Eu sempre quero oiá pra cara dele!

BENVINDA: É aquele.

EUSÉBIO (indo a Figueiredo): Pois foi o sinhô que me desencaminhou a mulata? O sinhô, um homem branco e que já começá a pintá? Agora me alembro de vê o sinhô lá no hoté rondando a porta da gente!...

FIGUEIREDO: Estou pronto a dar-lhe todas as satisfações em qualquer terreno que mas peça... Mas há de convir que este lugar não é o mais próprio para...

EUSÉBIO (atalhando): Ora viva! Eu não quero satisfação! A mulata não é minha fia nem parenta minha! Mas lá em São João do Sabará há um home chamado seu Borge, que se souber... Um! Um!... É capaz de vi na Capitá Federá!

FIGUEIREDO: Pois que venha!...

MERCEDES: Aí chega a Lola!

TODOS: Oh! A Lola! Viva a Lola!... Viva...

CENA IV
Os mesmos, Lola

CORO

Até que enfim Lola aparece!
Até que enfim Lola cá está!
Vem tão bonita que entontece!
Lola vem cá! Lola vem já!...

(Lola entra ricamente fantasiada à
espanhola.)

LOLA

Querem todos ver a Lola!
Aqui está ela!

CORO

Aqui está ela!

LOLA

Oh, que esplêndida manola!
Não há mais bela!

CORO

Não há mais bela!

LOLA

Vejam que graça
Tem a manola!
Não é chalaça!
Não é parola!
Como se agita!
Como rebola!
Isto os excita!
Isto os consola!
O olhar brejeiro
De uma espanhola
Do mais matreiro
Transtorna a bola,
E sem pandeiro,
Nem castanhola!

CORO

Vejam que graça etc.
(Dança geral.)

FIGUEIREDO: Gentilíssima Lola, permite que
Radamés te apresente Aída!

LOLA: Folgo muito de conhecê-la. Como se
chama?

BENVINDA: Benv... (Emendando.)
Fredegonda.

EUSÉBIO (a parte): Fredegonda? Uê!
Benvinda mudou de nome!...

FIGUEIREDO: Espero que lhe empreste um
raio da tua luz fulgurante!

LOLA: Pode contar com a minha amizade.

FIGUEIREDO: Agradece.

BENVINDA: Merci.

EUSÉBIO (a parte): Aí, mulata!...

LOLA (vendo Eusébio): Bravo! Não imagine
como lhe fica bem essa fatiota!

EUSÉBIO: Diz que é vestuário de conde.

LOLA: Está irresistível!

EUSÉBIO: Só a Madama podia me metê
nestas fundura!

BLANCHETTE (a Lola): Onde foste arranjar
aquilo?

LOLA: Cala-te! É um tesouro, um roceiro
rico... e primitivo!

BLANCHETTE: Tiraste a sorte grande!

LOLA: Meus amigos, espera-os na sala de
jantar um ponche, um ponche
monumental, que mandei preparar no
intuito de animar as pernas para a
dança e os corações para o amor!

TODOS: Bravo! Bravo!...

FIGUEIREDO: Um ponche! Nesse caso, é
preciso apagar as luzes!

LOLA: Já devem estar apagadas. (A
Eusébio.) Fica. Preciso falar-te.

MERCEDES: Ao ponche, meus senhores!

TODOS: Ao ponche!...

BLANCHETTE: Vão indo. Eu já vou. Manda-
me aqui algumas taças.

DOLORES: Ao ponche!

CORO

Vamos ao ponche flamejante!
Vamos ao ponche sem tardar!
O ponche aquece um peito amante
E as cordas da alma faz vibrar!

(Saem todos, menos Lola e Eusébio.)

CENA V
Eusébio, Lola

LOLA: Oh! Finalmente sós um instante!

EUSÉBIO (em êxtase): Como a Madama tá

bonita!

LOLA: Achas?

EUSÉBIO: Juro por esta luz que nos alumeia que nunca vi uma muié tão ferosa!...

LOLA: Hei de pedir a Deus que me conserve assim por muito tempo para que eu nunca te desagrade! (Entra Lourenço com uma bandeja cheia de taças de ponche chamejante.)

CENA VI

Os mesmos, Lourenço

EUSÉBIO: Adeusinho, seu Lourenço, como passou de ind'agorinha pra cá?

LOURENÇO (imperturbável e respeitoso): Bem; agradecido a Vossa Excelência.

LOLA: Deixe a bandeja sobre esta mesa e pode retirar-se. (Lourenço obedece e vai a retirar-se.)

EUSÉBIO: Até logo, seu Lourenço. (Apertalhe a mão.)

LOURENÇO: Oh! Excelentíssimo! (Faz uma mesura e sai, lançando um olhar significativo a Lola.)

LOLA (a parte): É um bruto!

CENA VII

Lola, Eusébio

EUSÉBIO: Este seu Lourenço é muito delicado. Arruma incelência na gente que é um gosto!

LOLA (oferecendo-lhe uma taça de ponche): À nossa saúde!

EUSÉBIO: Bebida de fogo? Não! Não é o fio de meu pai!...

LOLA: Prova, que hás de gostar. (Eusébio prova.) Então, que tal? (Ele bebe toda a taça.)

EUSÉBIO: Home, é muito bão! Cumo chama isso?

LOLA: Ponche.

EUSÉBIO: Uê! Ponche não é aquela coisa que a gente veste condo amonta a cavalo?

LOLA: Aqui tens outra taça.

EUSÉBIO: Isto não faz má? Eu não tenho cabeça forte!

LOLA: Podes beber sem receio.

EUSÉBIO: Então ã nossa, pra que Deus nos livre de alguma coça! (Bebe.)

LOLA: Dize... dize que hás de ser meu... Dá-me a esperança de ser um dia amada por til!...

EUSÉBIO: Eu já gosto de Madama cumo quê!

LOLA: Não digas a Madama. Trata-me por tu.

EUSÉBIO: Não me ajeito... Pode sê que depois...

LOLA: Depois de quê?

EUSÉBIO (com riso tolo e malicioso): Ah! Ah!

LOLA (dando-lhe outra taça): Bebe!

EUSÉBIO: Ainda?

LOLA: Esgotemos juntos esta taça! (Bebe um gole e dá a taça a Eusébio.)

EUSÉBIO: Vou sabê dos seus segredo. (Bebe.)

LOLA: E eu dos teus. (Bebe.) Oh! O teu segredo é delicioso... Tu gostas muito de mim... Da tua Lola... Mas receias que eu não seja sincera... Tens medo de que eu te engane...

EUSÉBIO (indo a dar um passo e cambaleando): Minha Nossa Senhora! Eu tou fora de mim! Parece que tou sonhando!... O tá ponche tem feitiço... mas é bão... é muito bão! Quero mais!

DUETO

LOLA

Dize mais uma vez! Dize que me amas!

EUSÉBIO

Eu já disse e arrepiro!

LOLA

O coração me inflama!
Vem aos meus braços! Vem!
Assim como eu te amo, ai!
Nunca amei ninguém!
Se deste afeto duvidas,
Se me imaginas perjura,
Com essas mãos homicidas
Me cavas a sepultura!
Será o golpe certo,

A morte será horrenda!
Tu és o meu fazendeiro!
E eu sou a tua fazenda!

EUSÉBIO

Se é moda a bebedeira, tou na moda,
Pois vejo toda a casa andando à roda!

LOLA

Bebe ainda uma taça.
Agora pode ser que bem te faça.

EUSÉBIO

(depois de beber)
Não posso mais! (Atira a taça.)
Oh, Lola, eu tou perdido!

LOLA

Vem cá, meu bem querido!

JUNTOS

LOLA

Vem aos meus braços. Tou nos seus braços!
Eusébio, veem! Aqui me tem!
Os meus abraços... Mas os abraço
Te fazem bem! Não me faz bem!

EUSÉBIO

EUSÉBIO: Oh! Tou cuma fogueira aqui
dentro! Mas é tão bão! (Abraçando
Lola.) Lola, eu sou teu... Só teu... Faz de
mim o que tu quiser, minha negra!

LOLA: Meu? Isso é verdade? Tu és meu?
Meu?

EUSÉBIO: Sim, sou teu! Tá aí! E agora? Sou
teu e de mais ninguém...

LOLA: Então, esta casa é tua! És o meu
senhor, o meu dono, e como tal quero
que todos te reconheçam! (Indo à
porta e batendo palmas.) Eh! Olá!
Venham todos!... Venham todos!
(Música na orquestra.)

CENA VIII

Todos os personagens do ato.

FINAL

CORO

Lola nos chama!
Que aconteceu?

Que nos quer Lola?
Que sucedeu?

LOLA

Meus amigos, desejo neste instante
Apresentar-lhes o meu novo amante!
Ele aqui está! Eu o amo e ele me ama.

EUSÉBIO: Sim! Aqui está o home da
Madama!

TODOS: Ele!... (Admiração geral.)

LOLA

És o meu novo dono!
Pode dizer-me: És minha!
É teu, é teu somente
O meu sincero amor!
Eu dava-te o meu trono
Se fosse uma rainha!
Tu, exclusivamente,
És hoje o meu senhor!

EUSÉBIO

Sou eu seu novo dono!
Posso dizer: É minha!
É meu unicamente
O seu sincero amô!
Por ela eu me apaixonoi!
A Lola é bonitinha!
Eu, exclusivamente,
Sou hoje o seu sinhô!

LOLA

És meu novo dono! etc.

CORO

Eis o seu novo dono!
Pode dizer: É minha!
É dele unicamente
O seu sincero amor!
Gostar assim de um mono
É sorte bem mesquinha!
Ele, exclusivamente,
É hoje o seu senhor!...

FIGUEIREDO

(a Eusébio)

Nossos cumprimentos,
Meu amigo, aos centos
Queira receber!

E como hoje é trunfo,
Levado em triunfo
Agora vai ser!

(Figueiredo e Rodrigues carregam Eusébio.
Organiza-se uma pequena marcha, que faz
uma volta pela cena, levando o fazendeiro
em triunfo.)

CORO

Viva! Viva o fazendeiro
Bonachão e prazenteiro
Que de um peito bandoleiro
Os rigores abrandou,
Conquistando a linda Lola,
Essa esplêndida espanhola
Que o país da castanhola
Generoso nos mandou!

(Eusébio é posto sobre uma mesa ao
centro da cena.)

EUSÉBIO

Obrigado!
Obrigado!
Mas eu tô muito chumbado!
Vejo tudo dobrado!

LOLA

Dancem! Dancem! Tudo dance!
Ninguém canse
No cançã,
Pois quem se acha aqui presente
Tudo é gente
Folgazã!

CORO

Sim! Dancemos! Tudo dance!
Ninguém canse
No cançã,
Pois quem se acha aqui presente
Tudo é gente
Folgazã!

(Cançã desenfreado em volta da mesa.)

PANO

Ato III

Quadro VIII (A saleta de Lola)

CENA I Eusébio, Lola

(Eusébio, ridiculamente vestido à moda,
prepara um enorme cigarro mineiro. Lola,
deitada no sofá, lê um jornal e fuma.)

EUSÉBIO: Isto tá o diabo! Não sei de Dona
Fortunata... Não sei de Quinota... Não
sei de Juquinha... Não sei de seu
Gouveia... Não tenho corage de entrá
em casa!... Se eu me confessá, não
encontro um padre que me
absorva!... Lola, Lola, que diabo de
feitiço foi este?... Tu fez de mim o que
tu bem quis!

LOLA: Estás arrependido?

EUSÉBIO: Não, arrependido não tou, porque
a coisa não se pode de dizê que não
seje boa... Mas minha pobre muié
deve está furiosa!... E então quando
ela me vi assim, todo janota, co' esta
roupa de arfaiate francês, feito monsiú
da Rua do Ouvidô... Oh! Lola! Lola! As
muié é os tormento dos home!... (Lola,
que se tem levantado e que tem ido,
um tanto inquieta, até à porta da
esquerda, volta ao proscênio e vem
encostar-se ao ombo de Eusébio.)

LOLA: Ó tormento! Oh! Não...

COPLAS

- I -

Meu caro amigo, esta vida
Sem a mulher nada vai!
É sopa desenxabida,
Sem uma pedra de sal!
Se a dor torna um homem triste,
Tem ele cura, se quer;
A própria dor não resiste
Aos beijos de uma mulher!

- II -

Ao lado meu, queridinho,
Serás ditoso e feliz;
Terás todo o meu carinho,
É o meu amor que to diz.

Se tu me amas como eu te amo,
Se respondes aos meus ais,
Nada mais de ti reclamo,
Não te peço nada mais!

EUSÉBIO: Mas... me diz uma coisa, diabo,
fala tua verdade... Tu tá inteiramente
curada de seu Gouveia?

LOLA: Não me fales mais nisso! Foi um
sonho que passou. (Pausa.) A
propósito de sonho... Foste ver na
vitrine do Luís de Resende o tal
broche com que eu sonhei?

EUSÉBIO (coçando a cabeça): Fui... Sabe
quanto custa?

LOLA (com indiferença): Sei... Uma
bagatela... Um conto e oitocentos...
(Sobe e vai de novo observar à porta
da esquerda.)

EUSÉBIO (a parte): Sim, é uma bagatela... A
espanhola gosta de mim, é verdade,
mas em tão poucos dias já me custa
cinco contos de réis! E agora o
colar!...

LOLA (a parte): Que demora! (Alto,
descendo.) Mas enfim? O colar? Se é
um sacrifício, não quero!

EUSÉBIO: O home ficou de fazê um
abatimento e me mandá a resposta.

LOLA (a parte): É meu!

EUSÉBIO: Se ele deixá por um conto e
quinhento, compro! Não dou nem
mais um vintém.

LOLA (a parte): Sobem a escada. É ele!...

EUSÉBIO: Parece que vem gente. (Batem
com força à porta.): Quem é?

LOLA: Deixa. Eu vou ver. (Vai abrir a porta.
Lourenço entra arrebatadamente.
Traz óculos azuis, barbas postiças,
chapéu desabado e veste um
sobretudo com gola erguida. Lola
finge-se assustada.)

CENA II

Os mesmos, Lourenço

LOURENÇO: Minha rica senhora, folgo de
encontrá-la!

EUSÉBIO: Que é isto?

LOURENÇO: Fui entrando para não lhe dar

tempo de me mandar dizer que não
estava em casa! É esse o seu
costume!

LOLA: Senhor!

EUSÉBIO: Quem é este home danado?

LOURENÇO: Quem sou?... Um credor que
quer o seu dinheiro! Quer saber
também quem é esta senhora? Quer
saber? É uma caloteira!

LOLA: Que vergonha! (Cai sentada e cobre
o rosto com as mãos.)

EUSÉBIO: O sinhô é um grande marcriado!
Não se insurta assim uma fraca muié
que está em sua casa! Faça favô de
saí!...

LOURENÇO: Sair? Eu não saio daqui sem o
meu rico dinheiro! O senhor, que tem
cara de homem sério, naturalmente
há de julgar que sou um grosseirão,
um bruto; mas não imagina a
paciência que tenho tido até hoje!
(Batendo com a bengala no chão.)
Venho disposto a receber o meu
dinheiro!...

EUSÉBIO: Mas dinheiro de quê?

LOURENÇO: De quê? Como de quê...
Dinheiro que me deve esta senhora!
Dinheiro limpo, que me pediu há
quatorze meses para pagar no fim de
trinta dias!...

LOLA (descobrimdo o rosto, muito chorosa):
Com juros de sessenta por cento ao
ano!

LOURENÇO: Eu dispenso os juros! Isto prova
que não sou nenhum agiota! O que
eu quero, o que eu exijo, é o meu
capital, os meus dois contos de réis,
que me saíram limpinhos da algibeira
e seriam quase o dobro com juros
acumulados!

LOLA (suplicante): Senhor, eu pagarei esse
dinheiro logo que puder... Poupe-me
tamanha vergonha diante deste
cavalheiro que estimo e respeito!

LOURENÇO: Ora deixe-se de partes! Se a
senhora não se quisesse sujeitar a
estas cenas, solveria os seus
compromissos! Mas não passa, já disse,
de uma reles caloteira!...

EUSÉBIO: Home, o sinhô arrepare que eu

tou aqui! Faça o favô de vê como fala!...

LOURENÇO: Quem é o senhor? É marido desta senhora? É seu pai? É seu tio? É seu padrinho? É seu irmão? É seu parente? Com que direito intervém? Eu tenho ou não tenho razão? Fui ou não fui caloteado?

EUSÉBIO: Home, o sinhô se cale! Olhe que eu sou mineiro!

LOURENÇO: Não me calo, ora ai está! E declaro que não me retiro daqui sem estar pago e satisfeito! (Senta-se.)

EUSÉBIO: Seu home, olhe que eu...!

LOURENÇO (erguendo-se): Eh! Lá! Eh! Lá! Agora sou eu que lhe digo que se cale! O senhor não tem o direito de abrir o bico!...

LOLA (chorando): Que vergonha! Que vergonha!

EUSÉBIO (a parte): Coitadinha!...

LOURENÇO: A princípio supus que o senhor fosse o amante desta senhora. Vejo que me enganei!... Se o fosse, já teria pago por ela, e não consentiria que eu a insultasse!

EUSÉBIO: Hein?

LOLA (erguendo-se e correndo a Eusébio): Não! Não! Sou eu que não consinto que tu pagues!... Não! Não tires a carteira! Eu mesma pagarei essa dívida!

LOURENÇO: Mas há de ser hoje, porque eu não me levanto desta cadeira. (Torna a sentar-se.)

EUSÉBIO: Mas eu...

LOLA: Não! Não pagues! Esse dinheiro, pedi-o para mandá-lo a minha mãe, que está em Valladolid... Eu é que devo pagá-lo... (Voltando suplicante para Lourenço.)... mas não hoje!...

LOURENÇO (batendo com a bengala): Há de ser hoje!...

LOLA: Não posso! Não posso!...

LOURENÇO: Não pode?... Dê-me esse par de bichas que traz nas orelhas e ficarei satisfeito!

LOLA: Essas bichas custaram três contos!

LOURENÇO: São os juros.

LOLA: Pois bem! (Vai tirar as bichas.)

EUSÉBIO (pegando-lhe o braço): Não tira as bichas, Lola!... (Ao credor.) Seu desgraçado, não tenho dois conto aqui no bolso, mas me acompanha na casa do meu correspondente, na Rua de São Bento... Vem recebê o teu mardito dinheiro!

LOURENÇO (batendo com a bengala): Já disse que daqui não saio!

LOLA (abraçando Eusébio): Não, Eusébio, meu querido Eusébio! Não!...

EUSÉBIO (sem dar ouvidos a Lola): Pois não sai, não sai, desgraçado! (Desvencilhando-se de Lola.) Espera aí sentado que eu vou buscá teu dinheiro! (Sai arrebatadamente. Lola, depois de certificar-se de que ele realmente saiu, volta e desata a rir às gargalhadas. Lourenço levanta-se, tira os óculos, as barbas e o chapéu, e também ri às gargalhadas.)

CENA III

Lola, Lourenço

LOLA: Soberbo! Soberbo! Foi uma bela idéia! Toma um beijo! (Dá-lhe um beijo.)

LOURENÇO: Aceito o beijo, mas olhe que não dispenso os vinte por cento.

LOLA: Naturalmente.

LOURENÇO: Você há de convir que sou um grande artista!

LOLA: E então eu?

LOURENÇO: Você também, mas se eu me houvesse feito cômico em vez de fazer cocheiro, estava a estas horas podre de rico!

TANGO

- I -

Ai! Que jeito pro teatro!

Que vocação!

Eu faria o diabo a quatro

Num dramalhão!

Mas às rédeas e ao chicote

Jungido estou!

Sou cocheiro de cocote!

Nada mais sou!

Cumprir o nosso destino

Nem eu quis nem você quis!

Fui ator desde menino
E você foi sempre atriz!

- II -

Quando eu era mais mocinho
(Posso afiançar!)
Fiz furor num teatrinho
Particular!
Talvez outro João Caetano
Se achasse em mim.
Mas o fado desumano
Não quis assim!
Cumprir o nosso destino etc.

LOLA: Mas por que não acompanhaste o fazendeiro? Era mais seguro!

LOURENÇO: Pois eu lá me atrevia a andar por essas ruas de barbas postiças! Nada, que não queria dar com os ossos no xadrez!

LOLA: Tens agora que esperar aqui a pé firme!

LOURENÇO: Estou arrependido de ter perdoado os juros. (Batem à porta.)

LOLA: Quem será?

LOURENÇO (depois de espreitar): É o filho-família.

LOLA: Ah! O tal Duquinha? Tomaste as necessárias informações? Que me dizes desse petiz?

LOURENÇO (abanando a cabeça com ares de competência): Digo que no seu gênero não deixa de ser aproveitável... O pai é muito severo, mas a mãe, que é rica, satisfaz todos os seus caprichos... Não digo que você possa tirar dali mundos e fundos, mas é fácil obrigá-lo a contrair dívidas, se for preciso, para dar alguns presentes, e ouro é o que ouro vale.

LOLA: Manda-o entrar.

LOURENÇO: Não se demore muito, porque o fazendeiro foi a todo o vapor e não tarda aí.

LOLA: Temos tempo. A Rua São Bento é longe. (Sai. Lourenço tira o sobretudo, a que junta as barbas, os óculos e o chapéu, e vai abrir a porta a Duquinha.)

CENA IV

Duquinha, Lourenço

(Duquinha tem dezoito anos e é muito tímido.)

DUQUINHA: A senhora Dona Lola está em casa?

LOURENÇO (muito respeitoso): Sim, meu senhor... E pede a V. Exa. que tenha o obséquio de esperar alguns instantes.

DUQUINHA: Muito obrigado. (À parte.) É o cocheiro... Não sei se deva...

LOURENÇO: Como diz V. Exa.?

DUQUINHA: Se não fosse ofendê-lo, pedia que aceitasse... (Tira a carteira.)

LOURENÇO: Oh! Não!... Perdoe V.Exa... Não é orgulho; mas que diria a patroa se soubesse que eu...

DUQUINHA: Ah! Nesse caso... (Guarda a carteira.)

LOURENÇO (que ia sair, voltando): Se bem que eu estou certo que V. Exa. não diria nada à senhora Dona Lola...

DUQUINHA (tirando de novo a carteira.): Ela nunca saberá. (Dá-lhe dinheiro)

LOURENÇO: Beijo as mãos de V.Exa. A senhora Dona Lola é tão escrupulosa! (À parte.) Uma de trinta! O franguinho promete... (Sai com muitas mesuras, levando o sobretudo e demais objetos.)

CENA V

DUQUINHA: Estou trêmulo e nervoso... É a primeira vez que entro em casa de uma destas mulheres... Não pude resistir!... A Lola é tão bonita, e o outro dia, no Braço de Ouro, me lançou uns olhares tão meigos, tão provocadores, que tenho sonhado todas as noites com ela! Até versos lhe fiz, e aqui lhos trago... Quis comprar-lhe uma jóia, mas, receoso de ofendê-la, comprei apenas estas flores... Ai, Jesus! Ela aí vem! Que lhe vou dizer?...

CENA VI

Duquinha e Lola

LOLA: Não me engano: é o meu namorado

do Braço de Ouro! (Estendendo-lhe a mão.) Como tem passado?

DUQUINHA: Eu... sim... bem, obrigado; e a senhora?

LOLA: Como tens as mãos frias!

DUQUINHA: Estou muito impressionado. É uma coisa esquisita: todas as vezes que fico impressionado... fico também com as mãos frias...

LOLA: Mas não se impressione! Esteja à vontade! Parece que não lhe devo meter medo!

DUQUINHA: Pelo contrário!

LOLA (assanhado-o): Pelo contrário! (Outro tom.) São minhas essas flores?

DUQUINHA: Sim... Eu não me atrevia... (Dá-lhe as flores.)

LOLA: Ora essa! Por quê? (Depois de aspirá-las.) Que lindas são!

DUQUINHA: Trago-lhe também umas flores poéticas.

LOLA: Umas quê?...

DUQUINHA: Uns versos.

LOLA: Versos? Bravo! Não sabia que era poeta!

DUQUINHA: Sou poeta sim, senhora; mas poeta moderno decadente...

LOLA: Decadente? Nessa idade?

DUQUINHA: Nós somos todos muito novos.

LOLA: Nós quem?

DUQUINHA: Nós, os decadentes. E só podemos ser compreendidos por gente da nossa idade. As pessoas de mais de trinta anos não nos entendem.

LOLA: Se o senhor se demorasse mais algum tempo, arriscava-se a não ser compreendido por mim.

DUQUINHA: Se dá licença, leio os meus versos. (Tirando um papel de algibeira.) Quer ouvi-los?

LOLA: Com todo o prazer.

DUQUINHA (lendo):

Ó flor das flores, linda espanhola!
Como eu te adoro, como eu te adoro!

Pelos teus olhos, ó Lola! Ó Lola!
De dia canto, de noite choro,
Linda espanhola, linda espanhola!

LOLA: Dir-se-ia que o trago de canto chorado!

DUQUINHA: Ouça a segunda estrofe!

És uma santa, santa das santas!

Como eu te adoro, como eu te adoro!

Meu peito enlevas, minh'alma encantas!

Ouve meu lindo canto sonoro,

Santa das santas, santa das santas!

LOLA: Santa? Eu?... Isto é que é liberdade poética!

DUQUINHA: A mulher amada pelo poeta é sempre santa para ele! Terceira e última estrofe...

LOLA: Só três? Que pena!

DUQUINHA (lendo):

Ó flor das flores! Bela andaluza!

Como eu te adoro, como eu te adoro!

Tu és a minha pálida musa!

Desses teus lábios um beijo imploro,

Bela andaluza, bela andaluza!

LOLA: Perdão, mas eu não sou da Andaluzia; sou de Valladolid.

DUQUINHA: Pois há espanholas bonitas que não sejam andaluzas?

LOLA: Pois não! O que não há são andaluzas bonitas que não sejam espanholas.

DUQUINHA: Hei de fazer uma emenda.

LOLA: E que mais?

DUQUINHA: Como?

LOLA: O senhor trouxe-me flores... Trouxe-me versos... E não me trouxe mais nada?

DUQUINHA: Eu?

LOLA: Sim... Os versos são bonitos... As flores são cheirosas... Mas há outras coisas de que as mulheres gostam muito.

DUQUINHA: Uma caixinha de *marrons glacés*?

LOLA: Sim, não digo que não... É uma boa gulodice... Mas não é isso...

DUQUINHA: Então que é?

LOLA: Faça favor de me dizer para que se inventaram os ourives.

DUQUINHA: Ah! Já percebo... Eu devia trazer-lhe uma jóia!

LOLA: Naturalmente. As jóias são o "Sésamo, abre-te" destas cavernas de amor.

DUQUINHA: Eu quis trazer-lhe uma jóia, quis; mas receei que a senhora se ofendesse...

LOLA: Que me ofendesse?... Oh! Santa ingenuidade!... Em que é que uma

jóia , me poderia ofender? Querem ver que o meu amiguinho me toma por uma respeitável mãe de família? Creia que um simples grampo de chapéu, com um bom brilhante, produziria mais efeito que todo esse:

Como te adoro, como te adoro,
Linda espanhola, linda espanhola,
Santa das santas, santa das santas!

DUQUINHA: Vejo que lhe não agrada a Escola Decadente...

LOLA: Confesso que as jóias exercem sobre mim uma fascinação maior que a literatura, e demais, não sou mulher a quem se ofereçam versos... Vejo que o senhor não é da opinião de Bocage...

DUQUINHA: Oh! Não me fale em Bocage!

LOLA: Que mania essa de não nos tomarem pelo que somos realmente! Guarde seus versos para as donzelinhas sentimentais e ande, vá buscar o "Sésamo, abra-te" e volte amanhã. (Empurra-o para o lado da porta. Entra Lourenço.)

DUQUINHA: Mas...

LOLA: Vá, vá! Não me apareça aqui sem uma jóia. (A Lourenço.) Lourenço, conduza esse senhor até a porta. (Sai pela direita.)

DUQUINHA: Não, não é preciso, não se incomode. (À parte.) Vou pedir dinheiro a mamãe. (Sai.)

CENA VII

LOURENÇO: Às ordens de Vossa Excelência. (Só.) A Lola saiu-me uma artista de primeiríssima ordem! Bem! Vou caracterizar-me de credor, que o fazendeiro não tarda por aí. Quatrocentos mil-réis cá para o degas! Que bom! Hão de grelar esta noite no Belódromo, onde conto organizar uma mala onça! (Sai cantarolando o tango. Mutaçao.)

QUADRO IX

(No Belódromo Nacional)

CENA I

Lemos, Guedes, um Freqüentador do

Belódromo, pessoas do povo, depois amadores, depois S'il vous-plaît, depois

Lourenço

(Durante todo este ato, ouve-se a intervalos o som de uma sineta que chama os compradores à casa das pules, à esquerda, e uma voz que grita: "Vai fechar!")

CORO

Não há nada como
Vir ao Belódromo!
São estas corridas
Muito divertidas!
Desgraçadamente
Muito raramente
O povo, coitado!
Não é cá roubado!
Mas o cabeçudo,
Apesar de tudo,
Pules vai comprando,
Sempre protestando!
Tipos aqui pisam,
Mestres em cabalas,
E elas organizam
As famosas malas!
E com artimanha
(Manha mais do que arte,
Quase sempre ganha
Pífio bacamarte! (Entrada dos amadores.)

CORO DE AMADORES

Aqui estamos os melhores
Amadores
Da elegante bicicleta!
Nós corremos, prazenteiros,
Mais ligeiros,
Mais velozes que uma seta!
A todo público
Dos belódromos
Muito simpáticos
Se diz que somos.
O povo aplaude-nos
Quando vencemos,
Mas também vaia-nos
Quando perdemos!
Aqui estamos os melhores etc.

O FREQUENTADOR DO BELÓDROMO (a

Lemos e Guedes): Parece impossível...
No páreo passado joguei no número

17 por ser a data em que minha mulher morreu e, por causa das dúvidas, joguei também no número 18, por ser data em que ela foi enterrada... e ganhou o número 19! Parece impossível!...

LEMOS: É verdade! Parece! (A Guedes.)
Você já viu velho mais cabuloso?

FREQÜENTADOR: Agora vou jogar no 25...
Não pode falhar, porque a sepultura dela tem o número 525.

GUEDES: É... É isso... Vá comprar, vá.

O FREQÜENTADOR: Vou jogar uma em primeiro e duas em segundo. (Afasta-se para o lado da casa das pules.)

LEMOS: E que me dizes a esta, ó Guedes?
O S'il-vous-plaît foi arranjar tudo, e do Lourenço nem novas nem mandados!

GUEDES: Quem sabe se ele teve de levar Lola de carro a algum teatro?...

LEMOS: Qual! Não creias! Pois se ele é um cocheiro que faz da patroa o que bem quer!...

GUEDES: Está só pelo diabo! Uma mala segura, e não há dinheiro para o jogo!... Olha, aqui está de volta o S'il-vous-plaît.

S'IL-VOUS-PLAÎT (aproximando-se, vestido de corredor): Venho da pista. Está tudo combinado.

LEMOS: Sim, mas ainda não temos o melhor!
O caixa da mala não aparece!

S'IL-VOUS-PLAÎT: Que diz você? Pois o Lourenço...

GUEDES: O Lourenço até agora!

LOURENÇO (aparecendo entre eles): Que estão vocês aí a falar do Lourenço?

OS TRÊS: Ora graças!...

LOURENÇO: Vocês sabem que eu sou de palavra.... Quando digo que venho é porque venho!

LEMOS: Estávamos sobre brasas!

LOURENÇO: Já estão vendendo?

GUEDES: Há que tempos!

S'IL-VOUS-PLAÎT: Já se fez a segunda apregoação.

LOURENÇO: O que está combinado?

S'IL-VOUS-PLAÎT: Ganha o Menelik.

LOURENÇO: O Félix Fouré não corre?

S'IL-VOUS-PLAÎT: Corre.

LOURENÇO: Se tiver boa máquina, pode ganhar sem querer.

S'IL-VOUS-PLAÎT: Está combinado que ele cairá na quinta volta.

LOURENÇO: Quantas voltas são?

S'IL-VOUS-PLAÎT: Oito.

LOURENÇO: Quem mais corre?

S'IL-VOUS-PLAÎT: O Garibaldi, o Carnot e o Colibri.

LOURENÇO: Que Colibri é esse?

S'IL-VOUS-PLAÎT: É um pequenote... Um bacamarte... Não vale nada... Nem eu o meti na combinação!

LOURENÇO: Os outros quatro quanto recebem?

S'IL-VOUS-PLAÎT: Quinze mil-réis cada um.

LOURENÇO: E dez por cento dos lucros para vocês três... Bom. (Dando dinheiro a Lemos.) Tome, seu Lemos; vá comprar dez pules... (Dando dinheiro a Guedes.) Tome, seu Guedes; compre outras dez... Vá cada um por sua vez, para disfarçar... Senão, o rateio não dá para o buraco de um dente! Eu compro três cheques. Vamos. (Afastam-se todos.)

CENA II

Benvinda, Figueiredo

BENVINDA: Me deixe! Já le disse que não quero mais sabê do sinhô!

FIGUEIREDO: Por que, rapariga?

BENVINDA: O sinhô co'essa mania de querê me lançá é um cacete insuportave!
Tá sempre me dando lição e raiando comigo! Pra isso eu não precisava saí de casa de sinhô Eusébio!

FIGUEIREDO: Mas é para o teu bem que eu...

BENVINDA: Quais para meu bem nem pera nada! Hei de encontrá quem me queira mesmo falando cumo se fala na roça!

FIGUEIREDO: Estás bem aviada!

BENVINDA: Eu mesmo posso me lançá sem precisar do sinhô!

FIGUEIREDO: Oh! Mulher, olha que tu não tens nenhuma experiência no mundo. És uma tola... Uma ignorantona... Não sabes o que é a Capital Federal!

BENVINDA: Como o sinhô se engana! Eu já tou meia capitalista-federalista!

FIGUEIREDO: Bom. Tua alma, tua palma!
Estou com a minha consciência
tranqüila. Mas vê lá: se algum dia
precisares de mim, procura-me.

BENVINDA: *Merci!* (Vai-se afastando.)

FIGUEIREDO: Adeus, Fredegonda!

BENVINDA (parando): Que Fredegonda!
Assim é que o sinhô me lançô! Me
deu logo um nome tão feio que toda
a gente se ri quando ouve ele!

FIGUEIREDO: É porque não sabem a
história! Fredegonda foi uma rainha...
Era casada com Chilperico...

BENVINDA: Pois eu por minha desgraça não
sou casada nem com seu Borge. Ó
revoá. Ó revoá. (Afasta-se.)

FIGUEIREDO (só): No fundo, estou satisfeito,
porque decididamente não havia
meio de fazer dela alguma coisa...
Parece que vai chover... mas já agora
vou assistir à corrida. (Afasta-se.)

CENA III

Lourenço, Lemos, Guedes, depois o freqüentador do Belódromo

LOURENÇO: Bom! venham as pules. (Lemos
e Guedes entregam as pules, que ele
guarda.)

LEMOS: A mala não transpirou. *Félix Faure* é
o favorito.

GUEDES: Queira Deus que o *S'il-vous-plaît*
não dê com a língua nos dentes!

O FREQUËNTADOR (voltando): Comprei no
25... Mas agora me lembro... Somando
o número da sepultura dá a soma de
12, 5 e 2, 7; e 5, 12. Ora, 12 e 12 são 24.

LEMOS: 24 é o tal *Colibri*. Não deite o seu
dinheiro fora!

FREQUËNTADOR: Aceito o conselho... Já cá
tenho o 25... e não pode falhar! O diabo
é que parece que vai chover. O tempo
está muito entroviscado! (Afasta-se.)

LOURENÇO (que tem estado a calcular): Se
o Felix Faure é o favorito, o Menelik
não pode dar menos de sete mil-réis.

GUEDES: Para cima!

LOURENÇO: Separemo-nos. Creio que a
diretoria já nos traz de olho... No fim
da corrida, esperá-los-ei no lugar do

costume para a divisão dos lucros. Até
logo!

LEMOS e GUEDES: Até logo. (Afastam-se.
Benvinda volta passeando.)

CENA IV

Lourenço e Benvinda

LOURENÇO (consigo): Estes malandretes
ganham pela certa... Não arriscam
um nicolau... (Vendo Benvinda.) Não
me engano: é a celeste Aída do
sábado de aleluia... Reconhecerá ela
na minha fisolostria o cocheiro da
Lola? Vejamos! (Passa e acotovela
Benvinda.) Adeus, coração dos outros!

BENVINDA: Vá passando seu caminho e
não bula ca gente!

LOURENÇO: Tão zangada, meu Deus!

BENVINDA: Que deseja o sinhô?

LOURENÇO: Pelo menos saber onde mora.

BENVINDA: Moro na rua das casa.

LOURENÇO: Não seja má! Bem sei que é
aqui mesmo na Rua do Lavradio.

BENVINDA: Quem le disse?

LOURENÇO: Ninguém. Fui eu que lhe vi na
janela.

BENVINDA: Pois não vá lá que não lhe
arrecebo!

LOURENÇO: Por que não me arrecebe,
marvada?

BENVINDA: Vou sê franca... Só arrecebo
quem quisé me tirá desta vida. Não
nasci pra isto. Quero vivê em família.

LOURENÇO: Ah, seu benzinho! Isso é que
não pode ser! Hoje em dia não é
possível viver em família!

BENVINDA: Por quê?

LOURENÇO: Por quê? Ainda me pergunta,
amor?

COPLAS

- I -

Lourenço

Já não se encontra casa decente,
Que custe apenas uns cem mil-réis,
E os senhorios constantemente
O preço aumentam dos alugueis!
Anda o povinho muito inquieto,
E tem pudera toda razão;

Não aparece nenhum projeto
Que nos arranque desta opressão!
Um cidadão neste tempo
Não pode andar amarrado...
A gente vê-se, e adeusinho:
Cada um vai pro seu lado!

- II -

Das algibeiras some-se o cobre,
Como levado por um tufão!
Carne de vaca não come o pobre,
E qualquer dia não come pão!
Fósforo, velas, couve, quiabos,
Vinho, aguardente, milho, feijão,
Frutas, conservas, cenouras, nabos,
Tudo se vende pr'um dinheirão!
Um cidadão neste tempo etc.

BENVINDA: Tenho sede, venha pagá um
copo de cerveja.

LOURENÇO: Com muito gosto, mas da
Babilônia, que as alamoas estão pela
hora da morte!

BENVINDA: Vamo.

LOURENÇO: Como você se chama, seu
benzinho?

BENVINDA: Artemisa.

LOURENÇO: Que bonito nome! Vamos ali no
botequim do Lopes. (Saem.)

CENA V

**Eusébio, Lola, Mercedes, Dolores,
Blanchette, depois Figueiredo**

(Eusébio entra no meio das mulheres; traz o
chapéu atirado para a nuca, e um enorme
charuto. Vêm todos alegres. Acabaram de
jantar e lembraram-se de dar uma volta
pelo Belódromo.)

EUSÉBIO: Não, Lola! Tu hoje há de me deixá
i pra casa! Dona Fortunata deve está
furiosa!

LOLA: Que Dona Fortunata nem nada!

MERCEDES: Havemos de acabar a noite
num gabinete do Munchen!

DOLORES: Não o deixamos!

BLANCHETTE: Está preso!... E, demais, vamos
ter chuva!

EUSÉBIO: Na chuva já tou eu, se não me
engano. Aquele vinho é tão bão, mas

é veiaço!

FIGUEIREDO (aproximando-se): Olá! Viva a
bela sociedade!

LOLA: Olha quem ele é! O Figueiredo!

MERCEDES: O Radamés!

DOLORES: Você no Belódromo!

FIGUEIREDO: Por mero acaso... Não gosto
disto... No Rio de Janeiro não há
divertimentos que prestem! Não
temos nada, nada!

EUSÉBIO (num tom magoado): Como vai a
Fredegonda, seu Figueiredo?

FIGUEIREDO: A Fredegonda já não é
Fredegonda!

TODOS: Ah!...

FIGUEIREDO: Tornou a ser Benvinda, como
antigamente. Deixou-me!

TODOS: Deixou-o?

FIGUEIREDO: Deixou-me, e anda à procura
de alguém que saiba lançá-la melhor
do que eu!

EUSÉBIO: Uê!

FIGUEIREDO: Deve estar aqui no
Belódromo... Acompanhei-a até cá
para pedir-lhe que tivesse juízo, mas a
sua resolução é inabalável... Pobre
rapariga!...

EUSÉBIO (muito comovido, para o que
concorre o vinho que bebeu):
Coitada da Benvinda!... Podia tá
casada e agora... anda atirada por aí
como uma coisa à-toa... sem ninguém
que tome conta dela... (Com lágrimas
na voz.) Coitada... Não façun caso...
Eu vi ela pequena... Nasceu e cresceu
lá em casa... (Chorando.) Minha fia
mamou o leite da mãe dela!

TODOS: Que é isso?! Chorando?! Ora está!...

EUSÉBIO (com soluços): Que chorando que
nada! Já passou!... Não foi nada!...
Que qué vocês! Mineiro tem muito
coração!...

TODOS: Vamos lá! Que é isso? Então?...

LOLA: Há de passar. São efeitos do
Chambertin! Eusébio, onde... então?...
Vá comprar umas pules para tomar
interesse pela corrida.

EUSÉBIO: Eu não entendo disso!

FIGUEIREDO: Escolha um nome daqueles.
Olhe ali, na pedra... Ligúria, Carnot,

Menelik, Colibri e Félix Faure.

EUSÉBIO: Colibri! Eu quero Colibri!

FIGUEIREDO: Ouvi dizer que não vale nada...

É o que aqui chamam um bacamarte... Não lhe sorri nenhum dos presidentes da República Francesa?

EUSÉBIO: Não sinhô, não quero outro! Colibri é o nome de um jumento que tenho lá na fazenda.

DOLORES, MERCEDES e BLANCHETTE (ao mesmo tempo): Não faça isso! Se é bacamarte, não presta! É dinheiro deitado fora!

LOLA: Deixem-no lá! É um patife! Vá comprar cinco pules naquele guichê.

EUSÉBIO: Naquele quê?

FIGUEIREDO: Naquele buraco.

EUSÉBIO: Quanto custa?

FIGUEIREDO: Cinco pules são dez mil-réis.

EUSÉBIO: Mas como se faz?

FIGUEIREDO: Estenda o braço, meta o dinheiro dentro do buraco, abra a mão, e diga: "Colibri."

EUSÉBIO: Sim, sinhô. (Afasta-se.)

FIGUEIREDO: Pois é o que lhes conto: estou livre como o lindo amor!

MERCEDES: Se me quiser tomar sob a sua valiosa proteção...

DOLORES: Se quiser fazer a minha ventura...

BLANCHETTE: Se me quiser lançar...

LOLA: Vocês estão a ler! Ele só gosta de...

FIGUEIREDO (atalhando): De trigueira! Eu digo trigueira, por ser menos rebarbativo... Acho que as brancas são encantadoras, apetitosas, adoráveis, lindíssimas, mas que querem? Tenho cá o meu gênero...

MERCEDES: Isso é um crime!

DOLORES: Devia ser preso!

BLANCHETTE: Deportado!

LOLA: Sim, deportado... para a Costa da África!...

QUINTETO

LOLA

Ó Figueiredo, eu cá sou franca;
Estou com pena de você!

AS OUTRAS

Nós temos pena de você!

FIGUEIREDO

Façam favor, digam por quê!

LOLA

Por não gostar da mulher branca!

AS OUTRAS

Por não gostar da mulher branca!

FIGUEIREDO

Meu Deus! Deveras!
Por isso só?

TODAS

Somos Sinceras!
Causa-nos dó!

FIGUEIREDO

Oh! Oh! Oh! Oh!

TODAS

Oh! Oh! Oh! Oh!

LOLA

- I -

Pele cândida e rosada,
Cetinoso e delicada
Sempre teve algum valor!

FIGUEIREDO

Que tolice!

TODAS

Sim, senhor!

LOLA

A cor branca, pelo menos,
Era a cor da loura Vênus,
Deusa esplêndida do amor.

FIGUEIREDO

Quem lhe disse?

TODAS

Sim, senhor!

FIGUEIREDO

Se eu da Mitologia
Fosse o reformador
Vênus transformaria
Numa mulata!

TODAS

Horror!...

FIGUEIREDO

- II -

A mimosa cor do jambo
Pede um meigo ditirambo
Cinzelado com primor!

LOLA

Que tolíce!

TODAS

Não, senhor!

FIGUEIREDO

Eu com os ovos, por sistema
Deixo a clara e como a gema,
Porque tem melhor sabor.

LOLA

Quem lhe disse?

TODAS

Não, senhor!

FIGUEIREDO

Se eu da Mitologia
Fosse o reformador
Vênus transformaria
Numa mulata!

TODAS

Horror!...

JUNTOS

FIGUEIREDO

Gosto do amarelo!
Que prazer me dá!
Nada mais anelo,
Nem aspiro já!

AS COCOTES

Gosta do amarelo!
Maus exemplos dá!
Vara de marmelo
Merecia já!

EUSÉBIO (voltando): Aqui está cinco
papezinho do Colibri. Custou! Toda a
gente queria comprá! Eu meti o
dinheiro no buraco, e o home lá de

dentro perguntou: "Onde leva?" Eu
respondi: "Colibri", e ele ficou muito
espantado e disse: "É o premero que
compra nesse bacamarte."

FIGUEIREDO: Vamos ver a corrida lá de cima.

Pedirei um camarote ao Cartaxo.

TODOS: Vamos. (Saem.)

CENA VI

Benvinda, Lourenço e Povo

LOURENÇO (correndo): Correndo ainda
apanho; mas olhe que Menelik...
(Desaparece.)

BENVINDA: Não sinhô, não sinhô! Não quero
Menelik! Compre no que eu disse. (Só,
no proscênio.) Não gosto deste home:
tem cara de padre...É muito enjoado...
Nem deste, nem de nenhum... Não
gosto de ninguém... O que eu tenho a
fazê de mió é vortá para casa e pedi
perdão a sinhá véia. (Ouve-se o sinal
do fechamento do jogo.)

PESSOAS DO POVO: Fechou! Fechou! Ora, e
eu que não comprei (Dirigem-se todos
para o fundo: vão assistir à corrida.)

LOURENÇO (voltando): Sempre cheguei a
tempo de comprar a pule! (Dando a
pule a Benvinda.) Mas que lembrança
a sua de jogar no Colibri!

BENVINDA: É porque é o nome de um
burrinho que há numa fazenda onde
eu fui passá uns tempo.

LOURENÇO: Ah! É cabula? (Ouve-se um toque
de campainha elétrica.) Se ele
vencesse, você levava a casa das pules!
(Ouve-se um tiro de revólver e um
pouco de música.) Começou a corrida!
Vamos ver! (Afastam-se para o fundo.)

CENA VII

Gouveia, Fortunata e Quinota

FORTUNATA (entrando apressada à frente de
Gouveia e Quinota): Não! Não quero vê
meu fio corrê na tá história!... E logo que
acabá a corrida, levo ele pra casa, e
aqui não vorta!... Que coisa!... Benvinda
desaparece... Seu Eusébio desaparece...
Juquinha não sai do Belódromo... Tou

vendo quando me deixa!...

QUINOTA: Oh! Mamãe! Não tenha esse receio!

FORTUNATA: Que terra! Eu bem não queria vi no Rio de Janeiro!

QUINOTA: Que vida tão diversa da vida da roça! (A Gouveia.) Não ficaremos aqui depois de casados.

GOUVEIA: Por quê?

QUINOTA: A vida fluminense é cheia de sobressaltos para as verdadeiras mães de família!

FORTUNATA: Olhe seu Eusébio, um home de cinqüenta ano, que teve até agora tanto juízo! Arrespirou o á da Capitã Federá e perdeu a cabeça!

GOUVEIA: Apanhou o micróbio da pândenga!

QUINOTA: Aqui há muita liberdade e pouco escrúpulo... Faz-se ostentação do vício... Não se respeita ninguém... É uma sociedade mal constituída.

GOUVEIA: Não a supunha tão observadora...

QUINOTA: Eu sou roceira, mas não tola que não veja o mal onde se acha.

FORTUNATA: Parece que já está chovendo... Eu senti um pingão...

QUINOTA: O senhor, por exemplo, o senhor, se pensa que me engana, engana-se. Conheço perfeitamente seus defeitos.

FORTUNATA (a parte): Aí!

GOUVEIA: Os meus defeitos?

QUINOTA: Oh! São muitíssimos, e o menor deles não é querer aparentar uma fortuna que não existe. Desagradam-me esses visíveis esforços que o senhor faz para iludir os outros. O melhor partido que o senhor tem a tomar... E olhe que esse é o conselho da sua noiva, isto é, da pessoa que mais o estima neste mundo... O melhor partido que o senhor tem a tomar é abrir-se com papai... Confessar-lhe que é um jogador arrependido...

GOUVEIA: Oh! Quinota!...

FORTUNATA: Não tem ó Quinota nem nada! É a verdade!...

QUINOTA: Irá conosco para a fazenda, onde não lhe faltará ocupação.

FORTUNATA: Sim sinhô; é mió trabaia na roça que fazê vida de vagabundo na cidade!- Outro pingão!

QUINOTA: Papai precisa muito associar-se a um moço inteligente, nas suas condições. Sacrifique à sua tranqüillidade os seus prazeres; case-se, faça-se agricultor, e sua esposa, que não será muito exigente e terá muito bom-senso, todos os anos lhe dará licença para vir matar saudades daquilo a que o senhor chama o micróbio da pândenga.

GOUVEIA (a parte): Sim, senhor, pregou-me uma lição de moral mesmo nas bochechas!

FORTUNATA: Seu Gouveia, é mió a gente i pro lugá por onde Juquinha tem de saí.

GOUVEIA: Deve sair por acolá... Vamos esperá-lo na passagem. (Estendendo o braço.) É verdade, já esta chovendo.

(Saem. O final da corrida. Um toque de campainha elétrica. Pouco depois, um pouco de música. Vozeria do povo, que vem todo ao proscênio.)

CORO

Oh! Quem diria
Que ganharia
O Colibri!
Ganhou à toa!
Pule tão boa
Eu nunca vi
Aqui!

CENA VIII

Lemos, Guedes, Lourenço, o freqüentador do Belódromo, depois Eusébio, Figueiredo, Lola, Dolores, Blanche, depois S'il-vous-plaît, Juquinha, depois Fortunata, Quinota, Gouveia, depois Benvinda, depois Lourenço

LEMOS: Ganhou o Colibri! Quem diria!

GUEDES: O Colibri... Que pulão...

LOURENÇO: Que desgraça!... O Félix Faure caiu de propósito, mas por cima do Félix Faure caiu o Manelik, por cima do Manelik o Ligúria, por cima do

Ligúria, o Carnot, e o Colibri, que vinha na bagagem, não caiu por cima de ninguém e ganhou o páreo! Que palpite de mulata! Onde está ela? Vou procurá-la. (Desaparece.)

O FREQUENTADOR (a Lemos e Guedes):

Então? Eu não dizia? Ganhou o 24! Doze e doze, vinte e quatro. (Com uma idéia.) Ah!

OS DOIS: Que é?

O FREQUENTADOR: Fui um asno! 24 é data da missa de sétimo dia de minha mulher! (Lemos e Guedes afastam-se rindo.) Ora esta! ora esta!... E era um pulão! (Abre o guarda-chuva.) Chove... Naturalmente não há mais corridas hoje... (Afasta-se. Há na cena alguns guarda-chuvas abertos. Aparecem Eusébio, Figueiredo e as cacotes. Vêm todos de guarda-chuvas abertos.)

FIGUEIREDO: Bravo! Foi um tiro, seu Eusébio, foi um tiro!... O Colibri vendeu apenas seis pules e o senhor tem cinco!

S'IL-VOUS-PLAÎT (metendo-se na conversa e abrigando-se no guarda-chuva de Eusébio): Dá mais de cem mil-réis cada pule!...

EUSÉBIO: Mais de cem mil-réis? Então? Eu não disse? Com aquele nome, o menino não podia perdê! O Colibri é um jumento de muita sorte! (A S'il-vous-plaît.) O sinhô conhece ele?

S'IL-VOUS-PLAÎT: Quem? o Colibri? Sim senhor!

EUSÉBIO: Vá chamá ele. Quero lhe dá uma lambuge!

S'IL-VOUS-PLAÎT: Nem de propósito! Ele aí vem. (Chamando Juquinha, que aparece.) Ó Colibri! Está aqui um senhor que jogou cinco pules em você e quer dar-lhe uma gratificação.

JUQUINHA (aproximando-se muito lampeiro): Aqui estou, quê dê o home?

EUSÉBIO: Era o Juquinha!

JUQUINHA: Papai! (Deita a corre e foge.)

EUSÉBIO: Ah! Tratante! O Colibri era ele! Alembrou-se do jumento! E foge do pai! Ora espera lá! (Corre atrás do Juquinha e desaparece. A chuva cresce. O povo corre todo e

abandona a cena..)

LOLA: Aonde vai? Espere! (Corre atrás de Eusébio e desaparece.)

AS MULHERES: Vamos também! Vamos também! (Correm atrás de Lola e desaparecem.)

FIGUEIREDO: Então, minhas filhas? Não corram! (Vai atrás delas e desaparece.)

FORTUNATA (entrando de guarda-chuva): É ele! É ele! É seu Eusébio! (Sai correndo pelo mesmo lado.)

QUINOTA (entrando, idem): Mamãe! Mamãe! (Corre acompanhando Fortunata.)

GOUVEIA (idem): Minhas senhoras!... Minhas senhoras! (Corre e desaparece.)

BENVINDA (entrando perseguida de Lourenço, ambos de guarda-chuva): Me deixe! Me deixe!... (Desaparece.)

LOURENÇO (só em cena): Dê cá a pule, seu benzinho, dê cá a pule, que eu vou receber! (Desaparece. Mutação.)

QUADRO X

(A Rua do Ouvidor)

CENA I

1º Literato, 2º Literato, pessoas do povo, depois Fortunata, Quinota, Juquinha

CORO

Não há rua como a Rua
Que se chama do Ouvidor!
Não há outra que possua
Certamente o seu valor!
Muita gente há que se mace
Quando, seja por que for,
Passe um dia sem que passe
Pela Rua do Ouvidor!

1º LITERATO: Tens visto o Duquinha?

2º LITERATO: Qual! Depois que se meteu com Lola, ninguém mais lhe põe a vista em cima!

1º LITERATO: É pena! Um dos primeiros talentos desta geração...

2º LITERATO: Apaixonado por uma cocote!

1º LITERATO: Felizmente a arte lucra alguma coisa com isso... O Duquinha faz magníficos versos à Lola. Ainda ontem

me deu uns, que são puros Verlaine.
Vou publicá-los no segundo número
da minha revista.

2º LITERATO: Que está para sair há seis meses?

1º LITERATO: Oh! vê que linda rapariga ali vem!

2º LITERATO: Parece gente da roça. (Ficam,
de longe, a examinar Quinota, que
entra com a mãe e o irmão. Vêm
todos três carregados de embrulhos.)

FORTUNATA: Vamo, minha fia, vamo tomá o
bonde no Largo de São Francisco. As
nossa compra está feita. Amenhã
vamos embora!

QUINOTA: Sem papai?

FORTUNATA: Ele que vá quando quisé. Hei
de mostrar que lá em casa não
precisa de home!

QUINOTA: E.. seu Gouveia?

FORTUNATA: Não me fale de seu Gouveia!
Há oito dia não aparece! Faz cumo
teu pai! Foi mió assim... Havia de sê
muito mal morrido!

JUQUINHA: Eu não quero i pra fazenda!

FORTUNATA: Eu te amostró se tu vai ou não
vai! Anda pra frente! (Vão saindo.)

1º LITERATO (à Quinota): Adeus, tetéia!

FORTUNATA: Quem é que é tetéia? Arrepita
a gracinha, seu desavergonhado, e
verá como le parto este chapéu-de-só
no lombo!... (Risadas.) Vamo!... Vamo!...
Que terra!... Eu bem não queria vi no
Rio de Janeiro! (Saem entre risadas.)

CENA II

**1º Literato, 2º Literato, pessoas do povo,
depois Duquinha**

2º Literato: Tu ainda um dia te sais mal com
esse maldito costume de bulir com as
moças!

1º LITERATO: Nada disse que a ofendesse.
"Adeus, tetéia" não é precisamente
um insulto.

2º LITERATO: Pois sim, mas que farias tu se
dissessem o mesmo à tua irmã?

1º LITERATO: Não é a mesma coisa! Minha
irmã é...

2º LITERATO: Não é melhor que as irmã dos
outros. (Entra Duquinha, vem pálido e
com grandes olheiras.)

DUQUINHA: Ah! Meus amigos! Meus amigos!

Se soubessem o que me aconteceu?

OS DOIS: O que foi?

DUQUINHA: Ainda não estou em mim!

OS DOIS: Fala!

DUQUINHA: O fazendeiro... Aquele
fazendeiro de quem lhes falei...

OS DOIS: Sim!

DUQUINHA: Apanhou-me com a boca na
botija!...

1º LITERATO: Mas que tem isso?

DUQUINHA: Como que tem isso? Aquele
homem é rico! Dava tudo à Lola!

2º LITERATO: Tu também não lhe davas pouco!

DUQUINHA (vivamente): Dinheiro nunca lhe
dei, nem ela o aceitaria...

1º LITERATO: Pois sim!

DUQUINHA: Jóias... vestidos... pares de
luvas...leques... chapéus... dinheiro
nem um vintém. Quem sempre me
apanhava algum era o Lourenço, o
cocheiro.

2º LITERATO: És um pateta! Mas conta-nos
isso!

DUQUINHA: Estávamos ela e eu na saleta e
o bruto dormia na sala de jantar. Eu
tinha levado à Lola umas pérolas com
que ela sonhou... Vocês não
imaginam como aquela rapariga
sonha com coisas caras!

1º LITERATO: Imaginamos! Adiante!

DUQUINHA: Eu lia para ela ouvir os meus
últimos versos... Aqueles que te dei
para a revista...

Depois que te amo, depois que és
minha,

Nado em delícia, nado em delícia...

1º LITERATO: Eu sei, Verlaine puro.

DUQUINHA: Obrigado. No fim de cada
estrofe, eu dava-lhe um beijo... um
beijo quente e apaixonado... um beijo
de poeta... Pois bem, depois da
terceira estrofe:

Oh! se algum dia, destino fero

Nos separasse, nos separasse...

1º LITERATO (continuando):

O que faria contar não quero...

DUQUINHA

Que se o contasse, que se o contasse...

No fim dessa estrofe, Lola, que esperava a

deixa, estende-me a face, eu beijo-a e o fazendeiro, de pé na porta da saleta, com aqueles olhos esbugalhados, dá este grito: Ah! Seu pelintreca!...

2º LITERATO: E tu?

DUQUINHA: Eu?... Eu... eu cá estou. Não sei o que mais aconteceu. Quando dei por mim, estava dentro de um bonde elétrico, tocando a toda para a cidade!...

1º LITERATO: Fizeste uma bonita figura, não há dúvida! Podes limpar a mão à parede!

DUQUINHA: Por quê?

1º LITERATO: Essa mulher não te perdoará nunca tal covardia!

2º LITERATO: Olha, o melhor que tens a fazer é não voltares lá!

DUQUINHA: Ah! Meu amigo! Isso é bom de dizer, mas eu estou apaixonado...

2º LITERATO: Tu estás mas fazendo asneiras! Onde vais buscar dinheiro para essas loucuras?

DUQUINHA: Mamãe tem me dado algum... Mas confesso que contraí algumas dívidas, e não pequenas. Ora adeus! não pensemos em coisas tristes, e vamos tomar alguma coisa alegre!

OS DOIS: Vamos lá!

(Afastam-se pela direita, cumprimentando Mercedes, Dolores e Blanche, que entram por esse lado e se encontram com Lola, que entra da esquerda, muita nervosa e agitada. Figueiredo entra da direita, observa as cocotes, pára e, colocado por trás, ouve tudo quanto elas dizem.)

CENA III

**Lola, Mercedes, Dolores, Blanche,
Figueiredo, pessoas do povo, depois
Duquinha**

LOLA: Ah: Ah! Venham cá. Estou aflitíssima. Não calculam vocês que série de desgraças!

AS OUTRAS: Que foi? que foi?

**LOLA
RONDÓ**

Com o Duquinha há pouco eu estava
Na saleta a conversar,

E o Eusébio ressonava
Lá na sala de jantar.
O Duquinha uns versos lia,
Mas não lia sem parar,
Que a leitura interrompia
Para uns beijos me furta;
Mas ao quarto ou quinto beijo,
Sem se fazer anunciar,
Entra o Eusébio, e o poeta vejo
Dar um grito e pôr-se a andar!
Pretendi novos enganos,
Novas tricas inventar,
Mas o Eusébio pôs-se a panos:
Não me quis acreditar!
Vendo a sorte assim fugir-me,
Vendo o Eusébio se escapar,
Fui ao quarto pra vestir-me
E sair para o apanhar.
Mas no quarto vi, de chofre,
'Stive quase a desmaiar!
Vi as portas do meu cofre
Abertas de par em par!
O ladrão foi o cocheiro!
Nada ali me quis deixar!
Levou jóias e dinheiro!
Que nem posso avaliar!

BLANCHETTE: O cofre aberto!

DOLORES: Jóias e dinheiro!

MERCEDES: O cocheiro!

LOLA: Sim, o cocheiro, o Lourenço, que desapareceu!

BLANCHETTE: Mas como soubeste que foi ele.

LOLA: Por esta carta, a única coisa que encontrei no cofre! Ainda por cima escarneceu de mim! (Tem tirado a carta da algibeira.)

MERCEDES: Deixa ver.

LOLA: Depois! Agora vamos à polícia! Não! à polícia não!

AS TRÊS: Por quê?

LOLA: Não convém. Logo saberão por quê. Vamos a um advogado! (Julga guardar a carta, mas está tão nervosa que deixa-a cair.) Vamos.

AS TRÊS: Vamos! (Vão saindo e encontram com Duquinha.)

DUQUINHA: Lola!

LOLA (dando-lhe um empurrão): Vá para o diabo!

AS TRÊS: Vá para o diabo! (Saem as cocotes, Figueiredo disfarça e apanha a carta que Lola deixou cair.)

DUQUINHA (consigo): Estou desmoralizado! Ela não me perdoa o ter saído, deixando-a entregue à fúria do fazendeiro! Sou um desgraçado! Que hei de fazer?... Vou desabafar em verso... Não! Vou tomar uma bebedeira!... (Sai.)

CENA IV

Figueiredo, Pessoas do Povo

FIGUEIREDO: Ora aqui está como uma pessoa, sem querer, vem ao conhecimento de tanta coisa! Vejamos o que o cocheiro lhe deixou escrito. (Põe a luneta e lê.) "Lola. Eu sou um pouco mais artista que tu. Saio da tua casa sem me despedir de ti, mas levo, como recordação da tua pessoa, as jóias e o dinheiro que pude apanhar no teu cofre. Cala-te; se fazes escândalo, ficas de mau partido, porque eu te digo: 1º, que de combinação representamos uma comédia pra extorquir dinheiro ao Eusébio; 2º, que induziste um filho-família a contrair dívidas para presentear-te com jóias; 3º, que nunca foste espanhola e sim ilhoa; 4º, que foste a amante do teu ex-cocheiro Lourenço." Sim, senhor, é de muita força a tal senhora Dona Lola!... Não há, juro que não há mulata capaz de tanta pouca vergonha! (Sai.)

CENA V

Gouveia, pessoas do povo, depois Pinheiro
(Gouveia traz as botas rotas, a barba por fazer, um aspecto geral de miséria e desânimo.)

GOUVEIA: Ninguém que me visse ainda há tão pouco tempo tão cheio de jóias, acreditará que não tenho dinheiro nem crédito para comprar um par de sapatos! Há oito dias não vou à casa de minha noiva, porque tenho vergonha de

lhe aparecer neste estado!

PINHEIRO (aparecendo): Oh! Gouveia!
Como vai isso?

GOUVEIA: Mal, meu amigo, muito mal...

PINHEIRO: Mas que quer isto dizer? Não me pareces o mesmo! Tens a barba crescida, a roupa no fio... Desapareceu do teu dedo aquele esplêndido e escandaloso farol, e tens umas botas que riem da tua esbodegação!

GOUVEIA: Fala à vontade. Eu mereço os teus remoques.

PINHEIRO: E dizer que já me quiseste pagar, com juros de cento por cento, dez mil-réis que eu te havia emprestado!

GOUVEIA: Por sinal, que disseste, creio, que esses dez mil-réis ficavam ao meu dispor.

PINHEIRO: Ficavam. (Tirando dinheiro do bolso.) Cá estão eles. Mas, como um par de botinas não se compra com dez mil-réis, aqui tens vinte... sem juros. Pagarás quando quiseres.

GOUVEIA: Obrigado, Pinheiro: bem se vê que tens uma alma grande e nunca jogaste à roleta.

PINHEIRO: Nada! Sempre achei que o jogo, seja ele qual for, não leva ninguém para diante. Adeus, Gouveia... Aparece! Agora, que estás pobre, isso não te será difícil... (Sai.)

CENA VI

Gouveia, depois Eusébio

GOUVEIA: Como este tipo faz pagar caro os seus vinte mil-réis! Ah! ele apanhou-me descalço! Enfim vamos comprar os sapatos! (Vai saindo e encontra-se com Eusébio, que entra cabisbaixo.) Oh! O sr. Eusébio!...

EUSÉBIO: Ora! Inda bem que le encontro!...

GOUVEIA (à parte): Naturalmente já voltou à casa... Como está sentido!.. Vai falar-me de Quinota!...

EUSÉBIO: Hoje de manhã encontrei ela beijando um mocinho!

GOUVEIA: Hein?

EUSÉBIO: É levada do diabo! Não sei como o sinhô pôde gostá dela!

GOUVEIA: Ora essa! A ponto de querer

casar-me!

EUSÉBIO: Era uma burrice!

GOUVEIA: Custa-me crer que ela...

EUSÉBIO: Pois creia! Beijando um mocinho, um pelintreca, seu Gouveia!... Veja o sinhô de que serviu gastá tanto dinheiro com ela!...

GOUVEIA: Sim, o senhor educou-a bem... ensinou-lhe muita coisa...

EUSÉBIO (vivamente): Não, sinhô! Não ensinei nada!... Ela já sabia tudo! O sinhô, sim! Se arguém ensinou foi o sinhô e não eu! Beijando um pelintreca, seu Gouveia!...

GOUVEIA: Dona Fortunata não viu nada?

EUSÉBIO: Dona Fortunata?... Uê!... Como é que haveria de vê?... Olhe, eu lá não vorto!

GOUVEIA: Não volta! Ora esta!

EUSÉBIO: Não quero mais sabê dela.

GOUVEIA: Deve lembrar-se que é pai!

EUSÉBIO: Por isso mesmo! Ah! Seu Gouveia, se arrependimento sarvasse... Bem; o sinhô vai me apadrinhá, como noutra tempo se fazia cum preto fugido... Não me atrevo a entrá in casa sozinho depois de tantos dias de osença!

GOUVEIA: Em casa? Pois o senhor não me acaba de dizer que lá não volta porque Dona Quinota...

EUSÉBIO: Quem le falou de Quinota?

GOUVEIA: Quem foi então que o senhor encontrou aos beijos com um pelintreca? Ah! Agora percebo! A Lola!...

EUSÉBIO: Pois quem haveria de sê?

GOUVEIA: E eu supus... Onde tinha a cabeça?... Perdoa, Quinota, perdoa! Vamos, Senhor Eusébio... Eu o apadrinharei, mas com uma condição: o senhor por sua vez me há de apadrinhar a mim, porque eu também não apareço à minha noiva há muitos dias!

EUSÉBIO: Por quê?

GOUVEIA: Em caminho tudo lhe direi. (À parte.) Aceito o conselho de Quinota: vou abrir-me. (Alto) Tenho ainda que comprar um par de sapatos e fazer a barba.

EUSÉBIO: Vamo, seu Gouveia! (Saem. Ao mesmo tempo aparece Lourenço

perseguido por Lola, Mercedes, Dolores e Blanche.)

CENA VIII

Lourenço, Lola, Mercedes, Dolores, Blanche, pessoas do povo

LOLA e os **OUTROS:** Pega ladrão! (Lourenço é agarrado por pessoas do povo e dois soldados qua aparecem. Grande vozaria e confusão. Apitos. Mutaçãõ.)

QUADRO XI

(O sôtão ocupado pela família de Eusébio.)

CENA I

Juquinha, depois Fortunata, depois Quinota

JUQUINHA (entrando a correr da esquerda): Mamãe! Mamãe!

FORTUNATA (entrando da direita): Que é, menino?

JUQUINHA: Papai tá il

FORTUNATA: Tá i?

JUQUINHA: Eu encontrei ele ali no canto e ele me disse que viesse vê se va'mecê tava zangada, que se tivesse, ele não entrava.

FORTUNATA: Oh! Aquele home, aquele home o que merecia! Vai, vai dizê a ele que não tô zangada!

JUQUINHA: Seu Gouveia tá junto co ele.

FORTUNATA: Bem! Venha todos dois. (Juca sai correndo.) Quinota, Quinota!

A VOZ DE QUINOTA: Senhora?

FORTUNATA: Vem cá, minha fia. Eu não ganho nada me consumindo. Já tou véia; não quero me amofiná. (Entra Quinota.) Quinota, teu pai vem aí... Mas o que está arresolvido está: amenhã de menhã vamo embora.

QUINOTA: E seu Gouveia?

FORTUNATA: Também vem aí.

QUINOTA (contente): Ah!

FORTUNATA: Não quero mais ficá numa terra onde os marido passa dias e noite fora de casa...

CENA II

Fortunata, Quinota, Juquinha, Eusébio,

depois Gouveia

JUQUINHA (entrando): Tá i papai!

EUSÉBIO (da porta): Posso entrá? Não temo briga?

QUINOTA: Estando eu aqui, não há disso!

FORTUNATA: Sim, minha fia, tu é o anjo da paz.

QUINOTA (tomando o pai pela mão): Venha cá. (Tomando Fortunata pela mão.) Vamos! Abracem-se!...

FORTUNATA (abraçando-o): Diabo de home, véio sem juízo!

EUSÉBIO: Foi uma maluquice que me deu! Raie, raie, Dona Fortunata!

FORTUNATA: Pai de fia casadeira!

EUSÉBIO: Tá bom! Tá bom! Juro que nunca mais! Mas deixe le dizê...

FORTUNATA: Não! Não diga nada! Não se defenda! É mió que as coisa fique como está.

JUQUINHA: Seu Gouveia tá no corredô.

QUINOTA: Ah! (Vai buscar Gouveia pela mão. Gouveia entra manquejando.)

EUSÉBIO: Assim é que o sinhô me apadrinhou?

GOUVEIA: Deixe-me! Estes sapatos novos fazem-me ver estrelas.

FORTUNATA: Seu Gouveia, le participo que amenhã de menhã tomo de viage.

EUSÉBIO: Já conversei co ele.

GOUVEIA (à Quinota): Eu abri-me.

EUSÉBIO: Ele vai coa gente. Não tem que fazê aqui. Tá na pindaíba, mas é o memo. Casa com Quinota e fica sendo meu sócio na fazenda.

QUINOTA: Ah! Papai! Quanto lhe agradeço!

JUQUINHA: A Benvinda tá i.

TODOS: A Benvinda!

FORTUNATA: Não quero vê ela! Não quero vê ela!

(Quinota vai buscar Benvinda, que entra a chorar, vestida como no 1º quadro, e ajoelha-se aos pés de Fortunata.)

CENA III

Os mesmos, Benvinda

BENVINDA: Tô muito arrependida! Não valeu a pena!

FORTUNATA: Rua, sua desavergonhada!

EUSÉBIO: Tenha pena da mulata.

FORTUNATA: Rua!

QUINOTA: Mamãe, lembre-se de que eu mamei o mesmo leite que ela.

FORTUNATA: Não seja má, Dona Fortunata. Ela também apanhou o micróbio da pândega.

FORTUNATA: Pois bem, mas se não se comportá direito... (Benvinda vai para junto de Juquinha.)

EUSÉBIO (Baixo, à Fortunata): Ela há de casá com seu Borge... Eu dou o dote...

FORTUNATA: Mas seu Borge...

EUSÉBIO: Quem não sabe é como quem não vê. (Alto.) A vida da capitá não se fez para nós... E que tem isso? É na roça, é no campo, é no sertão, é na lavoura que está a vida e o progresso da nossa querida pátria. (Mutaçãõ.)

QUADRO XII

(Apoteose à vida rural.)

F I M

As músicas desta peça foram compostas por Nicolino Milano, Doutor Pacheco e Luís Moreira.

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,

livres de pagamento de direitos autorais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação das personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 2333, 9º andar
Cep.: 01301-980 - São Paulo - SP**

ANOTAÇÕES!



IMPrensa OFICIAL
DO ESTADO S. A. IMESP
SAO PAULO - BRASIL
1996